



Phoenix Campinense

REVISTA DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS
Nova Fase N.3 Campinas, SP Outubro de 2025



Copyright © 2025 – Academia Campinense de Letras

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Editoração e Capa: Tom Costa

Jornalista Responsável: Acadêmico Gustavo Osmar Corrêa Mazzola / Registro Profissional: 169/SP NS 3298

Diretor: Acadêmico Luno Volpato

Comissão Editorial e revisora: Acadêmica Ana Maria Melo Negrão

Acadêmico Sérgio Castanho

Acadêmica Olga Rodrigues Moraes von Simson

Acadêmico Agostinho Tóffoli Tavoraro

Acadêmico Duílio Battistoni Filho.

Acadêmico Flávio Quilici.

Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora ou da Academia Campinense de Letras.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

T234r Negrão, Ana Maria Melo.

Phoenix Campinense – Revista da Academia Campinense de Letras – Nova Fase – n. 3

Organizadora: Ana Maria Melo Negrão,

1. ed. Campinas, SP : Pontes Editores, 2025; fotografias.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-217-0826-1.

1. ACL - Campinas – SP. 2. Literatura. 3. Cidades do Estado de São Paulo

I. Título. II. Assunto. III. Organizadora. IV. Autores

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura 800

2. História de São Paulo. 981.61

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS
Rua Marechal Deodoro 525, Centro -
Campinas - SP - 13010-300
Fone 19 3231.2854

PONTES EDITORES
Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 – Jd. Chapadão
Campinas – SP – 13070-118
Fone 19 3252.6011
ponteseditores@ponteseditores.com.br
www.ponteseditores.com.br

Phoenix **Campinense**

REVISTA DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Nova Fase N.3 Campinas, SP Outubro de 2025



DIRETORIA ACL - 2025-2026

Presidente - Ana Maria Melo Negrão - **Cadeira 8**
Vice-presidente - Flávio Antônio Quilici - **Cadeira 5**
1º. Secretário – Marino Di Tella Ferreira - **Cadeira 38**
2º. Secretário - Germano Denisale Ferreira Júnior- **Cadeira 29**
1º. Tesoureiro – Maria Cristina de Oliveira - **Cadeira 3**
2º. Tesoureiro – Romilda Aparecida Baldin - **Cadeira 39**
Diretor de Biblioteca - Sérgio Eduardo Montes Castanho - **Cadeira 31**
Diretor de Patrimônio – Adilson Roberto Gonçalves - **Cadeira 7**
Diretor de Divulgação e Relações Públicas – Ítalo Hamilton Barioni - **Cadeira 28**
Diretor de Relações Internacionais – Agostinho T. Tavoraro - **Cadeira 40**

DIRETORES ADJUNTOS:

Jorge Alves de Lima - **Cadeira 2**
Duílio Battistoni Filho - **Cadeira 25**
Geraldo Affonso Muzzi - **Cadeira 6**
Sérgio Caponi – **Cadeira 26**
Luno Volpato - **Cadeira 11**
Carlos Cruz - **Cadeira 15**

COMISSÃO DE CONTAS:

Titulares

Adelmo Emerenciano - **Cadeira 1.**
Antônio Suárez de Abreu – **Cadeira 20.**
Gilson Barreto – **Cad. 21**

Suplente

Ademir José da Silva - **Cadeira 35**

COMISSÃO DE EVENTOS LITERÁRIOS:

Margareth Brandini Park - **Cadeira 4**
Maria Cristina de Oliveira - **Cadeira 3**
Tereza Aparecida Asta Gemignani - **Cad 33**
Vera Pessagno Bréscia - **Cadeira 24**
Ademir José da Silva - **Cadeira 35**

COMISSÃO ELEITORAL

Jorge Alves de Lima - **Cadeira 2**
Luís Antônio Alves Torrano – **Cad. 27**
Agostinho Tóffoli Tavoraro - **Cadeira 40**
Luno Volpato - **Cadeira 11**

COMISSÃO DA REVISTA ACADÊMICA

Ana Maria Melo Negrão - **Cadeira 8**
Olga Rodrigues Moraes von Simson – **Cadeira 32**
Sérgio Eduardo Montes Castanho - **Cadeira 31**
Gustavo Mazzola - **Cadeira 14.**
Luno Volpato - **Cadeira 11**

CADEIRAS, PATRONOS E ACADÊMICOS 2025

Cadeira 1 - Patrono - Leopoldo Amaral

Acad. Adelmo da Silva Emerenciano

Cadeira 2 - Patrono - Dom João Nery

Acad. Jorge Alves de Lima

Cadeira 3 - Patrono - Carlos de Laet

Acad. Maria Cristina de Oliveira

Cadeira 4 - Patrono - Afrânio Peixoto

Acad. Margareth Brandini Park

Cadeira 5 - Patrono - João Lourenço Rodrigues

Acad. Flávio Antonio Quilici.

Cadeira 6 - Patrono - César Bierrenbach

Acad. Geraldo Affonso Muzzi

Cadeira 7 - Patrono - Euclides da Cunha

Acad. Adilson Roberto Gonçalves.

Cadeira 8 - Patrono - Hildebrando Siqueira

Acad. Ana Maria Melo Negrão.

Cadeira 9 - Patrono - Monteiro Lobato

Acad. Eliane Morelli Abrahão

Cadeira 10 - Patrono - Pe. Leonel França

Acad. Odair Leitão Alonso

Cadeira 11 - Patrono - Júlio de Mesquita

Acad. Luno Volpato.

Cadeira 12 - Patrono - Francisco de Moraes Júnior

Acad. Marina Becker

Cadeira 13 - Patrono - Castro Alves

Acad. Pedro Laudinor Goergen.

Cadeira 14 - Patrono - Bernardo de Souza Campos

Acad. Gustavo Osmar Corrêa Mazzola.

Cadeira 15 - Patrono - Ruy Barbosa

Acad. Carlos Alberto Cruz Filho.

Cadeira 16 - Patrono - Tomaz Alves

Acad. Hécio Maciel França Madeira.

Cadeira 17 - Patrono - Afonso de Taunay

Acad. Antonio de Pádua Báfero

Cadeira 18 - Patrono - Arnaldo Vieira de Carvalho

Acad. Círiolo Luiz Pardo Meo Muraro.

Cadeira 19 - Patrono - Amadeu Amaral

Acad. João Francisco Régis de Moraes

Cadeira 20 - Patrono - Rodrigues de Abreu

Acad. Antônio Suárez Abreu.

Cadeira 21 - Patrono - Artur Segurado

Acad. Gilson Barreto

Cadeira 22 - Patrono - Oliveira Viana

Acad. Carlos Alberto Marchi de Queiroz.

Cadeira 23 - Patrono - Alberto de Oliveira

Acad. Carlos Alberto Vogt

Cadeira 24 - Patrono - Benedito Otávio

Acad. Emérito Luiz Carlos Ribeiro Borges

Acad. Vera Pessagno Bréscia

Cadeira 25 - Patrono - João Batista Pupo de Moraes

Acad. Duílio Battistoni Filho.

Cadeira 26 - Patrono - Ricardo Gumbleton Daunt

Acad. Sérgio Galvão Caponi

Cadeira 27 - Patrono - Custódio Manuel Alves

Acad. Luiz Antônio Alves Torrano.

Cadeira 28 - Patrono - Pelágio Álvares Lobo

Acad. Ítalo Hamilton Barioni

Cadeira 29 - Patrono - Paulo Álvares Lobo

Acad. Germano Denisale Ferreira Júnior.

Cadeira 30 - Patrono - Humberto de Campos Veras

Acad. André Gonçalves Fernandes.

Cadeira 31 - Patrono - Plínio Barreto

Acad. Sérgio Eduardo Montes Castanho.

Cadeira 32 - Patrono - Vital Brasil

Acad. Olga Rodrigues Moraes von Simson.

Cadeira 33 - Patrono - Sud Menucci

Acad. Tereza Ap. Asta Gemignani.

Cadeira 34 - Patrono - José de Sá Nunes

Acad. Walter Vieira

Cadeira 35 - Patrono - D. Francisco de Aquino Correia

Acad. Ademir José da Silva.

Cadeira 36 - Patrono - Carlos Willian Stevenson

Acad. Regina Márcia Moura Tavares.

Cadeira 37 - Patrono - Francisco Quirino dos Santos

Acad. Ivanilde Baracho de Alencar

Cadeira 38 - Patrono - Manuel Ferraz de Campos Sales

Acad. Marino DI Tella Ferreira.

Cadeira 39 - Patrono - José de Anchieta

Acad. Romilda Ap. Cazissi Baldin.

Cadeira 40 - Patrono - Antônio Álvares Lobo

Acad. Agostinho Toffoli Tavolaro.

SUMÁRIO

O QUE DIZ A PRESIDENTE	9
<i>Ana Maria Melo Negrão</i>	
BENEDITO SAMPAI “A NOSSA ACADEMIA E A MULHER”.	11
<i>Jorge Alves de Lima</i>	
WILSON: CRIATIVIDADE E HUMANIDADES	14
<i>Sérgio Castanho</i>	
POEMAS	18
<i>Marina Becker</i>	
CLARICE LISPECTOR NASCEU NA GUERRA CIVIL DA UCRÂNIA PARA CURAR A MÃE	25
<i>Ana Maria Melo Negrão</i>	
CANTO	30
<i>Adilson Roberto Gonçalves</i>	
FRIBURGO: HISTÓRIA, TRADIÇÃO E TURISMO EM CAMPINAS	37
<i>Maria Cristina de Oliveira</i>	
HISTÓRIAS DA FAMÍLIA_O TOURO DO “SEO” BARTOLOMEI	43
<i>Agostinho Toffoli Tavolaro (Arquivo Correio Popular)</i>	
POESIA EM DACHAU	46
<i>Marino Di Tella Ferreira</i>	
PROFESSOR EDUARDO DE OLIVEIRA: VIDA, OBRA E LEGADO	50
<i>Ademir José da Silva</i>	
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA ALEMÃ EM CAMPINAS	55
<i>Duílio Battistoni Filho</i>	
CIDADE DENTRO	59
<i>Ezequiel Theodoro da Silva</i>	
BRINCADEIRAS E NATUREZA	61
<i>Margareth Brandini Park</i>	
A VIAGEM DOS SONHOS	65
<i>Luno Volpato</i>	
“FINITUDE DA VIDA”	69
<i>Flávio A. Quilici</i>	
NO AMOR, VEMOS AS COISAS COMO ELAS SÃO?	72
<i>André Gonçalves Fernandes</i>	
NEM TUDO ACABAVA BEM NOS ASSUNTOS DA VILA INDUSTRIAL	78
<i>Vera Pessagno Brésica</i>	

POLÍTICAS CULTURAIS PARA A DIVERSIDADE CULTURAL	81
<i>Regina Márcia M. Tavares</i>	
LIBERDADE AINDA QUE TARDIA ONDE O AMOR NÃO DEU CERTO	84
<i>Walter Vieira</i>	
OS MAIS NOBRES COMPROMISSOS	90
<i>Gustavo Mazzola</i>	
COM MENOS, TEM-SE MAIS	93
<i>Denise de Arruda Leite Dupas</i>	
VERÍSSIMO	96
<i>Adelmo da Silva Emerenciano</i>	
SILÊNCIO...	97
<i>Martha Cimiterra</i>	
ÉTICA E AMOR	100
<i>Maria Eugênia Castanho</i>	
ENTRE SONHOS E DECISÕES: RUMO AO FUTURO	106
<i>Bárbara Giudice Negrão</i>	
“HUMANIDADE E TECNOLOGIA: A BUSCA DO EQUILÍBRIO”	110
<i>Carlos Cruz e Davi Lamas</i>	
MARVEJOLS (E SUAS CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS)	114
<i>Luiz Carlos Ribeiro Borges</i>	
“ PRO BRASILIA FIANT EXIMIA”	120
<i>Germano Denisale Ferreira Junior</i>	
O ESTRESSE POSITIVO	123
<i>Tabajara Dias de Andrade</i>	
O MAIOR GOLPE DO AMOR APLICADO EM CAMPINAS	128
<i>Carlos Alberto Marchi de Queiroz</i>	
QUEM ME DERA	131
<i>Antonio Contente</i>	
O PRÍNCIPE PEQUENO	134
<i>Sérgio Galvão Caponi</i>	
A CHAMA DO DIREITO E O IDEAL DE JUSTIÇA	140
<i>José Carlos Ortiz</i>	
NOSSA LÍNGUA EM TRÊS TEMPOS	143
<i>Janete Vicari Barbosa</i>	

O QUE DIZ A PRESIDENTE

Ana Maria Melo Negrão

Assim como outros poetas e filósofos, desde a Antiguidade clássica até nossos dias, eu também me questiono sobre os motivos que me levam a escrever, e, principalmente, a escrever poesia. Por que escrevo? Para que escrevo? Qual a função daquilo que escrevo? Caio naquelas respostas fundamentais aventadas por Raul Castagnino em “Que és literatura?”: Literatura é sinfronismo, baseado na emoção criadora, marcando a obra com as características da universalidade; literatura é função lúdica do espírito, jogo, prazer estético; literatura é evasão, necessidade de fuga, de êxtase, de sublimação das paixões; literatura é compromisso, consciência com o mundo e com a vida, que é uma dolorosa imposição; literatura é a ânsia de imortalidade, de consagração, pois todo autor dedica sua obra ao tempo, o mais sábio e severo dos juízes. Fiandeira, Raquel Naveira – Campo Grande, MS. Life Editora. 2023.p.119,



Com grande alegria e senso de missão cumprida, apresentamos aos nossos leitores o terceiro número da Revista **PHOENIX CAMPINENSE**, publicação da nossa insigne **Academia Campinense de Letras**, que se consolida como espaço de expressão, memória e diálogo entre os que cultivam a palavra escrita.

Esta edição, referente ao segundo semestre de 2025, reafirma o compromisso da Academia com a promoção da cultura literária, acolhendo a diversidade de vozes que ecoam das páginas que se seguem. Em prosa e verso, os acadêmicos — e também os talentosos amigos da casa — brindam-nos com textos que emocionam, provocam reflexão, êxtase e, acima de tudo, revelam a vitalidade criativa de nosso tempo.

Cada contribuição aqui reunida é mais do que um texto: é uma semente de pensamento, sensibilidade e inspiração. E não por acaso escolhemos este nome em literatura para nossa revista PHOENIX CAMPINENSE, pois representa também

despertar e honrar as nossas tradições literárias e, a partir delas, lançar novos olhares sobre o mundo. É esse espírito que move nossas ações e publicações.

Agradeço, com especial carinho, aos nossos autores, colaboradores, membros da comissão editorial e apoiadores que tornam possível este projeto. Que esta revista alcance os corações de seus leitores e inspire novas páginas, novos voos poéticos, novas incursões em fatos históricos, novas luzes, novos escritos. Desejo a todos que a leitura dessas páginas preencham o que preceitua o professor argentino, Raul Castagnino, ao conceituar literatura na epígrafe desta singela fala da presidente.

BENEDITO SAMPAIO

“A NOSSA ACADEMIA E A MULHER”.



Jorge Alves de Lima

Neste domingo, distintos leitores e leitoras, do quase centenário Correio Popular, vamos ler o nosso último artigo desta série em que abordamos os passos iniciais do nosso cenáculo cultural com a publicação do artigo do professor Benedito Sampaio com o título “A Nossa Academia e a Mulher”. O referido artigo foi publicado no Correio Popular:

“Numa das reportagens do Correio Popular, diversas senhoras campineiras, três ou quatro se não me engano, que foram entrevistadas e ouvidas para se pronunciarem sobre a Academia Campinense de Letras, houveram por bem aplaudi-la. Assim pelo acertado da escolha de seus fundadores, como pela judiciosa eleição, que deu acolhida a outros intelectuais.

Estranharam, entretanto, terem os acadêmicos deliberado, o que a elas lhes parece rotineiro, não aceitar a colaboração feminina. Aham que talvez se estejam curvando os imortais aos ditames de um preconceito que já é hora de ir sendo superado; que assim vai a Academia fora do seu tempo, mostrando-se alheia ao progresso vertiginoso que invade, empolga e transforma todas as manifestações da atividade humana. Perguntam ainda se a inteligência da Mulher é menos robusta e criadora que a do homem.

Ora, na Academia e fora dela, creio eu, não pode haver homem culto e sensato que não reconheça os dotes do espírito e de inteligência do Belo Sexo. A mulher não se reverencia e ama unicamente pela bondade do coração, ou porque são ternos e formosos. Safo, poetisa da Grécia, conhecemo-la antes pela sedução de seus versos, do que pelo seus lindos olhos, ou pelo magnetismo do seu sorriso; Santa Tereza de Jesus,

pelo retrato que dela conheço, não foi bonita, mas foi formosa pelas suas virtudes, é admirável pelos seus escritos, que são joias da Literatura Castelhana; em França, e em outras nações a mulher se tem immortalizado pelo talento; perto de nós, no pequenino e amoroso Portugal, aí pelos anos de quinhentos, a uma plêiade de senhoras sábias se deu o nome de Academia Feminina, em virtude de sua extraordinária cultura. Citemo-las: as duas Sigeas, a infanta D. Maria, Paula Vicente, Públia Hortência... E cá dentro de nossa terra, ocorrem-me nomes sobejamente conhecidos e festejados de Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia, Lúcia Pereira, Gilas Machado, Eneida de Moraes, Raquel de Queiróz, Anita de Sousa, Cecília Meireles, entre outras, que com maior ou menor brilho cintilam no panorama de nossa Literatura. E Carolina Micaelis, aquele assombro de ciência filosófica?

E paremos aqui, concluindo que não passa de rematada tolice, negar à Mulher aptidões intelectuais.

Entretanto, confesso que estou com os acadêmicos, por outra razão, que me parece de suma importância para a família, para a sociedade, para a Pátria. Vejo que, pouco a pouco se vai afastando da prole o Anjo do Lar! A dona de casa, para mim, não é a senhora que tem a casa, não é a proprietária, mas a Mãe que, a maior parte do tempo, pode responder que “já vai indo” quando o filhinho chora, ou chama pela Mamãe. É preciso que a Mulher, o quanto antes e quando for possível, volte para o centro do Amor. A Mulher é a alegria, é a luz, é a vida da casa! Quando volta o marido, cansado ou aborrecido, só com vê-la foge-lhe o cansaço e o tédio, e é no seu sorriso amoroso que bebe novas forças para as rudes batalhas da vida.

Mas sou de parecer que a nossa Academia procure e encontre algum modo de reconhecer e premiar o valor artístico, científico, e literário da Mulher Campineira. Estou que deve dignar-se de galardear a inteligência e cultura feminina. Mas não se lhe deem, à Mulher, obrigações e deveres que a roubem a seus amores, que são os seus filhos, e a seu lar que devem ser as suas delícias.

-Mas então - objeta-me uma senhorinha moderna e masculina, na sua calça de homem, e a chupar o amor de um cigarrinho cheiroso - mas então vejo que o senhor propõe um lar clausura e uma mulher freira.

- Não senhorinha das fumaças, não! Para isso seria mister chamado do Alto, a clausura seria imenso sacrifício, se a vocação não transformasse a vida das freirinhas num florescer de rosas. Nem quero ser as suas governanças, as suas ancilas, mas debaixo de seus olhos de atalaia. E reparta-se prudentemente entre o lar e os livros, o seus dois grandes amores. E nem se arreceie de que não lhe sobejem, gostosas horas

de ócio, para os divertimentos sãos, para passeios honestos, para a alegria das vistas afetuosas.

Ter-me-á agora compreendido a senhorinha das fumaças?”

O artigo do prof. Benedito Sampaio, distintos leitores e leitoras, deve ser analisado pela visão daquela época!

Porém, na atualidade a mulher escritora de real talento, ocupa importante assento na Academia Campinense de Letras.

E elas são personificadas na real imagem e brilho cintilante da presidente do nosso sodalício doutora e professora Ana Maria Melo Negrão, ombreada por tantas outras, Ivanilde Baracho de Alencar, Marina Becker, Tereza Asta Gemignani, Regina Márcia Moura Tavares, Olga von Simson, Margareth Brandini Park, Maria Cristina Oliveira, Romilda Baldin, Vera Pessagno, Isolde Helena Brans, Arita Pettená... e tantas outras que já partiram, Cecília Prada (indicada ao Prêmio Nobel de Literatura), Quinita Sampaio Serrano, Ana Suzuki, Maria Conceição Arruda Toledo (1ª. presidente da ACL, Maria José Pupo Nogueira, Célia Siqueira Farjallat, Maria Dezone, Nair Santana Moscoso, Maria Lúcia Rangel Ricci, Maria Celestina Teixeira Mendes... e tantas outras que ainda virão.

JORGE ALVES DE LIMA

Escritor, historiador, membro da Academia Paulista de História, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Academia Campinense de Letras.

Instagram: @jorgealvesdelima

WILSON: CRIATIVIDADE E HUMANIDADES



S Sérgio Castanho

Em setembro de 2023 recebi um convite irrecusável. Meu filho, Sérgio como eu, convidou-me a uma viagem aos Estados Unidos, especificamente a Washington D. C., onde cumpriríamos uma agenda cultural intensa e altamente significativa. Sérgio já vive nesse grande país do norte há mais de uma década, em companhia da esposa e quatro filhos, todos estudantes, dois na Universidade da Flórida. O pai dessa prole é engenheiro pela Unicamp e tem mestrado (MBA) pelo INSEAD na França. Atualmente é empresário ligado à área da transição energética.

Não detalharei tudo o que fizemos na capital estadunidense. Destacarei apenas a visita ao *Smithsonian Museum for Natural History*, no qual me detive particularmente na seção da “Evolução das Espécies”. O mesmo fizera eu anteriormente na Espanha, no museu de Burgos, próximo à Serra de Atapuerca, onde está situado um dos maiores jazimentos paleoantropológicos do mundo. Outro destino na visita cultural de Washington foi ao conjunto dos memoriais dos grandes vultos históricos da nação norte-americana, com destaque para o memorial de Jefferson, cujo legado venho estudando há algum tempo. Interessa-me particularmente o cotejo entre Thomas Jefferson e Benjamin Franklin.

Em ambos os locais visitados adquiri obras de grande valor para as minhas investigações. Do museu smithsoniano saliento o livro do premiado Edward Wilson, *The Origins of Creativity* (As origens da criatividade). Do memorial trouxe *The Autobiography of Thomas Jefferson*, com uma soberba introdução por Michael Zuckerman.

Hoje o foco vai para o primeiro, Edward Wilson, reconhecido em todo o mundo como um proeminente biólogo e naturalista. Foi professor emérito da Universidade de Harvard. É autor de mais de trinta livros dedicados à sua especialidade paleontológica.

Destaca-se sobretudo pela aproximação que faz entre o olhar científico naturalista e a visão humanística da história do planeta. Recebeu dois prêmios Pulitzer por “Sobre a Natureza Humana” (1979) e “As Formigas” (1991). Foi vencedor também do importante Prêmio Crafoord, dado pela Real Academia Sueca de Ciências para as áreas não cobertas pelo Prêmio Nobel.

Lendo sua obra sobre as origens da criatividade, separei para este artigo alguns pontos que me pareceram relevantes. Vamos a eles.

Antes de tudo, o que entende nosso para-Nobel por criatividade? Para ele, “é o único e definitivo traço de nossa espécie. É seu objetivo final: o que somos, como chegaremos a ser e qual destino, se é que há algum, irá determinar nossa trajetória histórica futura”.

A força motriz da criatividade, continua Wilson, “é o amor instintivo da humanidade por novidade: a descoberta de novas entidades e processos, a solução de antigos desafios e a abertura de novos, a surpresa histórica de fatos e teorias não antecipados, o prazer de novas faces, a emoção de novos mundos. Julgamos a criatividade pela magnitude da resposta emocional que ela evoca”. Os objetivos alcançados levam a novos objetivos – e a busca não termina nunca. Neste ponto, Edward Wilson já antecipa uma de suas teses favoritas: nessa busca, os dois ramos da aprendizagem, a ciência e as humanidades, são complementares. Ao longo do livro em foco, Wilson irá aprofundar e detalhar o papel dos estudos científicos e humanísticos na explicação de qualquer fenômeno, apelando para as três categorias básicas: o quê, como e por quê.

Sobre as humanidades (a filosofia, as artes, a religião e assim por diante) as grandes perguntas são: quando e por que surgiram. Se pensarmos em artefatos como as flautas feitas de ossos de aves, não iremos retroceder mais do que trinta mil anos. No entanto, diz Wilson, o nascimento das humanidades deu-se muito antes do aparecimento de tais artefatos, algo como um milhão de anos. E se deram no local e nas circunstâncias que, de acordo com a reflexão, pareceram ser as mais lógicas: nas fogueiras noturnas dos primeiros acampamentos humanos.

Por mais profundas que sejam as descobertas do cientista Edward Wilson, ele não deixa de ser um professor que desenvolve com paciência e muita didática a narração de seus estudos. Assim é que logo no segundo capítulo desse seu livro ele nos relembra que a história cuida da evolução cultural, ao passo que a pré-história trata da evolução genética. A pré-história nos diz não somente o que aconteceu antes da história cultural, mas também por que a espécie humana como um todo seguiu uma particular trajetória e não outra.

A capacidade craniana aumentou bastante no decorrer da evolução dos pré-humanos próximos aos chimpanzés, quando era de 400 centímetros cúbicos há três milhões de anos, até aos humanos da nossa espécie *Homo sapiens*, há 250 mil anos, quando chegou a 1.300 cm³. Eu pude observar em exposição no *Simithsonian* a sequência das réplicas verdadeiras desses crânios.

O principal instrumento da criatividade é a linguagem. Wilson chega a dizer que a linguagem não é só uma criação da humanidade, ela é a humanidade.

Outro ponto muito interessante trabalhado por Wilson é o da inovação. A inovação é um requisito básico para que a linguagem seja convertida em arte. Estamos diante de uma obra de arte literária quando a linguagem empregada seja inovadora quanto ao estilo e à metáfora, quando produza uma surpresa estética, enfim quando produza no leitor um prazer duradouro. O exemplo que o autor fornece é o das linhas de abertura do romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov, onde ele vê grandeza (*greatness*).

A surpresa estética é outro atributo inerente à literatura criativa. A arte séria, seja qual for seu suporte, um entalhe, um escrito, uma imagem, apanha você à primeira vista. E com você permanece longo tempo, levando sua mente a rememorar seu conteúdo, talvez para compreender seu significado global, talvez para revisitar um fragmento por puro prazer.

Tal arte séria apresenta a surpresa estética, ou meramente pela sua beleza, ou, por outro lado, pelo fato de instintivamente nos levar para o seu significado mais profundo. Para sustentar essa tese, Wilson recorre a diversas obras e artistas, como Gustav Klimt, Francis Bacon e Picasso. É tão rica a análise a que Edward Wilson submete obras de arte pictórica, romances, fábulas e ensaios que não posso fazer mais do que sugerir ao leitor a leitura direta de seu texto.

Ainda haveria muitos outros pontos a abordar sobre a criatividade e as humanidades no excelente livro de Wilson sobre o assunto. Mas por hoje paramos aqui, apenas acrescentando um lamento de nosso autor pelo desprezo acadêmico em relação às humanidades quando cotejadas com o brilho dado às ciências pelos *scholars*:

“As humanidades, particularmente as artes criativas e a filosofia, continuam a perder estima e apoio relativamente às ciências por duas principais razões. Primeira: seus líderes mantiveram teimosamente escondido dentro da estreita bolha audiovisual que nós herdamos a postura de nossos ancestrais pré-humanos. Segunda: eles prestaram escassa atenção para as razões pelas quais quando (e não apenas como) nossa espécie pensante adquiriu seus traços distintivos. Assim, ignorando a maior parte do mundo ao nosso redor, e separadas de suas raízes, as humanidades permanecem desnecessariamente estacionadas”.

REFERÊNCIA

WILSON, Edward O. *The origins of creativity*. First Edition. New York, USA: Liveright Publishing Corporation, 2017.

SÉRGIO CASTANHO

Graduado em Direito (1964) pela PUC-Campinas. Mestre (1987) e Doutor (1993) em Filosofia e História da Educação pela Unicamp. Participou na UESB, Bahia, de 2005 a 2007, como docente, pesquisador e orientador de tese, do seu Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Presentemente, professor doutor colaborador da Unicamp em História da Educação e pesquisador junto ao grupo Histedbr. Tem experiência nos temas: História Cultural e História da Educação, Formação de professores na história do Brasil, Educação e Trabalho na Colônia e no Império, Teoria da História e história da educação. Autor de obras literárias e de reflexão filosófica e histórica. Foi o primeiro Secretário Municipal de Cultura de Campinas, no ano de sua fundação (1975). Ocupa a cadeira 31 da Academia Campinense de Letras. É titular e fundador do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas. E-mail: sem.castanho@gmail.com

POEMAS



Marina Becker

ESTRANHAMENTO

Tantas vezes parece
que um imenso vazio tão leve
caiu macio
feito neve

Tantas vezes parece
que escondi meu olhar
por trás dos olhos
e nos loucos percursos da mente
na curvatura do espaço
no sorvedouro do tempo
na respiração suspensa
na pausa
enovelei o fio do horizonte

Tantas vezes parece
que tudo passou
já faz tempo
que este rio já correu
por baixo da ponte
que não há
nenhum pássaro ferido
e que a vida foi ontem



PATÉTICO

O que procuras, coração inquieto,
candidamente aventureiro e ousado,
lembranças do ritmo brejeiro
que possuías quando apaixonado?

Pulsas chorinho e bates carinhoso,
a soluçar tão doidas esperanças,
que nem cabes no peito que arrebatas
nesta falta de chão em que ora danças.

Será que já esqueceste dos noturnos
em que choravas fugas, tão sem brio?
Por que não te resguardas em silêncio,
e em paz encerras teus sonhos vadios?

O que pretendes, coração teimoso,
se já carregas tantas cicatrizes,
feitas a ferro, a fogo, nas geleiras
e vendavais que te negam raízes?

Não bastou a lição que o amor já trouxe,
na valente procura tão sofrida?
Nada aprendeste e ainda precisas
de quantas mortes? E de quantas vidas?

SAUDADE

Saudade é o espinho na alma ferida
que anseia em profundo a unidade perdida.
É o grito de dor que a roseira assustada
sufoca ao sentir sua flor arrancada.

Saudade é o sopro incessante na brasa,
é a sobra da festa, é o silêncio na casa.
É a lágrima presa que estreita a garganta

num mudo soluço que a dor agiganta.

Saudade é o olhar que se espraia vadio,
buscando um perfil no imenso vazio.
Saudade é de tudo sentir-se ausente,
é a luz que se apaga, é o sorriso que mente.

Saudade é a presença escondida na ausência,
é ária tristonha em brumosa cadência.
Saudade é palavra. A emoção é inefável.
Só a sabe quem sente. E a sabe incurável.

ÍMOLA

Porque tinha asas queria voar
Não o deteve a certeza do perigo
a sombria premonição do abismo
a morte que rondava
e se fazia pressentida
a fragilidade o risco a lida
a vida



Impulsionava-o um não sei quê
de anjo de louco de cometa
E viajava no sopro divino que sentia
nos gritos da torcida
e que reverberava
na solidão da cápsula da glória
entre o forte ronco dos motores

Porque tinha asas queria voar
Como o pássaro que se lança ao fogo
não podia parar
E voou

ferindo a fundo o coração de tanta gente

que viu seu herói idolatrado
tão doce tão meigo
tão amado
ser imolado
em Ímola

MANGA ROSA

Velha cozinha caipira
tempo a escorrer devagar
fogão de lenha a pedir
boa vontade gravetos
e palha para acordar
o fogo a dormir na brasa
Há preguiça em toda a casa

E logo a chama crepita
e se ergue poderosa
em longa língua a lamber
e esquentar a chapa escura
O espaço vai se tingindo
com o róseo do aconchego
Brando espraiar de sossego

O alumínio reluzente
o velho bule de ágata
a louça branca na mesa
as toalhas desbotadas
paredes enfumaçadas
gerânio em vaso de lata
bonito que nem de prata

O enorme tacho de cobre
e o esfrega-esfrega limão
para tirar o azinhavre
porque a faina do outro dia

é fazer doce de leite
pra comer com requeijão
Haverá maior deleite?

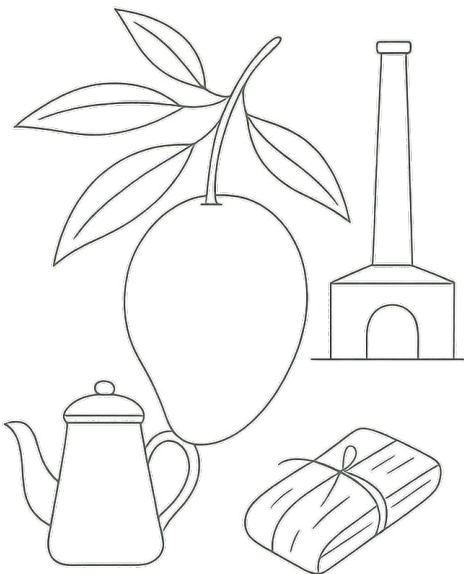
O clarão da lua cheia
em noite ébria de estrelas
invade a janela estreita
e suaviza o reflexo
do fogo que em tons candentes
sarabanda no fogão
aquecendo o coração

Em precárias prateleiras
pregos arames cordões
réstias de alho cebolas
queijo fresco meia cura
marmelada goiabada
linguiça potes de banha
E aquela fome tamanha

Batata doce entre as brasas
café moído na hora
milho cozido curau
e embrulhada em lençóis verdes
com muito queijo e canela
chega a esperada pamonha
pra comer sem ter vergonha

De vez em quando um mugido
do gado que foi dormir
acompanha a cantoria
do violeiro na varanda
debulhando em nostalgia
velhas toadas de amores
Mundo velho em velhas cores

Maritacas sossegaram
os grilos já despertaram



e com as lanternas acesas
velhos rivais das estrelas
vagabundos vaga-lumes
a iluminar a algazarra
de uma boêmia cigarra

E a prosa a fluir tão fácil
com a mansidão de um regato
A brisa traz o perfume
da terra após chuva leve
dos jardins dos cafezais
dos pomares dos currais
e um sono a não poder mais

Num canto uma cesta enorme
com frutos doces que são
beijos molhados da terra.
E entre seus cheiros descubro
que a vida vive é na roça
que paz é casa cheirosa
e alegria é manga rosa

AOS OLHOS DO POETA

Aos olhos do poeta a meia lua
mágica e fina lâmina no céu
é espada sarracena a rasgar véus
de donzelas guardadas em clausura

Aos olhos do poeta a noite escura
é o dossel que de longe o sol espia
concebendo o milagre de outro dia
em conluios de amor com a loucura.

Aos olhos do poeta a vida é areia
onde vai desenhando os seus poemas

que o tempo, às vezes, colhe nas bateias

Aos olhos do poeta a madrugada
é oceano de luz. É a hora suprema,
quando abraça a poesia. A eterna amada.

MARINA BECKER

Advogada aposentada, mestre em Direito Penal, formada em Direito, História e Pedagogia. Foi professora universitária na UNIUB, diretora, supervisora e delegada de ensino. Publicou *Turva Mirada* (poemas) e *Tentativa Criminosa – Doutrina e Jurisprudência* (Ed. Siciliano e Ed. Millenium, 2ª edição). É membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira 12. Rabisca versos e contos.

E-mail: marinabecker@uol.com.br

CLARICE LISPECTOR NASCEU NA GUERRA CIVIL DA UCRÂNIA PARA CURAR A MÃE



Ana Maria Melo Negrão

Quem imaginaria que cem anos após a Guerra civil Russa, vislumbraríamos, em fevereiro de 2022, o conflito entre a Rússia e Ucrânia! Com perdão do clichê, a história se repete, a impactar-nos com o terror da destruição, da fome, das mortes, das orfandades!

Laços históricos e culturais uniram e separaram a Rússia e Ucrânia. Esse legado advém do século nono quando Kiev, atual capital da Ucrânia, era o ponto central do primeiro Estado eslavo, com povo chamado “rus”. Esse Estado medieval Rus de Kiev gerou a Ucrânia e a Rússia, cuja capital Moscou foi fundada 3 séculos depois, com línguas ucraniana, bielorrussa e russa. Por esse histórico de unir Ucrânia, Belarus e Rússia como único reino Rus, renasceu a convicção de que russos e ucranianos são um todo único a reacender a guerra que vemos com perplexidade.

Após a revolução Russa de 1917, os bolcheviques venceram as forças anti-revolucionárias, iniciando as origens da União Soviética fundada em 30 de dezembro de 1922. A Ucrânia foi uma de suas quinze repúblicas, com contínuos embates. Momento turbulento como explica o professor de história Anderson Prado do Instituto Federal do Paraná: “Quando se dá a revolução russa, os Bolcheviques tomam o poder, imediatamente estoura uma guerra civil. E essa guerra civil vai durar de 1918 a 1921. São três anos de guerra civil. Ao mesmo tempo em que se dá essa guerra civil na Rússia e países próximos, estoura a guerra civil ucraniana”.

Clarice Lispector, batizada Chaya – (vida em hebraico), nasceu em 10.12. 1920, em Chechelnik - Ucrânia estava arruinada pela guerra. Seus pais Pinkhas e Mania Lispector, comerciantes judeus, sofriam fome e medo dos violentos “*pogroms*” ataques antisemitas, por motivos políticos e religiosos.

O escritor Benjamin Moser, recente biógrafo de Clarice Lispector, nas suas pesquisas em escritos da irmã de Clarice, a escritora Elisa Lispector, deduziu que Mania havia sido vítima, em 1919 de um *progron* e estuprada por vários soldados, contaminando-se com sífilis. Como naquela época havia um mito de que o nascimento de uma criança curaria a mãe de doença grave, Mania engravidou e nasceu Chaya, a caçula do casal, com essa missão curativa.

Embora Moser tenha feito intensa pesquisa sobre Clarice, com idas à Ucrânia, entrevistas com ucranianos, análise de documentos e de livros de Elisa Lispector, seu texto “Clarice, uma biografia” de 752 páginas é contestado quanto ao estupro de Mania e à sífilis adquirida por demais biógrafos de Clarice, por ausência de provas concretas e legítimas.

A família Lispector, em meados de 1921, enfrentou terríveis dificuldades pelas estradas com um bebê de colo em meio a frio intenso, para fugir da Ucrânia. Alojaram-se em um pequeno povoado romeno. Pinkhas, em Bucareste, conseguiu passaportes para a família, emitidos no Consulado da Rússia. Em Hamburgo, a bordo do navio Cuyabá, a família veio para o Brasil, onde já morava Zina, irmã de Mania. Ao chegarem a Maceió, em 1922, os Lispectores constavam na estatística dos fugitivos e tiveram que assumir nomes brasileiros. Pinkhas torna-se Pedro, Mania passa a Marieta, as filhas Leah vira Elisa, Tcharna torna-se Tânia e a pequena Chaya, com um ano e três meses, Clarice.

Figura 1- Família Lispector da esquerda à direita: (Mania) Marieta, (Leah) Elisa, (Tcharna) Tânia, (Pinkhas) Pedro, (Chaya) Clarice.



Fonte: <https://www.blogletras.com/2014/12/clarice-lispector-travessia-da-linguagem.htm>

Três anos a família ficou em Maceió e Pinkhas sobrevivia vendendo roupas. Com a doença de Mania a progredir, Pinkhas procurou outro local para viver. Com Clarice aos 5 anos, mudaram-se para Recife e residiram em um sobrado na Praça Maciel Pinheiro. Desde pequena, a futura escritora sabia que nascera com a missão de salvar a mãe. Criava e encenava histórias à sua mãe, já em cadeira de rodas, para alegrá-la e curá-la.

Em 21.9.1930, **Marieta Lispector** faleceu vítima de sífilis e deixou Clarice desolada, aos 9 anos de idade, segundo Moser, com sentimento de culpa por não ter conseguido salvar a mãe da sífilis contraída no estupro.

Clarice pouco falava da terra natal e da infância. Mas, em 1976, no MIS Rio de Janeiro, Clarice confessou a Marina Colassanti: *“Minha mãe era parálitica e eu morria de sentimento de culpa, porque pensava que tinha provocado isso quando nasci. Mas disseram que ela já era parálitica... Eu era tão alegre que escondia de mim a dor de ver a minha mãe assim...”*

Também Clarice revelou em uma crônica “Pertencer” de 15.6.1968 no Jornal do Brasil: *“Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas eu, eu não me perdoo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. Então, sim: eu teria pertencido a meu pai e a minha mãe.”*

No conto “Restos de Carnaval”, com lances autobiográficos, Clarice escreve: *“Três horas da tarde. Muitas coisas que me aconteceram piores que estas eu já perdoei. No entanto, essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, com os cabelos enrolados e sem batom e ruge – minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou na casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. Fui correndo vestida de rosa – mas o rosto ainda nu não tinha máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil – fui correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava. Quando horas depois a atmosfera em casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim.”*

Com tanta anexação e separação entre a Rússia e Ucrânia, questões ficaram em aberto. A nacionalidade de Clarice seria russa ou ucraniana? Na época de seu

nascimento a Ucrânia pertencia à Rússia ou vivia a independência? Por que Clarice omitia a idade, ao dizer que chegou ao Brasil com dois meses? Seria medo de ser deportada? A questão fica mais complexa na carta em que Clarice pede ao presidente Getúlio Vargas sua naturalização. *“Uma russa de 21 anos de idade e que está no Brasil há 21 anos menos alguns meses. Que não conhece uma só palavra de russo (...) Que não tem pai nem mãe — o primeiro, assim como as irmãs da signatária, brasileiro naturalizado — e que por isso não se sente de modo algum presa ao país de onde veio, nem sequer por ouvir relatos sobre ele. Que deseja casar-se com brasileiro e ter filhos brasileiros. Que, se fosse obrigada a voltar à Rússia, lá se sentiria irremediavelmente estrangeira, sem amigos, sem profissão, sem esperanças.”*

No Rio de Janeiro, Clarice foi a primeira aluna judia a graduar-se em Direito na Universidade do Brasil, 1943, sem exercer a carreira. Sonhava com a redação de jornais, e colocava em suas colunas femininas uma pitada de irreverência. De estilo inusitado lançou Perto do Coração Selvagem, o primeiro de muitos outros a torná-la uma das maiores escritoras do Brasil, enigmática, intimista, estilo próprio, liberta de moldes literários. Viajou pelo mundo ao lado do marido diplomata. Nunca deixou de lado a literatura. Enfileiram-se as obras: A Cidade Sitiada, A Maçã no Escuro, A Paixão Segundo G.H., O Livro dos Prazeres, Água Viva e Um Sopro de Vida, A Descoberta do Mundo...

A Hora da Estrela, seu último livro, representa segundo Moser a compilação da vida toda de Clarice. Macabéia expressa a origem judaica e retrata os locais da infância e adultez de Clarice – nordeste e Rio de Janeiro. O nome Macabéia refere-se à passagem bíblica de Judas Macabeu na defesa da liberdade e valores do judaísmo. Macabéia sofria com ovários anômicos cabendo conexão com o câncer de ovário de Clarice. Pouco antes de morrer, após forte hemorragia, impedida de sair do quarto pela amiga Olga Borelli, Clarice disse a ela: “ – **Morreu uma estrela, foi chegada a hora, como Macabéia: Você matou meu personagem**”.

Clarice faleceu em 9.12.1977, um dia antes de completar 57 anos. A morte trouxe a revelação do verdadeiro nome judaico: **Chaya Pinkhasovna Lispector**. Como 10 de dezembro era shabbat, não haveria sepultamento. O corpo foi velado desde sexta-feira no Cemitério Israelita do Caju, Rio de Janeiro, depois de purificado por 4 mulheres da Irmandade Sagrada “Hevra Kadisha”. Caixão fechado coberto por manto negro com estrela de David e velado pelos escritores Rubem Braga, Fernando Sabino, Nélida Piñon e embaixador Vasco Leitão da Cunha. Foi sepultada no túmulo 123, fila G, em 11.12.1977. Cerimônia simples.

ANA MARIA MELO NEGRÃO

Professora, advogada, escritora e pesquisadora. Graduada em Letras Anglo-Germânicas e Ciência Jurídicas pela PUC – Campinas. Doutorado em Educação pela UNICAMP. Dedicou-se à docência superior em Linguística e Direito Civil na PUC – Campinas e no UNISAL, onde criou o Curso de Direito no *campus* Liceu Salesiano. Avaliadora de cursos de Letras e de Direito pelo INEP/MEC. Autora de nove livros e de inúmeros artigos em Congressos nacionais e internacionais. Membro Titular do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas e da Academia Campinense de Letras.

E-mail: anamarianegrao@me.com

CANTO



Adilson Roberto Gonçalves

O sonho de encontrar a si mesmo foi tortuosamente realizado. Originou-se num ponto, adimensional, quase perdido em infinita lembrança remota agora. O ponto desloca-se, sim, movimento houve para começar sua jornada. Deslocamento espaço-temporal, diriam os doutos estudiosos de hoje. Não sem tropeços, a primeira reta dessa existência passou a ser traçada. Parecia uma jornada sem fim, mas em algum momento, já esquecido ou afugentado da lembrança, aquele rumo, ritmado, constante, sofreu uma primeira ruptura. Uma guinada ortogonal, jogando a nau de sua vida de leste para o outro ponto cardeal, na esperança de nortear seu destino, talvez, já que os gramáticos, geógrafos e os dominantes do outro hemisfério não permitem sulear. Como dito, essa foi a primeira ruptura. Outras vieram.

Depois do primeiro solavanco, permitindo, por um curto tempo, uma visão do que havia passado até então, continua a trajetória retilínea, já desfigurada dos planos iniciais – o desígnio primeiro que determinaria o encontro.

Seguiu assim. Mas não há como repelir o destino, mesmo porque não são de cargas elétricas de sinais iguais que isso se trata. É da existência, lembre-se, que estamos falando. E segue-se outra ruptura, como tinha de ser, como já era previsível. Mas a direção agora parece ter sido caprichosamente escolhida. Outra ortogonalidade para imprimir um rumo exatamente paralelo à primeira etapa. Capricho sem sentido a uma primeira impressão, mas importante – ou como diria aquela nobre autoridade, fundamental – para a chegada ao ocaso tão esperado.

A monotonia da sequência não era sequer interrompida por solavancos. A velocidade agora era bem menor que a dos primórdios, mesmo assim, não trazia satisfação para apreciar a jornada.

Veio a última guinada, a derradeira ruptura, o último virar tudo para o outro lado. O fim ficando mais próximo e a sensação de conclusão sem convicção. Sem luzes ou clarões festivos, apenas o ponto final. Ponto final idêntico àquele de partida, sem dimensão, que se pensava estar perdido em algum registro virtual imaginário. Mas, não! Ali estava ele, retornando tudo ao início, concluindo o seu encontro.

Tivesse seguido, desde o início, uma trajetória mais curvilínea, suave, chegaria no mesmo ponto, sem os solavancos. Talvez ficasse mais exacerbada a melancolia do ato, ou mesmo o bucólico tracejado da linha e tudo seria mais triste. Mas seria também mais simples.

Enfim, conclui-se o desenho do quadrado no papel com quatro retas perfeitas, descartando-se o círculo com o compasso.

ATRAÇÃO ENTRE IGUAIS

Namoradeiro é pouco. Ele gosta é de ficar com meninas mais novas que seus filhos. Se os filhos as namorassem, já seriam chamados de papa-anjo. Ele, então, um coroa de porte troncudo, amorenado, os sessenta anos batendo à porta, filhos e netos no currículo, chama a atenção ao desfilar com o troféu, a beldade alta, loira, estudante da pós-graduação, recém-chegada aos trinta anos e com o desafio de fazer-se mulher com a presença dele.

Mário o nome dele, Maria o dela.

Verdade que Mário já se envolveu e até se casou com moçoilas mais novas que Maria e ter quase o dobro da idade não lhe é questão rara. Maria, não. É a primeira vez que dorme com um homem da idade de seu pai. Ter perdido o pai ainda quando adolescente em trágico desastre aéreo pode ser razão freudiana para o atual namoro. Cremos que não, é paixão tresloucada. Ou Mário tornou-se também um troféu a ser exibido.

A vida começou cedo para Mário, com infância sem muitos recursos, pai alcoólatra que abandonou a mãe para morrer de cirrose em algum canto por aí. A mãe em idade pré-balzaquiana envolveu-se com alguns homens, buscando mais sustento que alento. Daí a influência namoradeira de Mário? Quem pode dizer?

Jovem, Mário começa a vender frutas na rua, comprando de um compadre da mãe e revendendo com o devido lucro. Desenvolve um gosto estético muito bom, mas não sabia disso, até que começou a rabiscar uns desenhos e saber que poderia até pintar.

Fez bico em uma gráfica, ajudando na limpeza, quando mostrou um dos desenhos para o tipógrafo – a profissão existia naquela época! – que resolveu imprimir em um informativo semanal, ilustrando uma reportagem. Convites começaram a surgir para mostrar e até vender suas ilustrações e uma esperança de continuar os estudos fez-se concreta.

Mas os hormônios falaram mais alto e com dezessete anos já era pai, engravidando a menina mais bonita do bairro, um escândalo grande que resultou em casamento forçado e de fachada e o adiamento de ir para um colégio por alguns anos.

A instabilidade hormonal de Mário resultava também na criatividade e na irritabilidade. Era um cara sensual e chato. Bom desenhista e não confiável. Combinava muita coisa, prometia soluções e pouco realizava. Iniciava e não acabava.

Já separado, pois com vinte e poucos anos queria ganhar o mundo e namorar tantas quantas fosse possível, tinha um filho para sustentar, que acabou por ficar com a família da ex-esposa, mas que demandava recursos. Trabalhou bem sua criatividade e conseguiu pagar e concluir a faculdade.

O culto ao corpo foi uma consequência direta de sua explosão hormonal. A natureza ajudou e Mário nunca foi obeso ou teve problemas sérios de saúde. E como era fértil! Aprendeu, depois, a usar corretamente preservativos, pois saído da faculdade com dois filhos, novamente casado, viu que se não se segurasse, os carnês de pensão levariam todos seus proventos. Agora já dava aulas e foi se estabelecendo como professor, mantendo o bom traço para faturar algum recurso esparso em revistas e jornais.

Por essa época, Maria nem havia nascido.

Irritação. Uma palavra que exprime bem a situação típica de Mário. Irritava a todos para conseguir seus espaços e justificar sua constante omissão. No culto ao corpo, passou a usar anabolizantes, com grande demanda por líquido. Afirmava o sofisma que água não poderia ser bebida, então se deleitava com refrigerantes diet ou light, justificando que não poderiam ter açúcar para se manter saudável. Irritava com isso, mas tinha adeptos, criando a cultura ‘hidrofóbica’, dos que tinham aversão à água como líquido a ser bebido.

O amadurecimento vai chegando, mais um casamento (acho que já foram quatro até aqui – e não haverá mais), os filhos, todos homens, passaram a engravidar mocinhas e netos passaram a compor a ‘família’.

Financeiramente Mário nunca se acertou. Consequia pagar suas contas e pensões, vivia em casa quase própria, financiada, matinha ares de classe média em seus gastos

e gostos. Nada de poupança, investimentos ou segurança para o futuro, ainda mais que a velhice não tardaria.

Aqui Maria já nasceu e está vivendo seu primeiro grande trauma, com a morte do pai no acidente que matou mais de duzentas pessoas no voo internacional que explodiu sobre o Atlântico. O pai, já divorciado da mãe, voltava de viagem de negócios à Europa, industrial que era. Maria sentiu o peso da ausência paterna, mas não foi se envolver com homens muito mais velhos. Isso somente aconteceu quando conheceu Mário. Conseguiu concluir os estudos, ganhou bolsa para estudar dois anos nos Estados Unidos, se apaixonou por um jovem professor de matemática lá, engravidou, abortou e amadureceu. A arrogância lhe moldou o espírito e vangloriava-se sempre de ter conseguido estudar, de ter a bolsa, de ter namorado um estrangeiro. Os traços finos do rosto contribuíam para o nariz empinado, marca indelével que irritava, mas que chamou a atenção de Mário no primeiro momento em que ela foi assistir a uma aula sua, já na pós-graduação.

Devem se suprir mutuamente, disso não sabemos. Ambos passeiam de mãos dadas, trocam carícias por todos os lugares em que são vistos – e são muito vistos – e sorriem constantemente, como se posando para fotos e voyeuristas de plantão. Há algo de muito artificial nesse relacionamento, mas quem somos nós para tal julgamento? Maiores de idade que são, que sigam seus destinos, suas ilusões e suas decepções. Continuamente.

CANSEI DE SER FORMIGA, QUERO AGORA VIVER CIGARRA

O trabalho danifica o homem, subverte-se o ditado, sei-o em minha pele e no joelho estourado pela lavoura. Não, nada plantei, mas colhi muitas toxinas pelo corpo, aglomeradas em disfunção metabólica que leva a gota e obesidade. Incha tudo aí embaixo e a gordura forçou o joelho, direito principalmente. A direita sempre ferra mais.

Aos quarenta brincava que tinha chegado a um terço da vida, sem mais rezar. Agora, aos cinquenta, creio que já passei bastante da metade, talvez dos dois terços, ainda sem rezar.

Fazer todos os relatórios no prazo e pagar as contas em dia não foram suficientes para o prenúncio da depressão. Saber que a receita federal deveria ressarcir o imposto a mais pago era apenas um conhecimento próprio, íntimo. Pela regra, por não ter apresentado a justificativa – ou justificação, como esses caras gostam de confundir

– fiquei inadimplente e o nome foi parar na lista negra dos devedores da união. Com direito a intimação de juiz e constituição de advogado para ferrar ainda mais o bolso e precipitar a depressão anunciada. Muito trabalho de espantalho, feio, fixo e descartável.

Enfie a cabeça no travesseiro e queria sumir ou, pelo menos, que o mundo deixasse de existir. Seria o agradável consolo dos tolos. Lágrimas, uma ou outra, surgiam e aumentavam a angústia das dores sentidas, vividas e vívidas.

Liguei a tv e somente bobagens de gentes amarelado pelas ruas, distorcendo palavras de ordem e de desordem. Já não basta minha duradoura agonia e agora querem acabar com o mundo material lógico?

Resolvi pagar tudo para apagar nada. Boletos são solução capitalista para os problemas da alma, até a conta do analista é por boleto no banco. Nada se apaga da memória de saber ter feito tudo certo, mas não legal. Malditos escritos jurídicos, mundo de invenção sem ser poético.

O poeta nos engana e assim o afirma. O profissional do direito afirma não nos enganar e assim não o faz. Finge que não é fingidor, o desgraçado.

Pago, sei, paguei tudo e o nome vai sair da lista negra. Minha lista negra de dissabores cresce com o fermento da desilusão e todas as gentes perdidas, família não espera, a morte também não. O trabalho não mais rende, relatórios ficam mesmo sem ser feitos, prazos? danem-se. Danei-me, apenas eu, descartável engrenagem de mecanismo não funcional. Agora quero ver a receita cobrar de um ateu louco, andarilho das ruas.

SUJEIRA DO CASEIRO

Na terra das goiabeiras, eu tinha uma chácara com piscina e churrasqueira e alugava pra passar fim de semana, pra fazer festa de casamento ou pra rolar um bingo clandestino. Teve um chá de bebê dois anos atrás. Coisas da vida, pra não ficar fechada, pagar o caseiro, o iptu, água e luz. Velório, não, pediram uma vez; não é do nosso jeito de ser, apesar de que, na escala da vida, velório reúne mais gente do que chá de bebê, mas, ao contrário do casório, em divórcio, ninguém comparece. Isso antes do pandemônio.

O negócio entrou em baixa, mixou o ganho pra temporada e o empreendedorismo é uma ponte para a criatividade, aprendi no vídeo, e me levou ao acolhimento de

pessoas em situação de conflito com a lei, digamos, precisando de amparo naquela dificuldade do momento e pagando bem e em dinheiro vivo, sem perguntas, sem respostas.

Além do fio de bigode ia o contrato que era feito para esses casos, apesar do cheiro de pólvora na folha de papel assinado dizer mais alto, valendo como confiança. Era também uma forma de garantir que continuaria a não haver velórios na chácara. E garantir que não seriam gerados os elementos para um velório futuro. Assim era a locação até então...

A polícia arrombou o portão da chácara, ninguém estava lá. Foram me buscar em casa, às 6 da manhã, quando meu gato pulava na cama. Um monte de bicho tinha aparecido pra detonar a casa da chácara, pensei que era sobre isso. Invasão de estranhas criaturas: gambá-do-norte, cuíca-d'água, bolso-mínio, maahk-de-andrômeda, rato-castor, veado-de-máscara-do-leste, até ex-cachorro. Uma zona de múltiplos excrementos do tipo governamental e papel rasgado foram deixados por toda a casa.

‘Não, doutor’, explicava, ‘nunca vi ninguém’.

‘Alugou pra esse cara e não sabe dele?’, continuava a autoridade.

‘Não, doutor, não conhecia o Gaivota’.

‘É Albatroz, Maurício Albatroz!’

Tava dando na tv essa nheca toda, falavam do Fernando Gaivota, mostravam a chácara de cima, a piscina suja, o cara nem limpou, tava no contrato. Já não sabia de quem estavam falando. Devia ficar quieto ou revelar que eu conhecia o Gaivota?

‘Muito bicho aparece lá e o Francenildo não dá conta’.

‘Quem?’

‘O caseiro’.

‘Os documentos espalhados lá dentro são do Albatroz, mas tem também contas do Dudu Bernardo e Bianca Michelle, a Checuda. Para de enrolar e vai falando’.

‘Não compreendo... a única Bianca pra quem aluguei foi muito antes, e ela estava com o Osteria Mar. Foi pra um fim de semana só, que eu me lembre. A sujeira é porque o Francenildo não dá conta, sabe? Ele vai lá só de vez em quando, fala pouco, trabalha menos ainda...’ ‘Presta atenção. Cadê o Albatroz?’

Não sabia mesmo do que o delegado falava, pois o fato é que jamais escondi Maurício Albatroz, só sabia do Gaivota e dele não queriam minha delação premiada, pelo jeito, mas a tv não parava de falar nele. Vou ficar quieto, então. Ave que não voa direito cai de tropeço no arvoredo, já dizia o ditado. Tava no contrato também não fazer barulho quando havia churrasco. A vizinha não gostou, eu acho, e chamou a polícia. (Contrato com bandido tem valor nessas horas?). Ou foi o Francenildo que, de propósito, deixou tudo sujo, fedendo.

ADILSON ROBERTO GONÇALVES.

Doutor em Química, Especialização em Jornalismo Científico. Escritor. Poeta. Conferencista. Academia Campinense de Letras, Cadeira 7.
E-mail: prodomoarg@gmail.com

FRIBURGO: HISTÓRIA, TRADIÇÃO E TURISMO EM CAMPINAS



Maria Cristina de Oliveira

Campinas cresceu rapidamente e de forma desordenada, atingindo seus limites urbanos. No entanto, poucas pessoas conhecem a riqueza cultural, histórica e turística existente nos arredores do Aeroporto Internacional de Viracopos, especialmente no Distrito do Ouro Verde — o mais populoso da cidade, com cerca de 240 mil habitantes distribuídos em 140 bairros. Um desses bairros, situado na zona rural, guarda uma herança centenária: o Friburgo.

AS RAÍZES: IMIGRAÇÃO, TERRA E EDUCAÇÃO

Na segunda metade do século XIX, a região cafeeira de Campinas tornou-se ponto de chegada de grandes grupos de imigrantes europeus. Entre os destinos iniciais estavam a Fazenda Ibicava, em Limeira, de propriedade do coronel Vergueiro, e a Fazenda Sete Quedas, pertencente ao Visconde de Indaiatuba (antiga Fazenda Bradesco), onde atualmente se localiza o Swiss Park.

Foi na Sete Quedas que os irmãos Samuel e Nikolaus Krähenbühl, vindos ao Brasil em 1857, conheceram a família de Frederich Tamerus. Colono dedicado, Tamerus conseguiu quitar suas dívidas em 1860 e partiu em busca de terras próprias. Seguindo rumo ao oeste, encontrou uma área de cerca de 800 alqueires, de relevo suave e rica em riachos, situada no triângulo formado por Monte Mor, Campinas e Indaiatuba — região que corresponde, atualmente, ao bairro de Friburgo.

Poucos anos depois, os Krähenbühl também se estabeleceram na área, seguidos por outras famílias de imigrantes, entre elas Steffen, Jürs, Klement, Armbrust,

Quitzeau, Wulf, Ulitzka, Albrecht, Schröder, Dobner, Skupien e Schäfer. No total, 34 famílias compuseram o núcleo inicial da comunidade. Em consenso, batizaram o local de **Friedburg** — “Castelo da Paz” —, expressão do espírito de união, harmonia e cooperação que os unia.

A maioria desses imigrantes era originária de Holstein, no norte da Alemanha, embora também houvesse famílias suíças do Cantão de Berna. Uma das primeiras preocupações do grupo, já instalados em seus sítios, foi a educação dos filhos. Diante da ausência de escolas públicas nas proximidades — já que “Campinas” ficava muito distante —, em janeiro de 1879 reuniram-se os irmãos Niklaus e Samuel Krähenbühl e Hans Steffen, que deliberaram pela construção de uma escola.

Juntaram-se a essa tarefa Heinrich Stroeh, Ludwig Steffen, Otto Fahl, Reinhard Steffen, Ludwig Fahl, Karl Wellendorf, Jacinto Thamerus, Johan Ulitzka e Joaquim Pires de Lima. O terreno para a construção da escola foi doado por Samuel Krähenbühl e Jacinto Thamerus.

Apenas com serviço braçal, a escola foi erguida em nove meses, sendo inaugurada com uma grande festa no primeiro sábado de outubro de 1879. Até a década de 1930, o ensino em Friburgo mantinha forte vínculo com as origens germânicas da comunidade, sendo o alemão a principal língua. Essa realidade, no entanto, mudou com a campanha de nacionalização promovida pelo governo brasileiro durante o Estado Novo, que impôs restrições ao uso de idiomas estrangeiros. A instituição passou, então, a se chamar **Escola de Friburgo**, enquanto a Sociedade Escolar assumiu inicialmente o nome de **Sociedade Germano-Brasileira de Friburgo**, sendo mais tarde rebatizada como **Sociedade Escolar do Bairro Friburgo**.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, o prédio da escola tornou-se o centro da vida social local. A escola não funciona mais, mas o prédio ainda é o local oficial de reuniões, festas e atividades comunitárias. Com o crescimento das famílias, a Sociedade desempenhou papel essencial na preservação das tradições alemãs e no cultivo do respeito e da harmonia que marcaram a trajetória dos pioneiros.

CEMITÉRIO DOS ALEMÃES: CINCO ANOS DE LUTA PARA GARANTIR SEPULTAMENTOS DIGNOS

A criação do Cemitério de Friburgo foi resultado de uma longa batalha da comunidade local contra a burocracia municipal. A ideia surgiu em 26 de dezembro de 1881, durante uma reunião da Sociedade Escolar de Friburgo. Sem estradas e/ou veículos disponíveis, até então, os cortejos para os sepultamentos precisavam ser

realizados a pé, cerca de 30 quilômetros de distância, por trilhas que, em períodos de chuva, transformavam-se em caminhos lamacentos e quase intransitáveis. O transporte dos mortos para o Cemitério Protestante, que ficava em área onde hoje é a Avenida João Jorge-Vila Industrial, era difícil e caro.

O primeiro requerimento para a construção do cemitério foi encaminhado à Câmara de Campinas em 18 de março de 1882, com a intermediação do advogado Dr. Quirino e o apoio de diversas assinaturas de moradores. A proposta, no entanto, foi rejeitada. Um recurso apresentado ao presidente da Província de São Paulo também não prosperou, sob a justificativa de que o assunto deveria ser tratado pela esfera municipal.

Em nova tentativa, o pedido voltou à Câmara em 3 de março de 1883, mas novamente foi negado. Os vereadores alegaram que os recursos deveriam ser destinados à manutenção das estradas da região — obrigação que cabia, na verdade, ao próprio município. A resposta foi considerada um desrespeito pela comunidade.

A situação só mudou após a eleição de uma nova legislatura, que finalmente aprovou o requerimento em 3 de novembro de 1884. Pouco depois, o senhor Ludwig Fahl doou um terreno no Morro da Lagoa, onde se ergueria o cemitério. A construção teve início em dezembro daquele ano, começando pelo muro de taipa, mas foi interrompida pelas chuvas, sendo concluída apenas em junho de 1885. Após quase cinco anos de impasses, o Cemitério de Friburgo foi oficialmente inaugurado em 6 de fevereiro de 1886, em cerimônia conduzida pelo vigário de Campinas, como exigira a Câmara. Curiosamente, o primeiro sepultamento ocorreu antes da inauguração oficial: o de Maria Elisabeth Goldimann, em 21 de julho de 1884.



Figura 1-Cemitério de Friburgo

Atualmente, além dos moradores da comunidade, o popularmente chamado Cemitério dos Alemães, abriga 52 urnas com os restos mortais das vítimas do acidente com o voo 322 da Aerolíneas Argentinas, que caiu em Friburgo em dezembro de 1961, pouco depois de decolar de Viracopos.

IGREJA LUTERANA: DA SALA DE AULA AO PRÉDIO PRÓPRIO

A trajetória da Comunidade Luterana de Friburgo acompanhou a chegada dos imigrantes alemães à região. Em 26 de março de 1880, quase vinte anos após a instalação das primeiras famílias, foi celebrado o primeiro culto luterano oficial, conduzido por um pastor na residência de Karl Wellendorf. Até então, os moradores já mantinham a tradição de encontros dominicais em suas próprias casas.

Durante cerca de quatro décadas, a presença pastoral era limitada, e os cultos ocorriam mensalmente, geralmente realizados na escola do bairro. O desejo de erguer um espaço exclusivo para fins religiosos cresceu entre os fiéis — especialmente entre os jovens da comunidade — e resultou, em 3 de julho de 1932, na decisão unânime de construir uma capela. O projeto, no entanto, sofreu atraso. Poucos dias após a assembleia, teve início a Revolução Constitucionalista de 1932, que paralisou as atividades por três meses. Com o fim do conflito, a comissão responsável retomou a execução da obra.

A Sociedade Escolar de Friburgo cedeu o terreno, situado acima da escola, e a comunidade se mobilizou para arrecadar recursos. Houve doações expressivas não apenas de moradores locais, mas também de comunidades vizinhas como Rio Claro, Campinas, Monte Mor, Cosmópolis, Ribeirão Preto, Indaiatuba, Helvetia e Elias Fausto. Contribuições também chegaram de São Paulo, além do apoio do Conselho Superior da Igreja em Berlim. Graças a esse esforço coletivo, em junho de 1933 já havia um fundo suficiente para a obra.

A igreja foi finalmente inaugurada na Páscoa de 1934, em uma grande celebração. Desde então, os cultos passaram a ser realizados semanalmente, acompanhados de festividades tradicionais de gratidão. Reconhecida por sua importância histórica, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Friburgo é considerada até hoje a comunidade-mãe das congregações luteranas da região.

TRAGÉDIA EM FRIBURGO: ACIDENTE AÉREO

Na madrugada de 23 de novembro de 1961, o Friburgo foi palco de uma das maiores tragédias aéreas do país. Um jato Comet 4, prefixo LV-AHR, da Aerolíneas Argentinas, caiu pouco depois de decolar do Aeroporto de Viracopos, matando todas as 52 pessoas a bordo, entre passageiros e tripulantes.

A aeronave perdeu altitude logo após a decolagem e atingiu um eucaliptal da região. O impacto abriu uma clareira de cerca de 400 metros de extensão, e o avião foi se despedaçando até colidir contra uma pequena colina próxima ao Cemitério dos Alemães. Em seguida, explodiu em chamas, impossibilitando a aproximação imediata das equipes de resgate. O incêndio foi tão intenso que somente após horas os bombeiros conseguiram chegar aos destroços. O maior fragmento identificado no local foi a carenagem de um dos motores.

Apesar da gravidade do acidente, a área atingida era de mata fechada, o que impediu danos a residências. Hoje, a região é ocupada por sítios e propriedades rurais. Na época, o desastre foi classificado como o segundo maior acidente aéreo da história do Brasil. Atualmente, considerando o número de vítimas, o voo AR322 ocupa a sétima posição entre os mais letais do país.

TRADIÇÕES MANTÊM VIVA A IDENTIDADE ALEMÃ EM FRIBURGO

Mesmo após a saída de muitas famílias para cidades vizinhas, o bairro continua sendo um ponto de encontro para descendentes de imigrantes alemães. Aos fins de semana, é comum o retorno dessas famílias para participar dos cultos luteranos, homenagear entes queridos no Cemitério dos Alemães ou integrar atividades sociais, como bailes, almoços, jogos de cartas e ensaios do grupo de danças folclóricas.

O antigo prédio da escola permanece como referência e símbolo da vida comunitária, tombado em 2009 pelo Condepacc, assim como o cemitério e a igreja. Esse tombamento foi fundamental para que o local fosse retirado da área de desapropriação para a recente expansão do Aeroporto de Viracopos. O traçado foi alterado de forma a preservar o patrimônio histórico e cultural.

Atualmente, o **Tanzgruppe Friedburg** — grupo de danças folclóricas — mantém duas categorias ativas: a juvenil, formada por adolescentes e adultos a partir dos 15 anos, e a sênior, composta por pais e casais ligados à Sociedade Escolar. A atividade, sem fins lucrativos, tem sido fundamental para preservar a cultura germânica entre diferentes gerações.



Figura 2 - Danças tradicionais em Friburgo

As iniciativas se estendem também às festas típicas organizadas pela Sociedade Escolar do Bairro Friburgo, como a Festa da Colheita e a Septemberfest. Os grupos de dança não apenas se apresentam no próprio bairro, mas também em municípios da região, contribuindo para a difusão do folclore e da identidade alemã no interior paulista.

REFERÊNCIAS

CORREIO/RAC Campinas; Portal da Cultura da Prefeitura de Indaiatuba; TV Câmara Campinas, Wikipédia, relato do morador Hédio Armbrust, <https://historiadeindaiatuba.blogspot.com/2017/08/cemiterio-de-friburgo.html>

MARIA CRISTINA DE OLIVEIRA

Licenciada em Letras, português e inglês; e em Pedagogia. Pós-graduada em Língua Portuguesa, em Atendimento Educacional Especializado e Supervisão Educacional. Mestra em Educação na área de formação de professores. Gestora em educação aposentada, escritora em prosa e verso, musicista e DJ. Membro titular da Cadeira 03 Academia Campinense de Letras, membro titular da Cadeira 01 da Academia Campineira de Letras, Ciências e Artes das Forças Armadas, vice-presidente Estadual da União Brasileira de Trovadores (UBT) do Estado de São Paulo. Romancista, com 3 romances publicados: Unidos pelo Passado (Pontes Editores), Nem Sempre Amor (Pontes Editores), À flor da Pele (Amazon).

HISTÓRIAS DA FAMÍLIA

O TOURO DO “SEO” BARTOLOMEI



Agostinho Toffoli Tavolaro (Arquivo Correio Popular)

Espírito Santo do Pinhal, Segunda feira de agosto de 1927

Tardinha, o sol brilhando no horizonte.

Danilo, filho do maestro Gavino Tavolaro, tocador emérito de bombardino, jovem, no verdor dos seus dezessete anos, andando pela Pinhal de então, no meio de uma estrada de terra, mais trilha que estrada, vê aproximar-se uma boiada, uma das muitas que atravessavam pelos lados de Pinhal, buscando a estação da Mogiana.

De repente, algo espanta os bois. Cavalos de boiadeiros relincham e empinam, quase derrubando seus cavaleiros. É o estouro da boiada. Saem os bois em desembalada corrida, liderados por um touro possante.

Danilo, postado ao lado da trilha pela qual deveriam seguir os bois, dela se afasta, buscando distanciar-se dos animais. Nisso, o touro dá uma guinada busca e traz atrás de si todo o séquito de animais enlouquecidos. E vem na direção de Danilo.

Este, correndo com todo o vigor de suas pernas, vê-se, às tantas, com as costas contra as vigas que formam a parede de um barracão de madeira. E em sua direção vem os bois, touro à frente, com seus negros chifres brilhando ao sol.

Acuado contra a parede, lembra-se Danilo de sacar seu revólver 32, que ele, como quase todos os moços de seu tempo, usava.

Bufando avança o touro, investindo em sua direção.

Danilo atira, mirando, em um reflexo rápido, a cabeça do animal, acreditando que um único tiro, mesmo que certo não bastará para soffrear a besta.

O tiro parte.

O touro estaca. Com ele, todo o resto da boiada. E o touro dobra as pernas dianteiras e cai, lançando aos céus um urro pavoroso que faz gelar o sangue nas veias dos boiadeiros

Vira a boiada de direção, agora em passo que vai aos poucos ralentando, no caminhar pacífico dos bovinos.

Danilo, mal refeito do susto, vê aproximar-se o capataz dos boiadeiros:

- Que tiro, heim! Nunca acreditei que fosse possível parar um touro à bala!
- Nem eu, disse Danilo. Foi Deus quem me ajudou!
- É. Mas tem um, porém. O senhor sabe de que é esta boiada?
- É do “seo” Bartolomei. E o touro que o senhor matou é dele!

O sangue gelou nas veias de Danilo. Bartolomei, poderoso fazendeiro da região, era homem famoso por não levar desaforo p’ra casa.

- E olhe seu moço, matar um touro do “seo” Bartolomei ele não vai deixar sem reparo não.

Preocupado, Danilo passa por sua casa para tomar um banho, a fim de tirar o cheiro de suor e medo. Em seguida, a noite caindo, vai ao largo da Matriz, a fim de se encontrar com os amigos que ali se reúnem todas as noites, menos às quintas e domingos, que são dia de cinema.

E é saudado por estes com coro de exclamações:

- Beleza de tiro!
- Nem Tom Mix faria igual!
- Parar touro à bala não é p’ra qualquer um!

E uma voz mais grave:

- Um touro do Bartolomei? Cuidado! Acho que o homem não vai gostar.
- Olha que o homem é violento!

A semana corre e todos os dias amigos e até pessoas mais velhas fazem a Danilo observações sobre a reação de Bartolomei.

Quinta-feira. Noite de cinema. Filme com Mary Pickford.

Danilo, sempre armado, chega atrasado ao cinema. No escuro, tateia e entrevê uma cadeira (sim o cinema era de cadeiras de madeira) vazia. Pede licença e senta-se.

Na obscuridade, procura localizar-se e aos seus vizinhos. À sua esquerda, na cadeira do corredor, percebe um vulto que não lhe é desconhecido. Fica duro de susto. Ao seu lado o “seo” Bartolomei.

Nem sequer vê o que se passa na tela, olhando de soslaio para seu vizinho, cujos movimentos procura observar.

Acaba o filme. Acendem-se as luzes.

Danilo e Bartolomei, passo a passo, lado a lado, deixam a sala. São os últimos a sair, um não querendo dar as costas para o outros. Ambos, como de costume, armados de revolveres.

Chegam à porta do cinema.

Lentamente, Bartolomei, homem feito, compleição robusta e forte, vira-se para Danilo e diz:

- Danilo, então você matou meu touro.
- Matei, “seo” Bartolomei, era eu ou ele.
- E com um só tiro, bem no meio da testa!
- Graças a Deus “seo” Bartolomei. Foi muita sorte.

- Olha Danilo, vou te dizer uma coisa: Eu jamais me perdoaria se um touro meu matasse o filho do maestro Gavino. Você fez muito bem!

Esta história de meu pai Danilo, me foi contada pelo irmão de minha mãe, meu tio Laercio Toffoli, que ouviu de terceiros, pois em 1927 nem ele era nascido.

AGOSTINHO TOFFOLI TAVOLARO

Acadêmico ACL – Academia Campinense de Letras, titular da cadeira número 40 e seu Presidente 2007/2017. Advogado. Professor de Direito. Historiador. Vice-Presidente da IFA – International Fiscal Association – Holanda (1983-1985); Presidente do ILADT – Instituto Latino Americano de Direito Tributário – Uruguai (1987-1988); Presidente de Honra da ABDF – Associação Brasileira de Direito Financeiro – Rio de Janeiro e da AMCHAM - Câmara Americana de Comercio Brasil Estados Unidos. Membro das: Academia Brasileira de Direito Tributário, Academia Paulista de Letras Jurídicas, Academia Paulista de Direito do Trabalho, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Academia Paulista de História, Instituto Geográfico e Genealógico de Campinas. E-mail – attavolaro@gmail.com

POESIA EM DACHAU



Marino Di Tella Ferreira

Hoje o nome da pequena cidade no sul da Alemanha amalgama-se com o de algo impensável até aquele ano de 1933, quando o governo nacional socialista, logo após Adolf Hitler tornar-se chanceler em 30 de janeiro, colocou em funcionamento o primeiro campo de concentração, destinado inicialmente ao aprisionamento de opositores políticos.

O campo de concentração de Dachau, com o tempo passou a abrigar outras classes de “inimigos” do Estado, chegando a ter quase 200 mil internos, até seu fim em 1945, com o término da segunda guerra mundial.

Visitar um campo de concentração é uma experiência marcante pela qual todos deveriam passar. Mas cicatrizes mesmo deixaram essas indústrias do terror nos corpos e almas daqueles que ali tiveram a infelicidade de estar na condição de prisioneiro.

São assustadores o tamanho da área e dos prédios construídos, as torres das sentinelas, a “sala de banho”, os fornos crematórios. Não bastasse, Dachau foi apenas um dos campos. Houve milhares de campos de concentração, campos de extermínio e subcampos, tanto na Alemanha como nos países por ela ocupados.

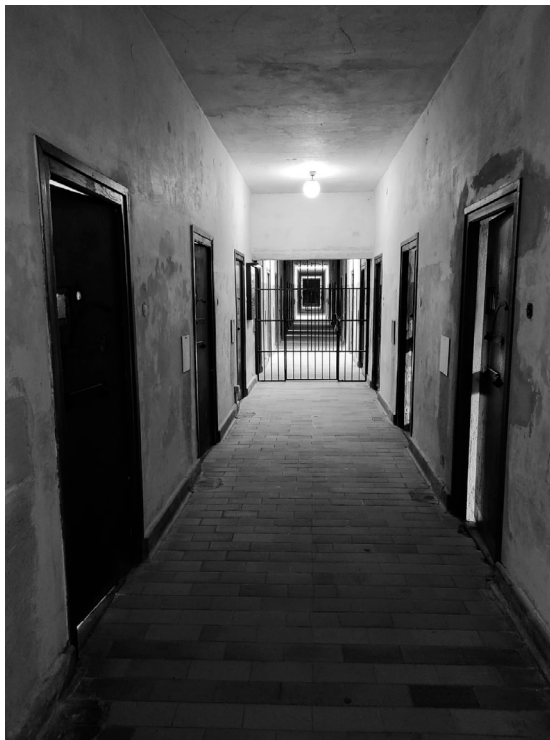


Figura 1 Corredor de Dachau - arquivo do autor

No entanto, em meio a essa proliferação da tristeza e da desgraça, alguns internos planejavam e executavam fugas – fugas espirituais – e nisso a poesia foi uma das melhores companheiras.

O prisioneiro Karl Röder, que esteve em Dachau de 1933 a 1944, disse haver feito uma descoberta extremamente significativa no Campo, que “não existe poder no mundo que seja capaz de destruir os humanos como seres espirituais. Nunca a vida proporcionou tantos motivos para escrever. Os pensamentos, as reflexões e as impressões clamavam para serem escritos. Uma nota rabiscada poderia significar uma sentença de morte.” Mas ele “não queria escrever sobre experiências no campo, era mais importante manifestar os pensamentos e expressões que o moviam.”

Outro prisioneiro, o italiano Giuseppe Mirco Camia, passou pelo Campo de Flossenbug e tinha dezenove anos quando chegou a Dachau em outubro de 1944. Lá ele conheceu outro prisioneiro, Nevio Vitelli, de dezesseis anos, com quem ficou internado no hospital do Campo e se tornaram próximos. Ele comentou depois de terminada a guerra, que “havia memórias terríveis com todas as feridas abertas da alma que ninguém conseguia curar. Feridas mais profundas do que as que enfraqueceram nossos corpos.” Mirco Camia falou ainda do grande alento que lhe trouxe um poema escrito por Vitelli, intitulado “Minha sombra em Dachau”: “O valor deste poema para mim? Contém tudo: a agonia do cativo e a elegia da liberdade, a memória do maior

amor terreno, o amor materno... e outra coisa que é banida dos pensamentos normais da juventude e do sofrimento humano: perdão. Não é possível suportar condições subumanas, ser nada mais do que um 'objeto', sem ser perseguido por ele por toda a vida... Nevio possibilitou que eu me encontrasse novamente em seu poema."

Um trecho de "Minha sombra em Dachau", de Vitelli, que faleceu em 1948, aos vinte anos de idade:

"Mamãe, eu não vou voltar,
Deus me disse.
O inferno sem as emoções da alma,
foi assim que eu o vivi...
O que eu fiz, mamãe?
Você sabe? Me diga
e me beije no meu sono,
suave e passageiro,
que eu não desperte,
para retribuir o beijo
como naquele tempo, quando você por mim,
o menino travesso, chorava."

Josef Massetkin, prisioneiro de 26 anos de idade, deportado para Dachau em 1944, numa conversa com outro prisioneiro e amigo, Ella Lingens, enquanto mostravam fotos dos filhos, presenteou-o com um poema, intitulado "Mamãe vem no verão":

"Sobre as rochas do Tirol eleva-se o vento frio,
nos vales, a flor jovem da primavera.
Papai está no fronte,
mamãe - no campo de concentração.
Um menininho escreve uma carta,
o pequeno chama sua mãe para casa...
Ei pequeno, colha flores, colha flores para a Páscoa,

para a mãe, o melhor, o mais cheiroso buquê.
Os amigos vêm do Oeste, os amigos vêm do Leste
e a mamãe vem logo para casa.”

A poesia trouxe essência às difíceis vidas de alguns dos que viveram sob o terror e a violência do Estado totalitário.

Como as crianças, citadas por William L. Shirer em documentário homônimo à sua obra *A Ascensão e Queda do Terceiro Reich*, que mesmo vivendo em tribulação sob todas as adversidades a que eram expostas nos Campos, transpareciam seus sonhos desenhando borboletas, passarinhos, castelos, príncipes e princesas – “em meio ao terror capturaram o precioso valor da inocência e contra a morte falaram com a vida.”

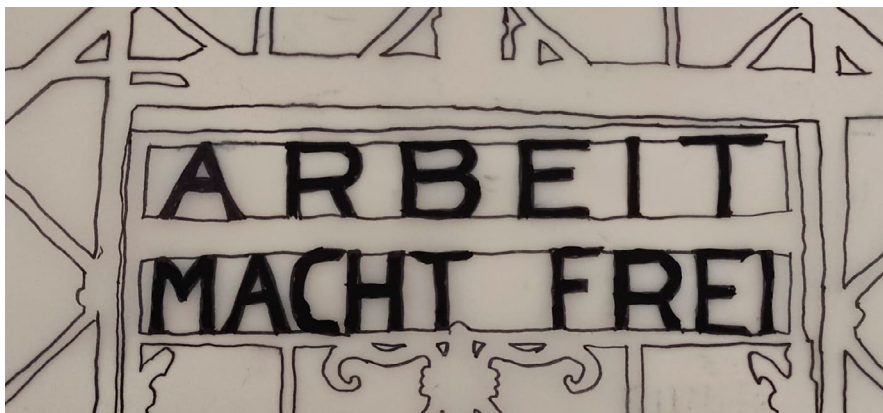


Figura 2- ARBEIT MACHT FREI - O Trabalho liberta você. Arquivo do autor.

MARINO DI TELLA FERREIRA

Advogado, escritor, palestrante. Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela PUC-Campinas em 1989. Pós-Graduado em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho. Autor do livro “O Mausoléu dos Heróis Campineiros da Guerra Paulista”, 2022 (Pontes Ed.). Autor de diversos artigos publicados no jornal “Correio Popular” de Campinas. Realizou diversas palestras sobre a Revolução Constitucionalista de 1932 e sobre temas relacionados à Segunda Guerra Mundial, bem como montou exposições sobre essas temáticas. Membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira n. 38.

E-mail: marinoditella@gmail.com

PROFESSOR EDUARDO DE OLIVEIRA:

VIDA, OBRA E LEGADO



Ademir José da Silva

A trajetória do professor, escritor, poeta e ativista **Eduardo Ferreira de Oliveira** – (1926-2012) é uma síntese do que o Brasil tem de mais complexo: dor, resistência e esperança. Nascido em São Paulo em 06 de agosto de 1926, criado em lares adotivos e sem conhecer os pais biológicos, enfrentou desde cedo as marcas do preconceito racial. Essa experiência, longe de fragilizá-lo, tornou-se combustíveis para: suas obras literárias; incentivo à educação; militância comunitária e atuação na política.

Ainda adolescente, foi inspirado por um diretor de educandário que o incentivou a valorizar sua identidade negra. Aos 16 anos, compôs o que inicialmente chamou de “**Hino 13 de Maio**” ou “**Cântico da Abolição**”, poema que mais tarde se consolidaria como o célebre **Hino à Negritude** — símbolo de afirmação cultural e instrumento pedagógico na luta contra a discriminação racial no Brasil.

Cumprе salientar que suas obras são marcadas por uma linguagem cheia de vigor, imagens poéticas e de um profundo senso de ancestralidade, destacam-se as obras: *Além do pó* (1944); *Ancoradouro* (1960); *O Ébano* (1961); *Banzo* (1962); *Gestas líricas da negritude* (1967); *Evangelho da solidão* (1969); *Túnica de Ébano* (1980); e *Carrossel de sonetos* (1994).

Nessas obras, Eduardo deu voz às dores e alegrias da experiência negra no Brasil, dialogando tanto com a herança africana quanto com os dilemas contemporâneos da população afrodescendente. Seu estilo transita entre a lírica intimista e o tom combativo, sempre ressaltando a dignidade, a memória coletiva e a luta por liberdade.

Em 1998, lançou a enciclopédia “**Quem é Quem na Negritude Brasileira**”, reunindo mais de 500 biografias de personalidades negras. A publicação é até hoje

uma das maiores contribuições para a preservação da memória coletiva e para a valorização de figuras historicamente invisibilizadas.

Colaborou também com revistas como *Afrodiáspora* e *Thoth*, escrevendo artigos de crítica literária e reflexão sobre identidade, resistência e cultura afro-brasileira. Sua escrita sempre esteve a serviço da transformação social.

E sua vida política? Em 1963, Eduardo de Oliveira, entrou para a história ao se eleger **primeiro vereador negro da cidade de São Paulo**, pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Apesar do curto mandato, deixou sua marca na Câmara Municipal com discursos memoráveis, como aquele em que defendeu a independência das nações africanas, entre elas Angola. Nesse período trocava correspondências com Martin Luther King, sobre a luta pelos direitos civis tanto nos EUA, quanto no Brasil.



Professor Eduardo de Oliveira

Durante as décadas de 1970 e 1980, atuou como **editor, jornalista, professor e defensor dos direitos humanos**, mantendo firme o compromisso de denunciar desigualdades e fortalecer a autoestima da população negra. Protagonista na construção de instituições que marcaram a memória do movimento negro brasileiro. Em 1981, participou da fundação do **Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO)** juntamente com Abdias do Nascimento.

Em 1995, fundou o **Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB)**, no qual foi presidente. A entidade promoveu formação profissional de afrodescendentes, realizou o mapeamento de lideranças negras e fortaleceu a agenda política da igualdade racial.

Nesse diapasão o **Hino à Negritude**, é talvez a obra mais difundida de Eduardo de Oliveira. Sua letra evoca a ancestralidade africana, exalta heróis como Zumbi e Palmares, valoriza a espiritualidade dos orixás e acima de tudo enaltece o espírito de brasilidade. Principalmente no refrão,

“Ergue a tocha no alto da glória
Quem, herói, nos combates, se fez
Pois que as páginas da História
São galardões aos negros de altivez.”

A Cidade de Campinas foi uma das primeiras a oficializar sua execução, em 1995, por meio da Lei nº 8.245, de autoria do vereador Luiz Carlos Rossini. Logo depois, São Paulo adotou medida semelhante com a Lei nº 14.472/2007. O reconhecimento culminou na **Lei Federal nº 12.981, de 2014**, que determina sua execução em todo o território nacional, em eventos alusivos à negritude.

Assim, um poema escrito por um jovem de 16 anos transformou-se em símbolo nacional de identidade, orgulho e luta.

Cabe destacar que, o Prof. Eduardo de Oliveira, teve desenvolvido uma trajetória de vida, marcada pelo respeito à dignidade da pessoa humana, sempre colocada em primeiro lugar. Foi assim, que em setembro de 2001, sob sua liderança, levou uma comitiva de representantes da sociedade civil para Conferência Mundial contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância correlata, realizada pela ONU, em Durban na África do Sul.

Símbolo de luta, amor e carinho pelo povo brasileiro até o último dia de sua vida. Faleceu em 12 de julho de 2012, aos 85 anos, no Hospital do Servidor Público de São Paulo, vítima de insuficiência renal e arritmia cardíaca. Seu corpo foi velado na **Câmara Municipal de São Paulo**, com homenagens de autoridades, movimentos sociais e lideranças negras.

Em 2026, ano do centenário de seu nascimento, será lembrado com homenagens e lembranças de suas lutas por cotas raciais e igualdade de oportunidades, em especial, para mulheres negras, além de sua defesa intransigente, pela democracia e soberania nacional, geração de empregos, investimento público na educação, ciência e tecnologia, bandeiras-faróis na vida do Prof. Eduardo de Oliveira.

O **CNAB** continua a preservar sua memória. Em 2023, por ocasião do aniversário de seu nascimento, a entidade reafirmou seu compromisso com as bandeiras defendidas por seu fundador, reconhecendo-o como um “herói brasileiro” na luta pela igualdade racial.

Historiadores e militantes descrevem Eduardo de Oliveira, como um dos mais longevos e influentes ativistas do movimento negro no Brasil. Sua diplomacia poética,

sua serenidade e sua resiliência frente às desigualdades continuam a inspirar novas gerações.

Independente de quaisquer obstáculos, Eduardo de Oliveira sempre manteve o otimismo. Costumava-se dizer que, a luta pela igualdade racial só seria vitoriosa se alicerçada na **educação e na cultura**. Em um de seus discursos, destacou:

“Vejo algumas pessoas lamentando que o Estatuto da igualdade racial é uma coisa pequena, mas... é muito melhor 60% de alguma coisa do que 100% de nada.”

Assim, suas obras literárias e seu ativismo político são pontes entre passado e futuro: resgatam, a memória da escravidão e da resistência, ao mesmo tempo em que apontam caminhos de dignidade, igualdade e esperança. Tornando um símbolo de resistência e afirmação de identidade que seguirá inspirando gerações futuras.

Referências bibliográficas selecionadas:

- OLIVEIRA, Eduardo de. *Além do pó* (1944) e outras obras literárias. Diversas edições, 1944–1994.
- OLIVEIRA, Eduardo de. *Quem é Quem na Negritude Brasileira*. São Paulo, 1998.
- IPEAFRO – Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros.
- CNAB – Congresso Nacional Afro-Brasileiro.
- Reportagens em *O Tempo*, *Hora do Povo*, *CUT*, *Portal da Câmara Municipal de São Paulo*.
- Artigos e homenagens disponíveis em acervos digitais.

ndo um rastro de insegurança, incerteza jurídica e inquietações de toda ordem, para aqueles que ficam com o ônus de um conflito, que pode se estender “*ad aeternum!*”...

ADEMIR JOSÉ DA SILVA

Sul-mato-grossense, natural de Paranaíba-MS. advogado, escritor e palestrante. Graduado em Direito pela Puc-Campinas, e Pós-graduação I, em Direito Constitucional pela (EPD)-Escola Paulista de Direito. Pós-graduação II, em Direito Econômico e Empresarial pela Escola de Extensão da Unicamp. Presidente da Comissão da Verdade sobre a Escravidão Negra no Brasil e da Comissão de Direito e Liberdade Religiosa da

OAB Campinas; Membro do Instituto dos Advogados do Brasil (IAB); ex-Diretor do Procon Campinas; Diretor Secretário Jurídico do CNAB – Congresso Nacional Afro-Brasileiro; Diretor da ANAN- Associação da Advocacia Negra Brasileira; membro do Conselho Superior do NEAB Unicamp; Colunista nos jornais: Correio popular de Campinas e Gazeta de Piracicaba; e Acadêmico da Academia Campinense de Letras (Cadeira nº 35).

E-mail: ademir.ademirsilva@gmail.com | Instagram: @ademirjose.adv

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA ALEMÃ EM CAMPINAS



Duílio Battistoni Filho

Os registros históricos revelam a presença de alemães em Campinas na década de 1830, quando o Município estava em pleno desenvolvimento, fruto dos rendimentos da lavoura canavieira. Antes mesmo da abolição da escravidão, os fazendeiros iniciaram a substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalho livre, como prova o caso do Visconde de Indaiatuba que, na sua Fazenda Sete Quedas, promoveu a vinda de colonos alemães de Holstein. Conta-se que o primeiro teuto a fixar residência em Campinas foi o médico Christiano Frederico Hasse, proprietário de uma botica. Outro médico a morar na cidade foi o Dr. Germano Frederico Melcher (1884-1921) que abriu uma “Casa de Saúde” à rua da Constituição (atual Costa Aguiar), esquina com a Álvares Machado para atender a população. Além de operador, parteiro e oculista, teve importante participação durante as epidemias de febre amarela em Campinas.

O decênio 1870-1880 marca o início de uma nova fase com a chegada de novos imigrantes alemães oriundos da Alemanha rural que, nessa época, passava por grave crise em virtude de péssimas colheitas. Logo, nas cercanias de Campinas, os colonos alemães fundaram, em 1871, uma Colônia chamada Bairro Rural do Friburgo com o estabelecimento de 34 famílias que se dedicaram ao plantio do café, tendo como primeiro proprietário Frederico Thamerus. A comunidade tinha escola e templo luterano. Também vieram alemães dos meios urbanos, muitos profissionais liberais ligados ao comércio e graças às riquezas do café puderam usufruir a crescente europeização dos hábitos de consumo da sociedade campineira. O que se observa na cidade é um certo aburguesamento do gosto e do modo de vida, principalmente com a presença de confeitarias, cafés, padarias, restaurantes, hotéis nas principais vias do perímetro urbano. Isto fez com que os moradores passassem a ter alternativas de

lazer em determinados pontos, como, por exemplo, o Café Guarani na Rua Barão de Jaguará de propriedade de Filomeno Baratta, onde eram servidas todas as qualidades de bebida como vinhos, cervejas e chás. Ademais é importante frisar que, além das funções básicas de refeições, os cafés tornaram-se importantes para a realização da vida social.

Os alemães que chegaram a Campinas tiveram uma atuação de destaque, notadamente na indústria, comércio e educação. A chegada do berlinense Luís Faber, em 1858, foi fundamental para a indústria de ferragens com a instalação de uma fábrica de fundição no Bairro Bonfim, amparada pelos capitais provenientes das rendas do café. Faber veio ao Brasil movido pela propaganda que a “Agência de Imigração” tinha feito em prol do trabalho livre. A firma Faber & Irmãos, a nova denominação prosperou, aceitando encomendas de enxadas, arados, serras verticais e circulares etc. Ela foi importante porque contribuiu para o aparecimento de novas indústrias ligadas a implementos agrícolas como a Lidgerwood, a Mac Hardy e a Arens Irmãos. A seguir mudou-se para a rua Regente Feijó mesmo após a morte de Faber, em 1878. A mulher e seus dois filhos continuaram o negócio até 1906, quando fechou por motivo de falência. Também de grande importância para a cidade, foi a Fábrica de Chapéus dos irmãos Bierrembach no bairro Santa Cruz (atual Praça XV de novembro) em 1879, sendo a primeira a empregar mulheres e a introduzir a máquina de costura Singer. Tinha um pessoal diário de 50 a 60 operários, muitos deles negros não escravos que chegavam a receber um salário. Deve-se ressaltar a grande assistência dada pelo chapeleiro Johann Ziegler para o aumento da produção. Teve também importância a Fábrica de Chapéus Hempel de propriedade de Kaysel & Shreiner, fundada em 1872, na rua Barão de Jaguará, especializada na fabricação de chapéus de pêlo de lebre, castor e seda. Em 1887 era fundada em Campinas uma filial da Casa Alemã de São Paulo à rua Moraes Sales, especializada em vestidos, roupas brancas, artigos para homens, tapetes e cortinas. Graças às ferrovias, era comum pessoas de outras cidades frequentarem essa loja para realização de suas compras.

Outro ramo industrial era o da marcenaria, carpintaria e madeiras. Estava representado pela influente família Krug. O primeiro a imigrar foi Jorge Guilherme Henrique que, em 1846, se estabeleceu como boticário. Como maçom, ajudou a fundar o Colégio Culto à Ciência e o Colégio Florence. Seu irmão Francisco fundou a primeira marcenaria em Campinas, em 1853, na rua São Carlos (atual Moraes Sales). O empreendimento foi tal que os investimentos tornaram-se diversificados, desde máquinas de descaroçar e enfardar algodão até a fabricação de carros e carroças. Aos poucos, Campinas começa a se industrializar graças aos rendimentos do café. Basta dizer que, no período de 1857 a 1879, foram instalados 18 núcleos fabris. É

bem verdade que a maior parte deles era de caráter artesanal, entregue a oficiais, na sua maioria, alemães, e voltados para o maquinismo. A preferência pelas máquinas agrícolas era defendida por Campos Sales que, nessa ocasião, achava que as condições do solo campineiro eram propícias para esse tipo de empreendimento. O parque industrial campineiro avançava a olhos vistos, a ponto de os industriais, em 1885, realizarem uma Exposição Regional de Produtos Agrícolas e Industriais no Palácio do capitalista Próspero Belinfanti, com grande repercussão nacional.

A preocupação com a Educação era constante entre os teutas. Os primeiros internatos começaram a aparecer na década de 1860, dos quais o mais importante foi o Colégio Florence. Fundado a 3 de novembro de 1863 pela educadora protestante Carolina Krug Florence, natural de Cassel, Alemanha, era destinado exclusivamente à educação de meninas. Esta senhora foi casada com Hércules Florence, francês, radicado em Campinas e pioneiro da fotografia no Brasil. Outro estabelecimento de ensino proporcionado pelos alemães foi a Escola Alemã, no mesmo ano da fundação da Florence. Famosa pelos seus métodos rígidos, em 1931 passou a ser denominada de “Escola Rio Branco”, tendo o pastor Johann Zink como um dos responsáveis pelo seu fortalecimento. Ainda hoje presta relevantes serviços à comunidade.

No século XX, para fugir dos horrores nazistas, várias famílias vieram para o Brasil bem no início da Segunda Guerra Mundial. Foram os Schwarsts, os Demmels, os Wolfgangs e os Moellers, que se estabeleceram no Bairro Bonfim, precisamente na rua que depois seria chamada de Germânia. Eram muito unidos e prezados pelos vizinhos. Apesar de tudo isso, durante a fase final da guerra, quando os aliados fizeram uma grande ofensiva sobre os alemães, a placa indicativa da rua foi retirada e guardada em um local da Prefeitura Municipal com a finalidade de evitar conflitos com as famílias alemãs. Terminada a guerra, foi recolocada no seu lugar. Todas essas famílias levavam uma vida modesta, dedicando-se a pequenas empresas, e muitos de seus membros eram empregados nas fábricas do bairro. Todos eram de confissão luterana e a maior parte era associada ao Clube Concórdia (fundado em 1870). Gostavam de jogar boliches e de Música. O ponto centralizador da rua Germânia era a Fábrica de Tecidos e Elásticos de propriedade do Sr. Hermann Landwarkamps com instalações modernas para a época, um prédio majestoso ladeado por um portão de ferro por onde entravam e saíam os cem operários, a maioria habitante da própria rua. Toda a produção era endereçada aos mercados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Ainda nesse bairro se destacava a Fábrica de Artefatos de Ferro, criada em 1945, de propriedade do Sr. Paulo Nehring, situada na Avenida Alberto Sarmento.

É inegável a contribuição dos alemães no desenvolvimento industrial e comercial do Brasil, como vimos. Não se descuidaram em introduzir padrões de consumo

européus. As residências campineiras também se modernizaram com elementos neoclássicos, transformando-se em suntuosos palacetes. A proliferação de “Chalés” com seus lambrequins foi uma conquista, contribuindo para dar novos ares à paisagem campineira. O interior das casas passa a apresentar móveis com as tradicionais cadeiras artísticas, torneadas e com assento de palhinhas. O piano virou moda e as paredes eram enfeitadas com motivos florais. Além do mais, os alemães criaram hotéis, casas de banho, cervejarias, curtumes, frigoríficos, serrarias etc. Incrementaram o cultivo de legumes e a apicultura. Estimularam a prática da Educação Física nas escolas. Na arte culinária introduziram as comidas frias, chucrutes, o chope, a salsicha, a costeleta – Kessler – e o joelho de porco – Eisbein.

Para concluir salta aos olhos do pesquisador o constante envolvimento do alemão ao trabalho, seja ele católico ou protestante. Sua preocupação em legar dignidade material e moral a seus descendentes serviu de exemplo a todos os campineiros.

REFERÊNCIAS

Barbuy, Heloisa. *A Cidade-exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Battistoni Filho, Duílio. *Estudos Campineiros*. Campinas: Editora Komedi, 2000.

Camillo, Ema E.R. *Guia Histórico da Indústria Nascente em Campinas*. Editora Unicamp / Cmu, 1998.

Depoimento de Dalila Assumpção Leite Battistoni.

Karastojanov, Andrea Mara. *Vir, Viver e talvez morrer em Campinas*. Campinas, Editora da Unicamp, 1999

DUÍLIO BATTISTONI FILHO

Graduado em História e professor do magistério secundário e superior. Ministrou História da Arte no Curso de Artes Visuais e, coordenador do Departamento de Educação Artística da PUC-Campinas. Membro da Academia Paulista de História, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia Campinense de Letras e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas. Foi diretor da Biblioteca do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Autor de artigos e comentários críticos sobre Arte e História, e de vários livros: *Pequena História da Arte* (20^a edição); *Campinas uma visão histórica*; *Alguns aspectos da Arquitetura Urbana em Campinas*; *Vida Cultural em Campinas (1920-1932)*; *Imprensa e Literatura em Campinas nos seus primórdios*.

E-mail – duiliobf27@gmail.com

CIDADE DENTRO



Ezequiel Theodoro da Silva

Vivia ali. Ou não vivia. Existia-se. Embaixo de prédios monstros, ele — homem sem nome de batismo de alma — ia e vinha sem propriamente ir, nem propriamente vir. Encruado no cimento da cidade-graveto, era bicho de asfalto, fungado de fumaça, criado em berço de buzina.

Morava empoleirado no alto de caixa de concreto — vigésimo andar, sem andança —, e a janela, se aberta, cuspiam-lhe o mundo em lampejos: faróis, rangidos, gritâncias, pressas. A cidade não dormia nunca. Mas ele, mesmo acordado, já não mais se sabia desperto.

Café coado em coador de papel triste. Pão de anteontem, durado. Roupa cinzenta — porque cor, na urbe, é coisa de antes da dor. E os passos, sempre para o mesmo. Sempre de novo o igual. Circuito sem fora.



Tomava ônibus — bicho-tosco de carregar gente espremida — e ia para o ofício onde o tempo se amassava em horas plásticas, quadradas. Tecia tabelas, catava papel, clicava teclas, com olhos de peixe morto, mirando tela de vidro frio. Tudo maquínico. Tudo sem-sangue.

Falava pouco. Pouco escutava. Sequer se ouvia.

Voltava na hora que o sol já fugira. No caminho, rostos: tantos, nenhum. Gente de concreto, como ele. Gente-resíduo. Gente sem-gente.

Em casa — que era um cubo —, morava com o silêncio, seu parceiro mais antigo. Tinha uma samambaia falecida no parapeito da janela. Plantinha que, no comecinho, ganhara molhagens, dedinhos de cuidado. Depois, esquecimento. Como tudo.

A tevê, chiadeira de luz. A comida, quente de ontem. O sono, insônia sem insônia. Vez em quando, doía nele uma vontade de não-ser. Mas doía mansinha. Doía dentro, sem estardalhaço. Um engasgo na alma. Vômito seco do existir.

Não lia mais livros. Não rezava mais preces. Não esperava por ninguém.

Às vezes, encostava no peitoril da janela, a espiar os faróis piscando lá embaixo — formigueiro de aço, gente-torpedo. Pensava assim, meio torto: “Se eu caísse?” Mas era pensamento que passava de mansinho, feito passarinho sem coragem de pouso.

Porque o de que mais se tinha medo era de quebrar o costume. E ele já era costume em forma de homem. E foi indo. Indo indo. Sem parar. Sem mudar. Vivente-máquina. Carregador de si. Habitante da cidade-escura, cidade-sem-ninho. Sobrevivia de ausências. Morria de esperas.

Até que, um dia, nem mais se notou.

EZEQUIEL THEODORO DA SILVA

Escritor, poeta. Professor Livre-Docente

Fontes fotográficas:

<https://www.pexels.com/pt-br/>

E-mail – silvasilva1948@gmail.com



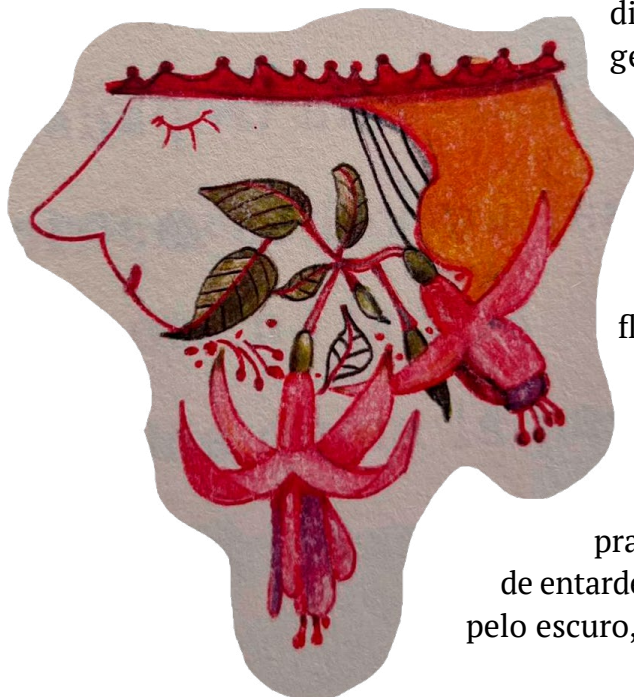
BRINCADEIRAS E NATUREZA



M Margareth Brandini Park

Há um tempo em que sentimos que nossas memórias se tornam um enorme repositório de pequenos grandes tesouros, que podem ser despertados em uma caminhada por lugares com árvores centenárias - velhas senhoras, como as chamo - por uma visita à pequenas casas antigas com enormes hortas de flores comestíveis, como capuchinhas, azedinhas, rosas, amores perfeitos com hortas onde habitam também as belíssimas flores dos quiabos, amarelas e pretas, os azuis anis dos almeirões e flores nuvens de cebolinhas.

Os jardins, junto das velhas senhoras e das hortas podem oferecer uma profusão de convites, dos mais diversos. Convites para fruição e puro deleite, para brincadeiras divertidas e prazerosas com os produtos generosos surrupiados de canteiros, arvoretas, touceiras ou mesmo vasos.



Num tempo em que as ruas não eram demonizadas e interditas, e nas hortas e jardins citadas acima eram comuns os encontros entre árvores, flores, frutos e sementes - as crianças terminavam em ludicidade pura. A imaginação sem limites, o espaço e a liberdade propiciavam jogos inteligentes e criativos, extremamente prazerosos que duravam tardes e começo de entardeceres que eram interrompidos somente pelo escuro, que estendia seu manto e as vozes de

mães chamando seus filhos para o banho, a janta e o descanso. Lembro de ouvi-las dizendo:

- O mundo não vai acabar hoje! Amanhã vocês brincam mais.

E eu perguntava

- Mas e se as flores acabarem?

E elas respondiam

- Teremos os frutos!

E eu

- E se os bichos comerem os frutos?

E elas

-Teremos as sementes!

As mães eram também as grandes facilitadoras das empreitadas infantis: forneciam comidinhas, adaptavam roupas, cediam objetos, os afazeres, cuidados, do respeito à colaboração com os menores incluídos nas brincadeiras.

As brincadeiras nesses espaços eram repletas de brinquedos inventados, criados a partir do que as crianças encontravam em suas buscas curiosas, com seus olhos-lunetas e microscópios ao mesmo tempo... da raiz à copa de árvores... um olhar sério, inventante e desafiador. Os brinquedos não brincavam sozinhos, como na nossa atualidade, exigindo apenas um olhar acompanhante...

Para existirem enquanto brinquedos esses objetos precisam de mãos inquietas, cérebros criativos e muita, muita imaginação a correr solta! E a grande mãe-natureza nos oferecia brinquedos belíssimos, coloridos, interativos, sazonais. Nos ensinava os ciclos, os cuidados, o respeito, a fruição estética. Tudo isso ao alcance em quintais, hortas, jardins e ruas.

Aqui escolho doze plantas que povoam minhas memórias brincantes



de forma tão viva que brotam naturalmente ao serem revisitadas. Doze, o ciclo do ano que se repete e se recria, recriando a vida. Aqui estão elas. Da flor de grande beleza, o papo-de-peru, temos o barco a navegar riachos de quintais - das pétalas de gerânios coloridos, o esmalte para unhas infantis - do dente-de-leão, a carona para enviar nossos sonhos ao longe - melão-de-são-caetano povoava as fruteiras de nossas casinhas, arrumadas em detalhes com rendinhas, pequenos vidros com água colorida por papel crepom e latinhas charmosas de todo tamanho.

A mamona nos ofertava bolotas espinhudas - munição para combates aguerridos entre meninos e meninas, uma guerra em que havia lugar para os jogos de sedução nas medidas de força e no desembaraçar dos cabelos em conjunto.

Das bocas-de-leão tínhamos feras títeres com as quais nos apavorávamos mutuamente, bocas de feras para engolir acompanhadas de balbúrdias, gritos estridentes e revoadas.

Das paineiras rosas tínhamos flores, painas, sementes e até espinhos arrancados com faquinhas, pois naquele tempo “coisas ditas perigosas” faziam parte do aprendizado de destrezas manuais.

Do flamboyant ganhávamos vagens-chocalhos, com as quais acompanhávamos rituais e cantorias engraçadas com rimas que inventávamos e desinventávamos a cada brincadeira.

Os brincos-de-princesa... ah, eles nos transformavam nas próprias, andarilhando por castelos com sultões imaginários, Aladins e tapetes voadores.

Na época das festas juninas e julinas, tínhamos sóis esparramado nas cores das flores de São João que apareciam em postes, pastos e cercas de fazendas. Com elas delimitávamos espaços e fazíamos a decoração para nossas quadrilhas, colocávamos também nos cabelos uns dos outros, com muita cantoria tudo isso junto das pipocas, batatas-doces, doces de abóbora devidamente providenciados pelas mães.



As enormes tipuanas de nossas calçadas enviavam chuvas de girocópteros providenciais para inúmeras viagens, do Oiapoque ao Chuí, do Japão ao Malawui, da Austrália às Savanas africanas. Para países imaginários em que habitavam ogros de um só olho na testa, pessoas azuis, unicórnios simpáticos, dragões nem tanto! Os planos consumiam tardes e tardes com mapas elaborados em papel de pão conseguido na padaria.

As sementes vermelho-sangue do urucum eram festejadas quando moídas e misturadas e se transformavam em tintas para embelezar pequenos indígenas para a dança da chuva, do casamento, da guerra e tantas outras danças inventadas alegremente como, por exemplo, a dança da lua que começa a apontar no céu, a dança do sol...

As vezes dançava-se na chuva e a tinta escorria dos corpos e coloria o chão das calçadas de tijolos, tingindo os pés que deixavam pegadas e formavam desenhos que eram observados atentamente por pequenos pajés e sacerdotisas interpretadores das possíveis mensagens de um grande Deus muito poderoso.

Por tais memórias, concluo ser urgentíssimo reinventar jardins, hortas, quintais e brinquedos, além de desdemonizar as ruas que voltariam a ser espaços de relações e aprendizados.

Temos ainda que rediscutir brinquedos e brincadeiras, desinstitucionalizar crianças devolvendo-lhes liberdade, criatividade e o tempo que dela roubamos em nome de planos futuros. Que elas possam ter seu dia a dia criancero e pleno, pois criança é presente.

Fotos/ilustrações de Marília Cotomacci, pertencentes ao livro “Florário Poético”.

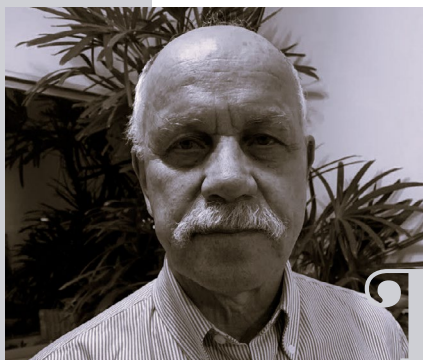
Nome das imagens em sequência: “Brinco-de-princesa”, “Gazânia” e “Rosa”.

MARGARETH BRANDINI PARK

Pedagoga, Doutora em Educação, Pesquisadora da Área da Memória, Assessora de prefeituras para projetos de formação, memórias e comunidades. Escritora Inúmeros livros publicados. Membro titular da Academia Campinense de Letras (ACL) - Cadeira de Número 4

E-mail: margareth.park@gmail.com

A VIAGEM DOS SONHOS



Luno Volpato

Desde priscas eras eu a quis realizar! Frequentou meu radar anos e anos... (Aliás, nestes tempos, sequer radares havia...) Ainda adolescente, ouvindo meu professor, em suas aulas de História, com expressiva ênfase, abordar esta matéria, meus olhos e ouvidos simplesmente se encantavam. Eu viajava, literalmente! A História da Cultura Grega, que encantou a humanidade, sempre instigou minha curiosidade e despertou minhas emoções...

E a viagem?!...,

Minha imaginação vasculhava quaisquer possibilidades, aparentemente inacessíveis, que pudessem torná-la factível. Não era um objetivo tão trivial! Implicava uma logística minuciosa, algumas sondagens, uma decisão que envolvia altos custos, um planejamento específico, aprovação familiar... Mas nada, nem ninguém é capaz de impedir alguém de sonhar! Meu destino final seria o Olimpo, na Grécia, com os braços estendidos para o Universo... E, se possível, uma foto como prova inquestionável, registro marcante e definitivo! Mas o tempo não espera!

... Então comecei os preparativos, com muitos detalhes, minucioso planejamento, o período da viagem, o tempo necessário e disponível, contato com as Agências de Viagens...

E o dia chegou!...

Em Porto Seguro, peguei uma carona com Cabral - aquele mesmo de nosso Descobrimento! Gente boa, o Cabral! Foram 44 dias para a travessia do Atlântico... Aproveitei para conhecer o Velho Continente europeu. Que viagem! Aqui caberiam muitas outras crônicas...

Mas eu tinha pressa! O destino final me aguardava no cais do porto. Não havia tempo a perder! Casualmente, por aqui, encontrei o grande navegador, Colombo, mais conhecido como o Descobridor das Américas. Num bar de esquina, pura casualidade, lá estavam César Augusto, Calígula e Nero, numa espécie de confraternização imperial... Convidado que fui, sentei-me, humildemente, no canto da mesa, e percebi que um repórter começou a indagar-lhes sobre curiosidades, política, planos de conquistas... A seguir me apresentei, e confesso que foram muito gentis comigo... Nero é que não gostou muito, demonstrou certo mau humor, e fechou a cara quando soube que eu era cristão... Logo percebi tratar-se de alguém pouco afeito às diversidades ideológicas!

Comentei a respeito de minha “tourné” e o César, muito simpático, além de afirmar que nunca dissera “alea jacta est”, sabendo de minha pretensão, na mesma hora, pegou o celular e ligou para alguns conhecidos em Atenas, entre eles, Sócrates, Platão, Aristóteles, além do Péricles, - seu compadre - e velho parceiro... Mas eu jamais imaginaria, o que ele fez a seguir, pois sem qualquer cerimônia, simplesmente, fez uma reserva para mim, num hotel 5 estrelas, no centro de Atenas e ainda com estadia paga... Que simpatia! E mais surpreso fiquei ainda, quando convidou para passar uns dias, em sua casa, verdadeiro e suntuoso palácio, enquanto eu aguardava a data de partida para meu destino em terras gregas. Confesso que foram verdadeiros dias de rei... César, ele próprio, me levou para conhecer os lugares famosos de Roma... Ainda tenho uma fotografia ao seu lado, na frente do Coliseu, e, acreditem, tirada por Hércules Florence, que estava passeando por lá...

Falar de Roma!?... As páginas da História melhor do que ninguém traçam o perfil, a simbologia, a significativa expressão que ela desperta em todos os caminhos da humanidade, a partir de sua hegemonia marcante, definindo novos conceitos de vida, impondo marcas e costumes de uma sociedade em transformação... E sobretudo, poder!...

Passados alguns dias...

Peguei uma caravela, rumo ao almejado, planejado, sonhado e agora possível destino final: Grécia! Símbolo maior da cultura ocidental, sobremaneira representada por ilustres escritores, poetas e filósofos, com marcas indeléveis e forte influência nos rumos da sociedade humana. E tive o raro privilégio e a oportunidade de me sentar à mesa com este triunvirato mágico, Sócrates, Platão e Aristóteles, que desperta sentimentos, comove corações e transforma universos com sua arte, sua magia, sua Verdade... Foram três dias inesquecíveis de muita aprendizagem, diálogos francos, muita troca de conhecimento e inequívoca bagagem cultural adquirida... Um encontro

inesquecível!... De minha parte, pude contribuir com uma especialidade brasileira: a caipirinha! Eles adoraram!...

... E, finalmente, consegui tirar aquela fotografia, de braços abertos, dialogando com os deuses, lá no alto do Olimpo...

ÍNDIA

Luno Volpato

Teus traços simbolizam tua raça.
Tão negros teus cabelos, tão macia
A pele de veludo... Encanto e graça
Na face de sutil melancolia.

A aurora novas luzes prenuncia...
Na rede, a balançar, tu'alma enlaça
Uma saga de heróis, de rebeldia:
Escravos nunca mais! Só a pesca e a caça...

No peito a vil lembrança dos grilhões!...
Teu brado vai contar às gerações
Enredos de penúria e crueldade...

O sangue escorre livre em tuas veias...
E escreve no silêncio das aldeias,
Uma história de sonho e liberdade.

TRIBUTO A 32!

Luno Volpato

São Paulo encarna as dores da nação!
Paulista cumpre a lei, mas quer respeito.
O povo evoca a força do direito,
E invoca a paz – em nome da razão.

Ninguém há de manchar-lhe a tradição!
Há um orgulho sagrado em cada peito!
A honra não transige! E, nesse pleito,
Levanta-se em defesa do seu chão.

O filho parte!... Luta na trincheira...
E seu sangue - penhor da liberdade -
Embebe as treze listras da bandeira.

Uma saga de glórias a alma acende...
Num rasgo de civismo e lealdade,
São Paulo cai de pé!... Mas não se rende!...

LUNO VOLPATO

Professor de Português e Inglês, escritor e poeta. Mestre em Língua Portuguesa pela PUC São Paulo. Dedicou-se ao soneto com maestria, em versos decassílabos. Presidente do CEPAC – Centro de Poesia e Artes de Campinas. Autor dos livros “Ecos de Meu Caminho” Ed. Alínea e “Pedras Pétalas e Palavras”. Ed. Komedi, 2004. Membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira nº 11

“FINITUDE DA VIDA”



Flávio A. Quilici

A finitude da vida é um conceito profundo que convida à reflexão sobre a natureza da existência, a inevitabilidade da morte e a busca por significado no tempo que ainda temos.

A percepção da finitude da vida pode ser um catalisador para uma vida mais consciente e valorizada. Ao reconhecer que a vida é limitada, podemos direcionar nossas energias para o que realmente importa, buscando experiências significativas e relacionamentos autênticos. Abraçar essa finitude leva a uma apreciação mais profunda da vida, dos relacionamentos e das experiências que moldam nossa jornada.

Compreendê-la é reconhecer a preciosidade do hoje e de todas as oportunidades que a vida traz, é entender que muita coisa pode acontecer num intervalo de tempo muito curto (horas, minutos ou até segundos), podendo mudar para sempre o destino e o rumo de nossas vidas e de todos que nos cercam. Envolve uma combinação de reflexão, exploração e aceitação das limitações inerentes à existência humana.

A finitude da vida refere-se às limitações e limites inerentes à existência humana. Abrange a compreensão de que a vida é temporária, finita e, em última análise, termina. Ela pode ser vista sobre várias perspectivas, como:

- Filosófica – por meio de uma reflexão existencial, como as dos filósofos Martin Heidegger e Søren Kierkegaard que exploraram a ideia de finitude como um aspecto fundamental da condição humana, argumentando que a consciência da nossa mortalidade pode levar a uma vida mais autêntica e significativa. Ou pelo reconhecimento de que a finitude da vida, frequentemente, nos leva a buscar um significado ou mesmo um propósito em nossas vidas, induzindo a reflexões mais profundas sobre valores, relacionamentos e objetivos pessoais.

- **Biológica** – porquanto todos os organismos vivos têm um ciclo de vida que inclui nascimento, crescimento, reprodução e morte, essa finitude biológica é uma parte natural da vida, regida por fatores genéticos e ambientais. A última etapa desse ciclo é o processo de envelhecimento, uma manifestação biológica da finitude, pois leva a um declínio gradual das capacidades físicas e cognitivas, resultando na morte.
- **Cultural e Social** – nas quais diferentes culturas têm crenças e práticas variadas em relação à morte e à vida após a morte, que moldam como as pessoas percebem a finitude da vida. Algumas culturas celebram a vida e a morte como parte de um ciclo contínuo, enquanto outras encaram a morte como uma finalidade. A consciência da finitude da vida pode nos levar a refletir sobre nosso legado e como seremos lembrados após a partida, situação que pode influenciar em decisões sobre relacionamentos, conquistas e contribuições para a sociedade.
- **Psicológica** – A finitude da vida pode evocar medo e ansiedade em muitos indivíduos. Esse medo pode influenciar o comportamento, os relacionamentos e a saúde mental. Ele é inegável e um sentimento inato ao ser humano que se tornou parte da nossa genética desde os primórdios da evolução e ajuda-nos a sobreviver, ultrapassando dificuldades e evitando riscos à nossa integridade.

Por outro lado, aceitar a finitude da vida pode promover resiliência e aceitação, encorajando os indivíduos a viverem integralmente o presente e a apreciarem suas experiências.

Como compreender e aceitar a finitude da vida? Uma das formas mais eficazes de lidar com a finitude é a aceitação. Em vez de fugir da ideia da morte, acolhê-la como parte do ciclo natural da vida pode trazer um sentimento de paz. Para essa aceitação, podemos:

- **Refletir sobre a mortalidade:** Assim como nascemos e crescemos, a morte é um ciclo natural. Reservar um tempo para pensar na inevitabilidade da morte, que para muitos poderá ser desconfortável, no entanto, poderá induzir a uma maior apreciação pela vida. Ao encarar a finitude, podemos diminuir a ansiedade e o medo associado à morte, permitindo que vivamos com mais leveza e tranquilidade.
- **Abraçar o presente:** Cultivar o “agora” poderá ajudá-lo a apreciar a vida conforme ela se desenvolve e reduzir a ansiedade em relação ao futuro. Reconhecer a beleza dos momentos cotidianos pode aumentar sua apreciação

pela vida e estimular sua gratidão a ela e a buscar experiências que tragam realização pessoal.

- Conectar-se com a natureza: tenha um momento na natureza e observe os ciclos de vida e morte no mundo natural, fato que poderá proporcionar uma perspectiva sobre sua própria vida e sua natureza temporária.
- Construir relacionamentos significativos: Invista tempo em relacionamentos com familiares e amigos porque essas conexões podem proporcionar conforto e apoio. Valorizar as pessoas que amamos.
- Reconhecer a finitude do tempo: nos incentiva a aproveitar cada momento e a não adiar sonhos e objetivos.

Em essência, compreender a finitude da vida é uma jornada pessoal que envolve reflexão, exploração e aceitação. Ao se envolver com essas abordagens, você pode cultivar uma consciência mais profunda das limitações da vida e, por sua vez, desenvolver uma maior apreciação pelo tempo que tem. Abraçar essa compreensão pode levar a uma vida mais significativa e plena.

A finitude da vida destaca a natureza transitória da existência humana, levando-nos a confrontar nossa mortalidade e a considerar como desejamos viver à luz dessa realidade. Incentiva uma compreensão mais intensa do valor da vida e da importância de aproveitar ao máximo o tempo que ainda temos.

FLÁVIO ANTONIO QUILICI

Médico, literato, professor e conferencista. Vice-presidente e Membro da Academia Campinense de Letras, ACL, titular na Cadeira 5; da Academia Campineira de Letras e Artes, ACLA; da Academia Cristã de Letras de São Paulo, ACL; da Academia Nacional de Medicina; da Academia de Medicina de São Paulo; do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas. Médico, Mestre e Doutor em Cirurgia pela UNICAMP. Professor Titular de Gastroenterologia e Cirurgia Digestiva da PUC Campinas; Cirurgião Emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Autor de inúmeros livros didáticos, de história da medicina, de ciência e espiritualidade.
E-mail: flavioquilici@gmail.com

NO AMOR, VEMOS AS COISAS COMO ELAS SÃO?



André Gonçalves Fernandes

O que é mais perfeito: conhecer ou amar? Se nos fizéssemos essa pergunta, a resposta não seria simples, porque, em si, já sabemos que o ato de conhecer é a atividade mais possessiva e menos material, na medida em que se cuida de atividade pura.

O conhecimento, *em si*, é mais perfeito, mas o amor é mais perfeito *para mim*, pois através dele eu me uno junto ao objeto de uma maneira mais íntima e realizada. Em suma, é melhor amar que conhecer. A chave final para uma vida bem vivida não está em saber, mas em amar. “Meu amor é meu peso”, disse Santo Agostinho. Meu amor é o que guia minha vida, que a realiza e a plenifica.

Deus caritas est, afirma São João Evangelista (1 Jo 4:16). Quando pensamos no amor, acreditamos que essa afirmação pode nos conduzir por um caminho amplo e fácil através de todo o assunto, a começar por dizermos que os amores humanos merecem o nome de amor na medida em que se assemelham àquele Amor que é Deus.

O amor é um processo pessoal de autorrealização, ou seja, o motor do agir humano rumo ao bem do indivíduo como pessoa. Dito de outra maneira, cuida-se do amor como exercício da liberdade e o exercício da liberdade como amar. O panorama do amor, na história do pensamento, sempre foi visto como um eixo fundamental da natureza humana, uma mola do atuar humano nas relações intersubjetivas e nas mais variadas dimensões, níveis e ordens, segundo as pessoas a que se dirige.

Os bens, na vida humana, podem ser como meios para se alcançar outro bem posterior ou podem ser queridos por si mesmos. Ambos são atos da vontade, mas o primeiro configura um interesse, porque um bem é instrumentalizado em prol de

outro, e o segundo, por ser desinteressado, encerrar-se em si mesmo e gozar de um valor intrínseco, perfaz o amor.

Na antropologia filosófica, amar é um ato da vontade por meio do qual a pessoa tende à posse de um bem. Habitualmente, o amor vem acompanhado do afeto de gozo ou alegria, que consiste em sentir que esse sentimento não é essencial ao ato da vontade, pois bem pode desaparecer sem diminuir o amor.

No âmbito fenomenológico, não é fácil distinguir entre o afeto derivado do interesse e o afeto procedente do amor verdadeiro, fundado no desinteresse, mas, também nesse âmbito, podemos distinguir entre a consciência do amor quando existe alteridade e nosso próprio bem ou felicidade, fruto desta consciência.

Então, temos duas dimensões gregas do amor: *eros* e *ágape*. O *eros* é o amor de concupiscência, a inclinação para a própria plenitude e, por isso, pode ser chamado de amor possessivo. Ao amar, deseja-se a própria felicidade ou o próprio bem.

Este é o paradigma do amor no mundo grego, imortalizado nas obras platônicas *Fedro* e o *Banquete*. Para os gregos, o *eros* era uma espécie de arrebatamento amoroso que se impunha ao homem como uma “loucura divina” que prevalece sobre a razão. Na linguagem comum, corresponderia ao enamoramento, ou seja, alguém que, por estar apaixonado, está, de algum modo, fora de si.

O *ágape* é o amor benevolente, a inclinação a se querer o bem do outro pelo outro, ou seja, que o amado cresça e se desenvolva. O amado se afirma em si mesmo, em sua alteridade e de forma desinteressada. *Ágape* tornou-se a expressão característica da concepção bíblica de amor, porque, em oposição ao amor desejante e egoísta, o *ágape* expressa a experiência do amor que se tornou descoberta do outro.

Como efeito disso, o amor corresponde ao cuidado do outro, já não busca o próprio bem, mergulhado na loucura da própria felicidade, mas anseia pelo bem da pessoa amada e, assim, o amor torna-se doação e renúncia. Esse amor pode ser simbolizado pelo amor da mãe pelo filho.

Em princípio, pode parecer que existem dois amores opostos. O *eros* seria um amor egoísta e imperfeito, enquanto o *ágape* (ou, em latim, *caritas*) seria o modelo de amor perfeito e desinteressado. Se assim fosse, seriam duas formas de amor antagônicas.

No debate filosófico, já se chegou a afirmar que o amor tipicamente cristão seria o *ágape* e não o *eros*, porque o amor é positividade e perfeição do ser, ou seja, quanto mais o indivíduo é perfeito, mais ele ama e o Ser que dá o ser, o mais perfeito de todos, é o próprio Amor (*Deus caritas est*). No mais, a vida íntima de Deus é amor, a saber, a

relação de amor entre Pai e Filho é o Espírito Santo. Com um ato de amor, Deus cria o mundo. Por amor, Deus assume a natureza humana, redime a humanidade e a tira da morte do pecado.

Na realidade, *eros* e *ágape* vão unidos ou, mais precisamente, o *eros* conduz ao *ágape*. O sair de si mesmo, a culminação do *eros*, leva à descoberta do outro. Esta descoberta leva o enamorado a fazer cada vez menos perguntas sobre si mesmo e a buscar cada vez mais a felicidade do outro. Ele passará a se preocupar mais com o outro, entregar-se-á mais ao outro e desejará mais ainda “ser-para” o outro.

Chamar de “amor” o desejo da própria plenitude pode ser feito desde que esse desejo não seja separado do *ágape*, a forma genuína e adequada de amar que a pessoa humana possui, porque não é um amor verdadeiro aquele que deseja apenas sua própria plenitude independentemente da plenitude do outro.

Dessa forma, o momento do *ágape* insere-se no *eros* inicial e, caso isso não se dê, o *eros* torna-se distorcido e também perde sua própria natureza. Sem essa dinâmica amorosa, o próprio amor degenera-se, porque, quando essas duas dimensões separam-se completamente, uma e outra acabam perecendo.

Por um lado, um *eros* que não leva ao *ágape* acaba sendo uma busca egoísta da própria felicidade, pois o fim do amor passa a ser o puro fato de estar enamorado para fugir de um vazio existencial e não mais se dirigir à pessoa do outro.

Sobre essa deriva teleológica, num desses processos de família que passou em minha mesa para sentença, um jovem sujeito havia investido muito dinheiro num negócio conjugal, um sonho de vida a dois. Mal dormia, teve depressão, foi contemplado com um monte de reclamações trabalhistas, passava boa parte do tempo em conversas com a clientela, o contador, o despachante aduaneiro e, também, o advogado.

Não é tipo de cotidiano que eu desejaria para mim. Mas se submetia a tudo isso em prol de um projeto existencial. Até que se encantou perdidamente pela secretária e resolveu ouvir o eco do Lorde Byron que habita em cada um de nós. Ou seja, investiu todas suas energias no relacionamento com a empresa e não deixou nada para a sócia no empreendimento, sua companheira de apenas dois anos.

Disse-me, na audiência, que precisava de outras emoções e, por isso, a pessoa que se sentava na frente dele não servia mais para isso. Imediatamente, veio a sequência do filme à cabeça. Dali a uns anos, seria a vez da estagiária ao invés da secretária.

Em suma, a capacidade de se relacionar encontra sua plena expressão num amor de doação, isto é, num amor que sabe dizer “eu sou seu”. É a reviravolta total do eu,

que se faz dom ao outro, porque já sabe viver em função do outro. Cria uma relação madura, serena e forte que sabe trabalhar a si mesmo para integrar-se plenamente ao outro.

Assim, pode-se fundar um vínculo estável e duradouro, na medida em que cada um se empenhe por construí-lo generosamente na própria vida. Pessoas não são objetos. O amor não existe para satisfazer nossos devaneios byronianos. Um amor, edificado diariamente, existe para lembrar que alguém é mais importante do que nós e que, se a lâmpada de casa queimou, é preciso trocar a lâmpada ou, quem sabe, trocar a fiação, mas não mudar de casa.

Curiosamente, nos últimos anos, só houve uma série televisiva com coragem para enfrentar essa verdade. Chamava-se *The Mind of the Married Man*. Durou uma temporada, já que a atenção das massas preferia as *Spice Girls* nova-iorquinas do *Sex and the City*. Sinal dos tempos. Tempos de amores descartáveis.

Por outro lado, o mero *ágape*, uma pura doação de si mesmo, acompanhada da renúncia à própria felicidade, conduz à uma visão desencarnada e pouco humana do amor. Em última instância, o homem não pode escolher não ser feliz. O amor, como afirma Pieper, quando é verdadeiro, não busca seu próprio bem, porque o amante ou enamorado, a partir de um desprendimento não calculado, recebe, em todo caso, seu próprio bem, o pagamento do amor.

A vida boa, no amor, obtém-se precisamente com a condição de não a buscar em si mesma, mas em apenas aceitá-la como um presente para o amor desinteressado. Quem, no amor, busca o próprio amor, perde o amor e, também, a alegria ou o gozo de sua posse. Por isso, a liberdade, aqui, tem uma dimensão muito fecunda. A liberdade é inseparável da verdade e, portanto, está ligada à responsabilidade, que assume as consequências da decisão tomada, porque a responsabilidade é a adequação da liberdade consigo mesma e a coerência com os propósitos que ela assumiu.

Não assumir a responsabilidade pessoal, transferi-la para os outros ou sair do caminho quando as coisas parecem estar dando errado equivale a cancelar a memória da própria liberdade. O exercício arbitrário da “vontade de esquecer” racha o próprio ego, como se vê tragicamente na Genealogia de Nietzsche. Eu poderia, orgulhosamente, não ter feito o que fiz e, então, eu me fecho para as possibilidades de prêmio e perdão. Renuncio a exercer uma liberdade madura, capaz de recordar a si mesma.

Ser constante no amor equivale a ser fiel a si mesmo, a viver autenticamente. A existência puntiforme e dispersa de que, a pretexto de um vitalismo espontâneo ou de um afã de pleno uso das possibilidades, esfacela o panorama da vida, encontra sua causa original na ausência de decisões-chave, que são aquelas que estabelecem

projetos de vida e que desenham linhas de conduta daí subsequentes. Em suma, aquelas que provocam consequências conscientes e desejadas.

A autenticidade é a concordância de minhas decisões livres – particulares, concretas e cotidianas – com aquelas decisões-chave, livres por excelência, pelas quais assimilo e me comprometo com os princípios radicais de minha vida. Essa autenticidade se configura como amor e, em última análise, como fidelidade.

Alguns, hoje, caricaturam a fidelidade como rotina, sem perceber que estabilidade e constância são compatíveis com uma fidelidade perenemente restaurada, alheia a qualquer tipo de monotonia. A infidelidade, às vezes, é apresentada como uma máscara para a libertação, quando, na realidade é o primeiro catalisador da desintegração interna e da autodissolução da personalidade. A autenticidade é, portanto, amor e fidelidade a uma verdade vital, pessoalmente assimilada e livremente decidida.

Fidelidade é liberdade mantida e aumentada. É o aumento necessário do amor. O amor se sobrepõe à duração temporal da existência humana e gradualmente se transforma em fidelidade, atualizando aquele amor da decisão original pelas vicissitudes existenciais da minha vida. O amor nunca é algo dado de uma vez por todas, nem mesmo algo que progride num fluxo contínuo e harmonioso. Há sempre, envolvido no amor, um “já” que me impele à fidelidade como decisão mantida livremente.

Termino com o famoso Soneto 18 de Shakespeare, em que a beleza do ser amado é colocada ao lado da beleza de um dia de verão, entretanto, aos olhos de quem ama, a pessoa é ainda mais bela e agradável, porque a beleza não se esvai, dado que seu ser também não se dissipa, tornando-se eterna e imutável:

*Se te comparo a um dia de verão,
És por certo mais bela e mais amena.
O vento espalha as folhas pelo chão
E o tempo do verão é bem pequeno.*

*Às vezes, brilha o Sol em demasia,
Outras vezes, desmaia com frieza;
O que é belo declina num só dia,
Na eterna mutação da natureza.*

*Mas, em ti, o verão será eterno,
E a beleza que tens não perderás;
Nem chegarás da morte ao triste inverno.*

*Nestas linhas com o tempo crescerás,
E enquanto nesta Terra houver um ser,
Meus versos vivos te farão viver.*

ANDRÉ GONÇALVES FERNANDES

Juiz de direito, pós-doutor, escritor e professor-pesquisador. Titular da Cadeira 30 da Academia Campinense de Letras.

E-mail: fernandes.agf@hotmail.com

NEM TUDO ACABAVA BEM NOS ASSUNTOS DA VILA INDUSTRIAL



Vera Pessagno Brécia

NAs famílias italianas eram numerosas na Vila Industrial. Os italianos e, também, seus descendentes adoravam o Brasil, compartilhavam seus costumes, cultura e, principalmente, a culinária. Tinham uma predileção ao carnaval, especialmente, os homens italianos que adoravam as mulheres daqui. As esposas sabiam disso e, sempre, aconteciam confusões por esse motivo. algumas até pitorescas e divertidas.

No carnaval daquele ano de 1932, segundo minha avó, o italiano Braciolla resolveu, escondido da mulher, participar do tal “carnevalle brasileiro”, pois os amigos diziam que tinha mulher pelada, lança-perfume, bebida, música e alegria.

Assim, ele inventou que tinha que trabalhar, ou seja, ir buscar mercadoria com seu caminhão e, portanto, ficaria fora por três dias. A pobre Giovanna, esposa do Braciolla, com um bando de filhos para cuidar e coisas a fazer, nem desconfiou das reais intenções do marido.

Na verdade, até comemorou, pois aceitaria o convite das amigas para ver o famoso carnaval de rua da Vila Industrial. Ela aprontou os dez filhos e lá foi, juntamente com minha avó que, também, levou sua turminha. Foi uma festa para todos, crianças e mulheres que se encantaram com os carros alegóricos, as fantasias, as alegorias e a explosão de fogos e cores.

De repente, um dos filhos da Giovanna, muito esperto, ao olhar um carro alegórico em homenagem às belezas da Itália, reconheceu, apesar da fantasia e da máscara, seu pai “Braciolla”.

O garoto, então, saiu correndo pela rua e subiu no imponente caminhão, abraçando o pai. Os policiais, que faziam a segurança do desfile, interromperam

a cena, devolvendo o garoto à mãe, que toda feliz, comentou com minha avó: “que pena o Braciolla não estar aqui”! a Vila Industrial era assim, um misto de festas e pequenas tragédias, mas é o lugar que até hoje, sem sombra de dúvida, povoa muito das minhas memórias e emoções

Segundo minha avó, corria o ano de 1919 e os lendários bondes já circulavam por toda a cidade. Naquela época, as mulheres se casavam muito cedo e, tinham muitos filhos. Minhas avós - na verdade - eram exemplos de boas parideiras, uma com 8 e a outra com 12 filhos. Casavam, ainda adolescentes e, geralmente, só conheciam seus futuros maridos, no dia do casamento.

O casal, que agora será destaque, pertencia a uma família rica e tradicional de Campinas e, o casamento foi noticiado pelos jornais e pelas rádios da cidade. Um casamento que marcou a sociedade campineira pelo luxo, pela sofisticação e, principalmente, pela simpatia e a felicidade.

Do bonito casal, o marido trabalhava nas empresas paternas e viajava muito, tanto para levar, como para trazer materiais de construção para as respectivas empresas.

Mas, ao contrário das jovens esposas da época, ela não conseguia engravidar. As comadres ensinavam várias simpatias, que ela, religiosamente, experimentava, mas nada acontecia.

Com o passar dos anos, entediada pela constante ausência do marido, ela começou a circular através dos bondes existentes na cidade. Numa dessas andanças pelo bonde 9, ela passou na frente do tradicional Colégio Estadual Culto à Ciência e viu o sobrinho do marido que, naquela época, tinha 16 anos.

Era um ‘bello ragazzo’. Daí surgiu uma atração de ambas as partes, que evoluiu rapidamente. Durante algum tempo, o novo casal viveu uma aventura proibida e apaixonada, e por muito pouco, não foram pegos pelo marido.

Com medo, resolveram encerrar o perigoso relacionamento. Um belo dia, o marido, sem desconfiar de nada, ao abrir a gaveta do “criado mudo”, encontrou um belo relógio masculino.

Desconfiado, pegou para si o relógio e, como diz o velho ditado português...”quem usa, cuida”... seria um amante? A dúvida começou a incomodar o marido e ele passou a usar o relógio, ostensivamente, em todas as ocasiões festivas.

Passou um bom tempo. Um velório foi realizado na casa do patriarca da família, por ocasião da morte de um querido familiar. Era comum os velórios acontecerem nas casas das pessoas com grande parte dos parentes, espalhados pela casa.

Na madrugada, foi servido um café e, o jovem sobrinho que, também lá estava, inocentemente, aproxima-se do tio e, pergunta em que lugar ele tinha encontrado “aquele relógio” tão bonito...

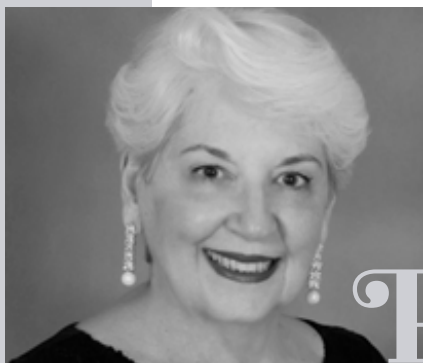
O jornal da cidade de Campinas noticiou, com destaque, nos dias que se seguiram, “assassinato durante velório na vila industrial.”

VERA PESSAGNO BRÉSCIA

Nascida em Campinas, psicóloga, escritora, cantora lírica. Graduada em Psicologia, Educação Musical e Direito na PUC - Campinas, Pós-graduação em Psicologia com Mestrado e Doutorado na PUC Campinas e Pós graduação Lato Sensu em Musicoterapia na FMU-SP. Professora Universitária na PUC-Campinas, Fundação Educacional de Bauru e Fundação de Jaú-SP. Foi delegada de Cultura da Secretaria de Estado da Cultura em Campinas de 1983 a 2005. Empresária em Hotelaria, Produtora Cultural. Autora de Livros: Educação Musical - Bases Psicológicas e Ação Preventiva (2011); Crônicas em Tempo de Pandemia. A Música como Recurso Terapêutico. Titular da Cadeira 24 da Academia Campinense de Letras.

Email: verapessagno@gmail.com

POLÍTICAS CULTURAIS PARA A DIVERSIDADE CULTURAL



Regina Márcia M. Tavares

A cultura, em sua tessitura vasta e multifacetada, é o alicerce invisível e pulsante da existência humana. Não se trata de mero ornamento social: cultura é forma de vida, expressão, memória e invenção constante da realidade. Ela se manifesta nas escolas, sim, mas extrapola os muros do ensino formal, revelando-se na intimidade dos lares, nas brincadeiras, nos vínculos comunitários e, com vigor especial, nas artes.

Num mundo cada vez mais conectado por tecnologias e saberes compartilhados, assiste-se ao surgimento de uma comunidade cultural planetária. No entanto, essa convergência não significa homogeneização. Ao contrário: cada povo deseja manter suas singularidades, definidas pelas trilhas históricas que percorreu. E é justamente essa diferença que transforma culturas locais em fontes potenciais de desenvolvimento endógeno.

O Patrimônio Cultural que cada sociedade constrói ao longo das gerações é dinâmico, mutável, fluido — resultado das interações humanas com o meio natural e com os outros. Preservá-lo não significa engessá-lo, mas sim promover espaços férteis para sua contínua produção, interpretação e reinvenção. Só assim ele funcionará como referencial identitário e impulso criativo para o futuro.

Vivemos num universo de símbolos criados pelo próprio ser humano como estratégia de sobrevivência e organização social. A criatividade é, portanto, a chave da continuidade da espécie; e, como se sabe, o desenvolvimento é um processo criativo de invenção histórica que exige estímulo constante à imaginação coletiva.

A Política Cultural, nesse contexto, deve ser entendida como ferramenta do Estado para garantir a realização das potencialidades de seus cidadãos. Ela deve

priorizar: a preservação da Memória e do Patrimônio Cultural; a defesa da identidade cultural em suas múltiplas formas; a democratização do acesso aos bens simbólicos; e a criação de meios para fomentar a criatividade da população.

Entretanto, ao Estado não cabe produzir Cultura. Seu papel é de facilitador e articulador. A Cultura nasce das entranhas da sociedade, nos gestos cotidianos e nas expressões que os grupos constroem por si mesmos. Ao Estado cabe criar condições para que essa produção floresça, sem direcionamentos uniformizantes ou mercadológicos.

A globalização, longe de ser apenas um processo econômico, é também civilizatório. Mas carrega tensões, desigualdades e contradições. Vivemos num caleidoscópio de ideias e ideologias — muitos herdados das estruturas históricas de dominação. Em cinquenta anos, mudamos mais do que em cinco mil. Estamos no primeiro quartel do século XXI ainda perplexos, ansiosos, mas também decididos a redescobrir formas de convivência social mais suaves e humanizadas.

A comunicação de massa — rádio, TV, internet — atua como veículo poderoso na disseminação de valores que sustentam o “status quo”. Contudo, é também espaço de contradições e disputas simbólicas. A padronização de gostos promovida pelas indústrias culturais reforça tendências alienantes e enfraquece expressões autênticas e locais. O ensino livresco e ornamental do passado deixou marcas difíceis de remover, dificultando o enfrentamento dos problemas reais da América Latina.

Diante desse cenário, proponho alguns caminhos para Políticas Culturais que resguarдем a diversidade:

- Reeducar a classe política sobre a complexidade da Cultura.
- Integrar transversalmente Políticas Públicas que contemplem os conteúdos culturais.
- Valorizar produções culturais autônomas e autênticas, sem privilegiar apenas o que é exótico ou midiático.
- Monitorar acordos internacionais que possam ameaçar expressões culturais locais.
- Promover debates amplos com universidades, centros culturais e movimentos sociais.
- Exigir dos representantes públicos projetos de lei que sustentem criadores e a indústria cultural, com igual atenção às áreas estruturantes da sociedade.

Concluo, insistindo, que a proteção à diversidade cultural é, acima de tudo, um ato ético e político. Num mundo repleto de tensões, respeitar as singularidades e os repertórios locais é o que sustenta uma sociedade plural, criativa e humanizada.

REGINA MÁRCIA MOURA TAVARES

Antropóloga, professora. universitária aposentada, ex-consultora do CNPq, ex-conselheira dos CONDEPHAAT e CONDEPACC, escritora, palestrante e consultora. Membro titular da Academia Campinense de Letras e do Instituto Histórico-Geográfico e Genealógico de Campinas.

E-mail: reg3mar@gmail.com

LIBERDADE AINDA QUE TARDIA

ONDE O AMOR NÃO DEU CERTO



W *Walter Vieira*

O amor não morre jamais, diz o apóstolo Paulo na carta 13.11 aos Coríntios. Com esse pensamento fomos viajar a um passado não muito distante, eu, esposa e filha, pelas históricas cidades de Minas Gerais, Ouro Preto, Ouro Branco, Tiradentes, São João del Rei, Itápolis, Mariana, Congonhas do Campo, num mergulho de profundidade no trágico-heróico episódio da Inconfidência Mineira. Começamos por onde ele nasceu em novembro, 12, 1742, Fazenda do Pombal, Ritápolis, então pertencente a São João-del Rei. O pai português, proprietário da Fazenda, Domingos da Silva Santos, mãe brasileira, Maria Paula da Encarnação Xavier, de quem herdou o sobrenome. A Fazenda Pombal que fica na margem esquerda do Rio das Mortes, ainda tem vestígios de seu passado, como restos arqueológicos de um antigo moinho. Ali também tem uma estátua dele, com uma inscrição em memória de seu sacrifício. Na infância minerou com seu pai no rio que passa dentro da fazenda. Não era de família pobre como revelou inventário de sua mãe aberto em 1756, constando que havia 35 escravos, senzala e equipamentos para mineração. Percorremos a Fazenda Pombal que está bem cuidada, numa visita detalhada que durou umas três horas. Foi muito emocionante ver tudo aquilo que respira um passado e sentir que um dia ali ele viveu sua infância sem suspeitar o que o destino lhe reservaria. Após a morte de sua mãe ele muda com o pai e irmãos para a Vila de São José, hoje Tiradentes. Quando tinha onze anos o pai morreu e a família perde as propriedades por dívidas. Ficou, então sob a tutela de um tio, Sebastião Ferreira Leitão, dentista, que lhe ensinou a profissão pela qual ficou conhecido aprendendo ornar a boca com novos dentes feitos por ele mesmo. Mas não teve instrução regular. Já adulto tentou a vida como mascate e minerador sem sucesso, alistou-se no destacamento dos Dragões onde chegou a alferes.

1. Aqui começa a sua jornada para ficar na história do Brasil, no centro nervoso da revolução frustrada, que mudaria seu destino e a vida dos moradores de Vila Rica e adjacências, nos diversos níveis da sociedade colonial: mineradores, padres, médicos, artistas, escritores, poetas, até Ouvidores do Reino de Portugal. Vila Rica era populosa para a época, tinha 78.600 habitantes, dos quais 49 mil negros, 17 mil mulatos e 12.600 brancos, segundo Maurício Pianzola (1) in *Brasil Barroco*, pag. 82 e Portugal estava sob o comando da rainha Maria I. Como soldado Xavier tinha a missão de policiar a estrada real que levava riquezas de Vila Rica até Parati e de lá para Portugal. Foi assim que se inteirou da exploração de Portugal sobre os mineradores e conheceu um grupo de intelectuais brasileiros formados em Coimbra, que na volta ao Brasil traziam o ideal da independência influenciados pela Revolução Francesa e pela Independência dos Estados Unidos, dentre eles, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Padre Toledo, José Alvares Maciel, Padre Oliveira Rolim, Freire de Andrade, Tomás António Gonzaga. O retorno desses brasileiros à Minas Gerais ocorreu no contexto da política exploratória de Portugal que exigia que os mineradores recolhessem o pesado imposto chamado Derrama porque estavam com dívidas atrasadas em ouro e pedras preciosas. O reino pressionava e ameaçava por intermédio do governador Visconde de Barbacena, e os mineradores em débito não tinham como pagar à Coroa e se desesperavam. Xavier, agora, era conhecido como o Tiradentes que se juntou aos conjurados na trama da Inconfidência. Era dos mais ativos e apaixonados, expondo-se muito, correndo e levando risco aos companheiros.

2. Mas Xavier, como todos os jovens, também teve o seu primeiro amor. Aqui a história se mistura com a lenda e a imaginação de escritores porque o tema é apaixonante. De verdadeiro, há apenas um documento que menciona um relacionamento de amor de Tiradentes. Está no depoimento do inconfidente Padre Oliveira Rolim e consta dos Autos da Devassa. Segundo Padre Rolim, Tiradentes se apaixonou por sua sobrinha, uma jovem de nome Ana, com 17 anos, que foi seu grande amor, mas o relacionamento acabou não dando certo. Muitos escritores romanceiam a vida de Tiradentes, como pura, como Gilberto de Alencar (1), “**Tal Dia é o Batizado**”, (senha adotada pelos inconfidentes para avisar o dia da abertura da rebelião), Xavier teve seu primeiro amor por Isabel, filha de um português que não aceitou o namoro e mandou a filha para Portugal para casar com um primo, para desgosto de Xavier porque não houve despedidas. No livro, da página 269 e seguintes, o autor cria cenas emocionantes que anunciam o fim do romance na hora em que Isabel declara que Tiradentes foi seu noivo e seu grande inesquecível amor. Em seguida o autor imagina o fim do mistério do desaparecimento da cabeça de Tiradentes, que estava espetada em praça pública, e que foi roubada por ela com auxílio de um escravo.

3. A verdade, porém, é que Tiradentes, já envolvido na conjuração mineira, teve dois relacionamentos, também sem casamento: com Eugênia Joaquina da Silva, com quem teve um filho de nome João, depois com a viúva Antônia Maria do Espírito Santo, teve uma filha chamada Joaquina. Com Tiradentes e as pessoas de seu relacionamento, parece que o amor não dava certo.

4. Em Ouro Preto visitamos a prisão em que Cláudio Manuel da Costa foi encarcerado. Fotografamos um cubículo exíguo de 12 ou 13 metros quadrados, mal arejado, sem janela, para manter preso um ser humano. Fica debaixo de uma escada no prédio que era a Casa dos Contos, hoje um museu com seu nome. Cláudio Manuel era advogado, minerador, poeta, escritor, muito culto, foi ouvidor em Mariana. Foi preso por um sargento corrupto que achava que ele era o autor das Cartas Chilenas de Tomaz António Gonzaga em que foi criticado. E expediu os soldados com a missão de ir à casa no sítio Vargem e matar a filha de Cláudio, marido e criados e roubar barras de ouro que estavam escondidas para serem usadas na revolução. Demolida a casa, foram achados 7 esqueletos debaixo do piso da sala de jantar. Preso de madrugada em 25 de junho de 1789, 9 dias depois, 4 de julho, foi encontrado morto por enforcamento e suicídio. Essa foi a versão oficial sempre, desde o início, há 200 anos, contestada devido à posição do corpo pendurado na porta que afastava a conclusão de morte voluntária. O autor de sua morte ainda é desconhecido, mas o governador Visconde de Barbacena permanece como suspeito de ter sido o mandante. A obra mais importante de Cláudio é o poema épico Vila Rica escrito em 1773. Tinha estreita amizade com Tomaz António Gonzaga. Cláudio Manuel da Costa morreu solteiro, mas teve um relacionamento com uma escreva negra alforriada com quem viveu 30 anos e teve 4 filhos.

5. O destino também reservava muita dor e sofrimento para Inácio José de Alvarenga Peixoto e sua esposa Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira. Alvarenga Peixoto, depois de se formar com brilhantismo em Direito em Coimbra. No Reino foi Juiz de Fora em Sintra, perto de Lisboa. Voltando ao Brasil, foi Ouvidor em São João del Rei onde conheceu a poetisa Bárbara Heliadora, de família abastada, com quem se casou. Ele frequentava Vila Rica, deixou a magistratura e dedicou-se à lavoura com duas propriedades no sul de Minas. Conheceu os principais inconfidentes e se tornou um dos articuladores do movimento para a independência. Era muito próximo de Tomás António Gonzaga com quem mantinha estreita amizade. Foi ele o idealizador da inscrição com versos do poeta latino Virgílio, na bandeira da sonhada independência, ***Libertas quae sera Tamen***. Foi preso em 1789 na Ilha das Cobras e deportado, depois de três anos, para Angola onde morreu em 27/8/1792 sem nunca mais ver a esposa e a família. Em Tiradentes ainda existe a casa em que moraram Bárbara Heliadora e

Alvarenga Peixoto, ponto de reunião sigilosa dos inconfidentes, inclusive Tiradentes. Fica na Rua da Câmara, um local histórico muito importante. Visitamos esse local, parei em frente da casa ainda bem conservada, vendo a grande entrada com escadas. Fiquei olhando longamente e fotografei pensando no drama vivido pela família, imaginando Bárbara Bela no portão esperando o marido, andando por aquelas ruas que guardam tantas lembranças de alegria, de tristezas, de saudade, como nos versos de Peixoto á amada esposa:

*Bárbara bela,
do Norte estrela,
que o meu destino
sabes guiar,
de ti ausente,
triste, somente
as horas passo
a suspirar,
Isso é castigo
que Amor me dá.*

6. Podemos imaginar o choque sofrido pela jovem Maria Doroteia, quando estava preparando o casamento com Tomás António Gonzaga, Ouvidor do Reino, a maior autoridade de Vila Rica, provando o vestido de núpcias, o véu e a grinalda, convidando padrinhos, planejando o banquete, ensaiando de costas jogar o buquê para ver qual das amigas seria sorteada, quando de repente, tudo desabou com a terrível notícia da prisão de Gonzaga na antevéspera da tão sonhada cerimônia. Um choque que abalou não só a jovem noiva com 22 anos, mas a toda grande família porque Tomás foi preso em 23/5/89 com casamento marcado para 30/5/89, como se apura lendo José Martino (2), como também em Ângela Leite Xavier (3), esta moradora atual em Ouro Preto.

7. O destino, parece, não poupou ninguém, nem culpados nem inocentes, e como vemos, caprichou nos detalhes. Tomás António Gonzaga era filho de João Bernardo Gonzaga, brasileiro e Tomásia Isabel, portuguesa, nasceu na cidade do Porto, em Portugal, em 11/8/1744. Em companhia do pai, funcionário do Reino, enviado a serviço, bem jovem, morou alguns anos em Pernambuco onde fez os primeiros estudos no Colégio dos Jesuítas. De volta a Portugal fez o curso de Direito em Coimbra e para pleitear o cargo de professor defendeu a tese Direitos Humanos. Com 38 anos voltou ao Brasil para ser Ouvidor em Vila Rica. Morava numa casa grande que era também

onde trabalhava no seu ofício. Em nosso roteiro visitamos essa casa que ainda tem móveis da época, inclusive a mesa em que despachava, sofás, cadeiras, relógio, cozinha, quintal grande. Maria Doroteia Joaquina de Seixas ficou órfã de mãe aos nove anos e foi morar com duas tias. Era de uma grande família, bem abastada e importante em Vila Rica. Quando jovem, frequentava a casa de primas que moravam em casa vizinha da casa de Gonzaga de onde ele via as jovens no jardim e ficou encantado com a beleza de Dorotéia, com 15 anos, que tinha olhos negros, cabelos longos e escuros. Queria se aproximar e aguardava oportunidade. E essa veio. Doroteia estava no jardim com as primas quando feriu o dedo com o espinho de uma rosa que tinha na mão. Gonzaga que tudo via da janela pediu licença e foi cuidar da jovem enrolando um lenço de cambraia na delicada mão da menina. Se é lenda ou não pouco importa, é um pormenor romântico que explicaria o começo de um romance apaixonado. Com o tempo Doroteia acabou se apaixonando por Gonzaga, ficaram noivos em 1788 aguardando autorização da Côrte Portuguesa para o casamento que nunca aconteceu. Gonzaga foi preso na ilha das Cobras onde continuou a escrever o poema Marília de Dirceu saudosos do seu amor que nunca mais viu, degredado para Moçambique. E Dorotéia, a Marília? Perdidas as esperanças Doroteia retirou-se para a fazenda Fundão onde permaneceu isolada por 15 anos só voltando à Vila Rica em 1815 com a morte do pai e voltou a morar na mesma casa da família. Reclusa, recusou todos os pretendentes e morreu solteira com mais de 80 anos.

8. Pois é, heróis Inconfidentes e sofridos moradores anônimos daquela Vila Rica, onde o amor não deu certo. A cidade ainda é a mesma, os casarios, as igrejas, as ladeiras e ruas calçadas de pedras. Ficar parado, olhando a casa em que morou Doroteia, hoje a escola Marília de Dirceu, foi difícil de conter as lágrimas. A Derrama, imposto escorchante incidente sobre todos de Vila Rica, quando o Quinto, o quinto dos infernos, do ouro arrecadado não atingia a meta fiscal, não foi só cobrança de uma dívida impossível de pagar, foi também uma derrama de lágrimas que lavou as ruas e ladeiras de Ouro Preto. Eu saía à noite, 10 horas, quando a cidade está quase deserta, as ruas silenciosas, ouvindo meus próprios passos parecendo ouvir som de soluços e lamentos, confesso, com medo de encontrar algum fantasma, ou o misterioso embuçado com capuz cobrindo o rosto e capa preta, encoberto pela névoa. Final da história, nem Dirceu de Marília, nem Marília de Dirceu.

REFERÊNCIAS

Gilberto de, Alencar - Editora Itatiaia Ltd. 3ª. Edição

José, Martino - “A Inconfidência Mineira e a Vida cotidiana nas Minas do Século XVIII, pag. 159, Editora Letras e Versos

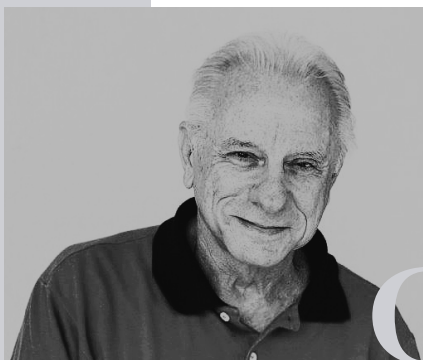
Ângela Leite, Xavier - Tesouros, Fantasma

e Lendas de Ouro Preto – pag. 137 – Reedição da Autora, 4ª. Edição.

WALTER VIEIRA

Escritor, poeta, autor de livros. Magistrado estadual aposentado, tendo judicado durante muitos anos na vizinha Comarca de **Sumaré** e especialmente em Campinas, como Titular da **1ª. Vara Cível da Comarca**. Pesquisador em Literatura e História da Literatura, com profundo conhecimento sobre a obra de William Shakespeare. Membro titular da Academia Campinense de Letras - Cadeira 34.
Email: wv-academiacampletras@uol.com.br

OS MAIS NOBRES COMPROMISSOS



Gustavo Mazzola

AVivíamos a década de 80, glamourosa para a indústria automobilística nacional. As quatro únicas multinacionais fabricantes de auto veículos no Brasil, Ford, Fiat, General Motors e Volkswagen, precisavam divulgar seus produtos numa disputa acirrada entre elas: uma de suas mais interessantes estratégias de lançamento era ceder a nós, jornalistas especializados, seus novos modelos antes mesmo da chegada ao mercado. Íamos a São Bernardo do Campo ou São Caetano do Sul (no caso da Fiat, nas suas instalações comerciais na Avenida Paulista, em São Paulo, pois a fábrica era em Betim, MG), pegávamos o novo carro, muitas vezes um veículo caríssimo e sofisticado, com o compromisso de entregá-lo na data acertada, e só divulgá-lo após a liberação pela montadora.

Enquanto isso, rodávamos com ele pela cidade, avaliando seu desempenho, características, modernidades. Causava espanto quando parávamos, por exemplo, num sinal de trânsito, a ponto de os mais curiosos perguntarem:

- É um carro importado, produção reservada?

As matérias jornalísticas que essas “avaliações” geravam nos principais órgãos da imprensa nacional - em geral, sempre positivas - valiam muito mais do que caríssimos espaços publicitários inseridos nesses veículos. Com certeza.

As fábricas nunca pediam uma assinatura, não preenchíamos nenhum documento que comprovasse que estávamos autorizados a rodar com a novidade. Em confiança, entregavam aquelas “preciosidades”, ao que retribuíamos com os nossos mais nobres compromissos.

A palavra empenhada na ocasião era tudo. Atitude sem volta, que nos qualificava, dignificava-nos como profissionais de respeito: um simples aperto de mãos já era o suficiente para selar aquela cessão.

Quantas vezes, uma dessas fontes nos confiava uma informação preciosa, mas advertia de que devíamos guardar para nós esse “furo”, esperando um sinal verde, um momento adequado para a liberação da informação. Sentíamos aqueles dados queimando nas mãos, mas não cedíamos a um impulso menor, ferindo um acordo firmado. Um compromisso, não?

Em 1988 foi lançada, no Brasil, a injeção eletrônica: aposentava o carburador, controlando digitalmente a quantidade de combustível que iria para o motor de um veículo.

A preocupação das fábricas, então, era comprovar, junto aos consumidores, o avanço e a eficiência da nova e sofisticada tecnologia veicular: grandes campanhas publicitárias cobriam o país, do Norte ao Sul, nos jornais e revistas especializadas, nas grandes redes de televisão. Criativos cartazes de rua.

Dentro do esquema de cessão de seus carros para jornalistas, já com a tal injeção, certa vez, recebi da General Motors um Monza MPFI, quatro portas, totalmente equipado e abastecido. Era um carro vistoso pra valer!

Nos quinze dias rodando pelas ruas de Campinas e pelas estradas vizinhas, tudo às mil maravilhas: nada que desabonasse o sistema inovador. Só alegria. Mas no dia de entrega do carro, na viagem de retorno, inesperadamente o “meu” Monza parou em plena Anhanguera.

O que fazer? Liguei para o Departamento de Imprensa da GMB.

Foi um desespero dentro da fábrica: o que aconteceria se um jornalista relatasse nas suas páginas do jornal que “um carro com injeção eletrônica da General Motors havia parado na estrada, apresentara defeito?”

Imediatamente, uma equipe de socorro localizou-me, trocando o veículo com problemas por um outro e... explicando que ainda era uma fase de testes, problemas assim muito comuns etc., etc. Senti o drama.

Deixei a equipe “salvadora” aliviada: compreendi perfeitamente o que havia acontecido. No “Jornal Motor” da semana seguinte, caderno de automobilismo que eu editava no Correio Popular, nada disso foi relatado ou comentado. Era a minha palavra empenhada, um nobre compromisso.

Mas acontecia, uma vez ou outra, um rompimento nesse tácito acordo.

Em um dos lançamentos em que participei, tendo como cenário um belo resort no Litoral Sul, fazíamos um *test drive* numa rodovia ao lado do hotel, quando um

dos agraciados com a cortesia da montadora, literalmente, “sumiu” ao volante da “máquina”, rumando direto para São Paulo. Um furto escancarado? Poderia até ser.

Os responsáveis pela organização do evento nunca haviam sabido de tal ocorrência. Estavam incrédulos com o que acontecia.

Bem, passados alguns dias, a seguinte edição de um respeitabilíssimo caderno de automobilismo inserido no mais querido vespertino paulistano, estampou matéria de capa e várias páginas com informações elogiosas e muitas fotos do veículo em teste junto àquela praia paulista. O carro avaliado pelo jornalista que sumira do evento era a vedete no caderno de automobilismo do Jornal, de abrangência nacional.

A “joia” foi devolvida, intacta, com as devidas desculpas de praxe. E os promotores do evento ainda agradeceram o fujão com um belo presente.

O “nobre compromisso”, nesse caso, não havia sido respeitado. Mas, para a fábrica, valera a pena a transgressão. Ah, se valera!

GUSTAVO MAZZOLA

Jornalista profissional, tendo começado na profissão como redator/ repórter do jornal Correio Popular, em Campinas, passando a editar, a partir de 1983, seu suplemento de automóveis Jornal Motor e, a partir de 1990, o suplemento de automóveis do Diário do Povo, Jornal do Automóvel. Foi Assessor de Imprensa da indústria Bosch, em Campinas, com abrangência de atuação nacional, incluindo estágio na Bosch Alemanha. Coautor do livro Centro de Ciências, Letras e Artes Ano 101 juntamente com o ex-juiz de direito, advogado e literato Luiz Carlos Ribeiro Borges. De sua autoria também os livros “Largo São João”, a retratar o cotidiano de Avaré (SP) nos anos 50 e 60, e “Bonde 9”, com crônicas sobre Campinas nos anos 60 e 70. Formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica, de Campinas e, em Propaganda, pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, de São Paulo. Desde 2019 é membro titular da Academia Campinense de Letras, Cadeira 14.

E-mail mazzola@sigmanet.com.br

COM MENOS, TEM-SE MAIS



Denise de Arruda Leite Dupas

Lembro-me com clareza do dia em que, pela primeira vez, vi uma obra de arte minimalista. Naquele momento não havia outras pessoas na sala além de mim e da guia da exibição, que, com muito empenho, me explicava as linhas retas e secas acompanhadas de pequenas esferas. “Essas são as ruas e árvores de Thomaz Perina, um artista minimalista”, disse ela. O termo me soou estranho, não havia compreendido a ideia. Como um artista poderia simplificar tanto? Como apreciar tal obra? Qual o seu sentido?

Meus questionamentos despertaram curiosidade. Surpreendeu-me a existência de um instituto em Campinas criado para manter o legado desse gênio. Lugar onde aprendi sobre sua vida e obra.

Encantei-me, encontrei-me, abracei a ideia! Quanta harmonia, elegância e simplicidade em perfeito equilíbrio. Thomaz Perina e sua arte simplificada, essencial e libertadora. Em seus quadros sentimos paz, vemos a vida fluir com leveza harmoniosa, delicadeza repleta de vida e sutileza, emocionante descoberta!

Minimalismo não se trata somente de um movimento artístico, mas também de um estilo de vida contrastante ao supérfluo, ao desperdício e ao exagero. Trata-se de descomplicar, reorganizar a matéria, retirando-a de um lugar de destaque. É a valorização da leveza e da contemplação. Traz consigo uma visão que liberta e desencadeia autoconhecimento significativo, nos levando a repensar crenças e valores. Uma mente minimalista se distancia da ostentação e segue em busca do equilíbrio, um real despertar para uma vida com foco no ser interior. Viver com pouco tem seu toque de sofisticação.

Existimos em um mundo consumista onde somos deliberadamente atraídos à aquisição constante de bens materiais. Geramos necessidades emocionais por coisas,

acreditando que seremos felizes quando possuírmos os objetos dos nossos desejos. Aceitamos o “possuir” como indicativo de sucesso e felicidade. Uma armadilha!

Objetivando internalizar essa ideia, fui à busca de sugestões criativas e divertidas para viver com menos. Iniciei um processo de transformação no meu modo de vida, valorizando mais as experiências que uma vida plena pode proporcionar. Em vez de adquirir algo novo, faço uma viagem incrível. Renuncio à compra de um vestido para aproveitar um jantar com a família!

Um estilo de vida mais frugal possibilita diminuir o ritmo de trabalho e dispor de mais tempo para desfrutar das pessoas que amo.

Essa prática me leva a viver momentos inesquecíveis e profundamente significativos, com uma maior leveza na alma! Implode a poesia que brota de meu íntimo.

A LUZ E O DESPERTAR

A palavra “luz” diz muito com tão pouco.

A meu ver, é uma das mais belas e abrangentes.

Pode ser intensa ou tênue.

Podemos desejar claridade para a leitura e o trabalho,
mas a suavidade acolhedora das velas relaxa e traz paz.

A luz que nos habita faz brilhar o espírito
e transborda uma alegria contagiante.

Mães trazem seus filhos ao mundo,
dando-lhes à luz, poderosa analogia.

Você é a luz na vida de alguém?
Já viu a luz no fim do túnel
ou esteve sob a luz dos holofotes?

Na Antiguidade, surgiu o movimento do conhecimento.
O Iluminismo lançou luz sobre as ideias, a ciência, a política e a sociedade,
a usar a razão e o conhecimento para “iluminar” a mente humana,
a provocar avanços, a expandir horizontes,

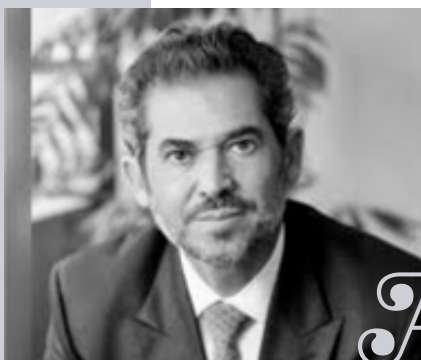
a causar imensas transformações para a humanidade,
criando um afastamento definitivo das trevas da ignorância.

“A luz revela o que estava oculto e permite a transformação do ser.”

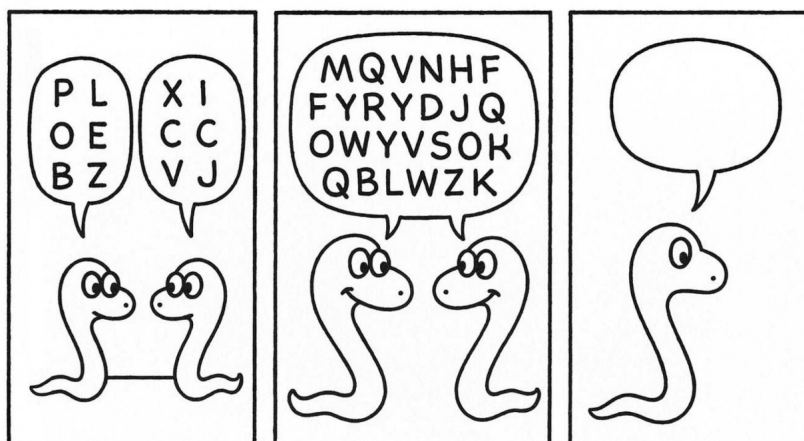
DENISE DE ARRUDA LEITE DUPAS

Escritora, poeta, professora de Inglês e tradutora. Autora de muitos poemas e textos literários. Graduada em Letras, Licenciatura em Língua Inglesa, pela PUC-Campinas em 1991 e pós-graduada em Tradução. Tradutora do livro técnico “Urucum - uma semente com a história do Brasil” Ed. Evidência. BR, 2020 e de inúmeros artigos científicos da área de engenharia de alimentos. Membro do Conselho de Amigo da Academia Campinense de Letras, nos termos do Capítulo V do seu Estatuto Social. E-mail: dearrudadupas@gmail.com

VERÍSSIMO †



Adelmo da Silva Emerenciano



ADELMO DA SILVA EMERENCIANO

Advogado, professor universitário, conferencista, pesquisador e escritor. Graduado em Ciências Sociais e Jurídicas pela PUCCAMP (1986), Mestrado em Direito (1995) e Doutorado em Direito (2002) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Diversas Pós Graduações no Brasil e no Exterior. Diretor da Faculdade de Direito da Metrocamp. Diretor da Faculdade de Direito do IDP em São Paulo. Autor de Tributação no Comércio Eletrônico, v. 01, 2003, Procedimento Fiscalizatório e a Defesa do Contribuinte V.02, 1995; Tributação no Comércio Eletrônico. V.01, 2003; Membro da International Law Association. Integrante de diversas instituições e associações científicas. Membro Titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira 1. E-mail: Adelmo@emerenciano.com.br

SILÊNCIO...



M Martha Cimiterra

Um dia, parou de falar. Não por birra, mas por convicção. “Não tenho nada a dizer que valha a pena” — pensava.

Por outro lado, começou a usar sua velha caneta-tinteiro para encher cadernos e mais cadernos. Eram tantos... Logo teve de numerá-los para não se perder... Seriam um diário? Suas memórias? Cartas para um amor desconhecido? Ou uma lista qualquer ligada ao cotidiano? Não se sabia... Apenas o viam sentado diante de uma velha escrivaninha de uma certa idade, ruminando com um cigarro na mão...

Era um solitário, desses que se escondem de tudo e de todos.

A casa, vista de fora, dava medo. Parecia mal-assombrada! O jardim tinha mato para todo lado... As paredes eram amareladas e com a pintura descascada. Seria desleixo ou havia uma razão para tanto descaso? Quantas perguntas sem resposta...

Todos os dias, o homem saía acompanhado por seu cão — um vira-lata bem-humorado — para fazer as compras. O cão, às vezes, corria na frente do dono, como se seu focinho de detetive examinasse os eventuais perigos a fim de evitá-los.

Ambos se pareciam fisicamente — simbiose quase natural entre qualquer dono (hoje, chamado tutor) e seu animal de estimação. Paravam na padaria para comprar pão, o de sempre. Nem precisava pedir: há anos eram dois pãezinhos saídos do forno. As pessoas se perguntavam se um deles não seria para o cão, que o esperava do lado de fora...

A rotina não mudava... Tudo se passava no mesmo horário - cronometradamente.

Em seguida, dirigiam-se ao armazém do seu Tide. Lá, o homem escolhia as frutas da estação, as verduras mais verdes, os ovos mais frescos, o leite da fazenda próxima e tudo o que pudesse compor sua refeição equilibrada, mas econômica.

Diariamente repetia o ritual, na sua mudez e meticulosidade. Voltava para casa, arrastando seus anos, sempre acompanhado de seu fiel escudeiro.

Em casa, depois de preparar o almoço, vinha a preguiça — e ela puxava a sesta. Parecia querer fugir da realidade monótona através do sono e dos sonhos (ou seriam pesadelos?). Viver calado tornou-se uma segunda natureza.

Ouvia música, lia um livro qualquer, escolhido a esmo, pois não tinha autor preferido nem assunto predileto. Não lhe faltavam opções... Ao longo da vida — já longa — acumulara uma montanha de livros que ia do chão ao teto. Não os havia lido todos... Permitia-se abandonar alguns no meio do caminho (na leitura ou naquele espaço).

Tropeçar ali era fácil. O cão também prestava atenção para não ter que viver num sobe e desce... Por isso, tinha seu canto, que abandonava apenas para ir até suas gamelas.

O homem preparava o almoço. Sem pressa. Sem relógio...

Naquele dia, após a rápida refeição, degustada vorazmente — como um animal faminto — voltou a seus papéis. De tão cansado, a caneta tombou-lhe das mãos trêmulas. Quis desistir, mas uma ideia insistia em ir para o papel. Deu-se por vencido. Rabiscou frases... Quanta inutilidade!... Quem as leria?

Sentiu o peso dos dias lhe apertando o coração. Já não sabia se escrevia para lembrar ou para esquecer... Mas o quê? Havia uma cumplicidade entre a caneta, o papel e ele que o prendia, mesmo quando tudo — dentro dele — pedia silêncio.

O cão, deitado aos seus pés, soltou um suspiro intraduzível.

O homem olhou ao redor. A luz da tarde entrava pela janela, filtrada pela cortina puída. Era bonita, no entanto. Pensou em se levantar, mas ficou. Pensou em parar de vez, mas rabiscou mais uma linha. Em vão? Talvez. Mas era a única coisa que ainda o fazia sentir-se vivo.

E então escreveu: “Se um dia alguém me ler, que não busque aqui um sentido, mas uma presença”.

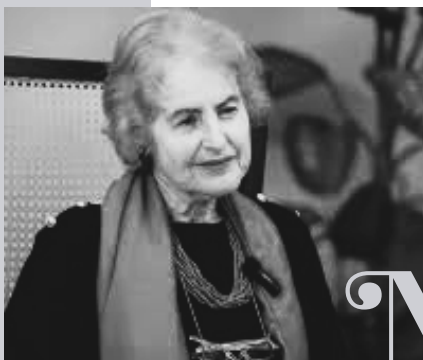
Fechou o caderno com esmero, como quem põe um ponto final no dia.

A caneta ficou ali, em silêncio, sobre a mesa. Como ele

MARTHA CEREDA

Formada em Letras – Português-Inglês pela PUC-Campinas. Membro da União Brasileira de Trovadores-São José do Rio Preto. Revisora, tradutora(francês-português). Autora de cinco livros infantis, um de poesia e um de crônicas (em preparação). Amiga da Academia Campinense de Letras pelo Capítulo V do Estatuto.
E-mail: marthacereda@hotmail.com

ÉTICA E AMOR



Maria Eugênia Castanho

Escrevo sempre marcada por um interesse profundo na formação dos seres humanos com quem convivo em situação pedagógica. Nessa caminhada, pensando na importância da ética e do amor, vou aprendendo por conta e risco próprios, mas não sozinha, já que toda fala é abstraída de um diálogo.

Sempre tenho o sentimento de trabalhar com vistas a uma sociedade mais democrática, já que nossa história mostra que tivemos uma república com democracia bastante restrita (1889-1930), depois o período liberal varguista (1930-1937), sucedido pela modernização autoritária do Estado Novo (1937-1945), pela restauração liberal de caráter populista (1945-1964), seguida pelo Golpe Militar que resultou numa ditadura de 21 anos (1964-1985), como ocorreu com outros países da América Latina.

Na antiga Escola Normal de Campinas (Instituto de Educação “Carlos Gomes”), em que me formei professora primária aos 17 anos, tive uma inesquecível professora da disciplina Metodologia e Prática de Ensino que formou a mim e a minha turma com grande competência técnica: Professora Judith Silveira Belo Stucchi, falecida recentemente aos 101 anos de idade. O que ela me ensinou foi a base segura de tudo quanto veio depois, destacando-se a compreensão profunda do que é dar aula, do que é o ensino, do que é a aprendizagem.

No meu primeiro ano de Pedagogia ocorreu o Golpe Militar no país. Sendo membro da Juventude Universitária Católica (JUC), fui entendendo aos poucos a situação política do país. No final do curso, em 1967, eu já compreendia os desdobramentos da situação e consequentes prejuízos sociais, muito mais pela convivência com colegas no Centro Acadêmico e na JUC, já que os professores não se manifestavam sobre o contexto nacional.

Recém-formada, fui selecionada como Orientadora Pedagógica no Ginásio Vocacional de Rio Claro, SP, ligado ao Serviço do Ensino Vocacional no âmbito público estadual. O trabalho no “Vocacional”, durante todo o ano de 1968, proporcionou-me crescimento profissional, além de se dar num serviço considerado por consagrados educadores como de qualidade ímpar no ensino público no Estado de São Paulo e possivelmente no Brasil

Nesse mesmo ano de 1968, comecei a trabalhar na PUC-Campinas. Em dezembro houve o endurecimento do regime ditatorial com a edição do Ato Institucional n. 5, que reprimiu fortemente o pouco que se tinha de liberdade, com prisões e perda de direitos da população.

Monsenhor Emílio José Salim, fundador e reitor da instituição, embora fosse uma pessoa de pensamento conservador, sempre defendeu a autonomia da instituição e nunca permitiu que a polícia entrasse no “Pátio dos Leões” da universidade, local de convivência e reunião dos estudantes. Monsenhor Salim, pouco antes de sua morte, nomeou o promotor e professor da Faculdade de Direito Benedito José Barreto Fonseca como vice-reitor. Barreto acabou assumindo a reitoria e foi considerado “reitor do regime”, cumprindo tudo o que lhe era solicitado pelo poder militar.

A situação política caracterizada por uma ditadura rigorosa capilarizou-se por toda a vida do país. O clima na PUC-Campinas tornou-se tão persecutório que culminou com um pedido coletivo de demissão de 49 professores em agosto de 1969.

Fui para a Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), ali trabalhando durante 10 anos. Com a abertura política que preparava o fim da ditadura (terminaria três anos depois), as instituições começaram a democratizar-se e, prestando concurso, voltei a trabalhar na PUC-Campinas em 1982. Nesse mesmo ano estava defendendo minha dissertação de mestrado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com o tema *Arte-educação e intelectualidade da arte*. Na sequência cursei ali o doutorado, defendendo a tese intitulada *Universidade à noite: fim ou começo de jornada?* Em 1989.

Cursar mestrado e doutorado na UNICAMP ajudou-me a fazer as ligações necessárias entre competência técnica e compromissos maiores com a educação e a sociedade. Inúmeros professores foram fundamentais. Nesses estudos muitas ideias tornaram-se importantes orientando-me nas pesquisas que se sucederam. Destaco algumas que foram como sementes para a busca curiosa da verdade, essa coisa perigosa. Mészáros (2007), intelectual no campo da filosofia e da política, erudito nas artes e na literatura, com argumentações apoiadas em fatos da história dos homens, fala da necessidade de disposição para superar a distância que separa nossa existência

regulada pelos princípios políticos da igualdade formal para uma existência humana verdadeira e fundada na igualdade substantiva.

Com a pós-graduação *stricto sensu* na Unicamp entrei em contato com muitos autores e experiências. Sempre tive a forte convicção da necessidade de competência técnica para um compromisso de âmbito maior, pensando numa sociedade realmente democrática e justa. Tenho publicado textos nessa linha. E sempre tive como horizonte trabalhar visando formar professores que crescessem pessoal e profissionalmente, com consciência da importância de desenvolver nos alunos posturas criativas, éticas, maduras, democráticas, coerentes.

Ensinar envolveu estudar as várias ciências ligadas à educação. Em Psicologia minha opção foi na linha de autores que viam a questão educativa de forma interdisciplinar. Detive-me, como consequência de estudos básicos, principalmente em aprofundar, entre outras, as obras de Jean Piaget, L.S.Vigotski, Jerome Bruner e David Ausubel.

Bruner, 17 anos mais jovem que Piaget, responsável pelo *new look* nos estudos sobre a percepção, criou o conceito de *currículo em espiral* (atendimento à estrutura básica da matéria, selecionando e organizando as ideias fundamentais). Quanto mais fundamental (estrutural) for a ideia aprendida, maior será a amplitude da aplicação. A volta constante, o reexame das mesmas ideias em profundidade, garante a forma de uma espiral (BRUNER, 1999).

David Ausubel, cognitivista norte-americano, em um livro de 625 páginas intitulado *Psicologia Educacional* (1980, p. 1), assim resume sua posição: “Se eu tivesse que reduzir toda a Psicologia educacional a um único princípio, diria isto: o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já conhece. Descubra o que ele já sabe e baseie nisso os seus ensinamentos”. Isso parece simples, mas a observação do que ocorre na prática pedagógica revela que é bastante complexo e exige especial competência docente.

Piaget (1977) gravou um filme resumindo suas ideias, concretizando um antigo desejo de esclarecer do modo mais claro possível os equívocos de que sua teoria foi alvo. Deixa claro que não é um empirista ou inatista (os conhecimentos não são pré-formados no objeto ou no sujeito). Por essa razão declara-se interacionista considerando que acontece autorregulação, isto é, construção e reconstrução.

Piaget trabalhou mais de 50 anos com isso, tendo feito duas principais e impressionantes descobertas. A primeira é a de que crianças de uma mesma idade dão sempre respostas iguais. A segunda é a de que ocorre sempre a mesma ordem de sucessão nas respostas dadas, isto é, os níveis são sequenciais. As idades em que

ocorrem esses níveis variam, quer se trate de sujeitos da África, da Ásia, índios da América do Norte etc. Resultados similares foram encontrados, por exemplo, entre sujeitos de Teerã e de Genebra. Analfabetos das montanhas ou do campo apresentaram respostas “atrasadas” mais ou menos em três anos.

Dado que o conhecimento é construído pela ação do sujeito sobre o objeto, resta apontar que Piaget estudou a ação do sujeito sobre o meio e Vigotski, psicólogo russo, também interacionista, do meio sobre o sujeito, a cultura, o outro polo, lançando instigantes questões sobre o papel do objeto (a cultura) na formação do sujeito (da subjetividade).

A grande contribuição de Vigotski (1989) é a explicitação dos processos pelos quais o desenvolvimento é socialmente constituído. O funcionamento no plano intersubjetivo cria o funcionamento individual. O plano intrassubjetivo da ação é formado pela internalização de capacidades originadas no plano intersubjetivo, isto é, o da relação do sujeito com o outro.

Bruner, Piaget e Vigotski têm muitas aproximações no interacionismo que defendem, e as distâncias teóricas que neles podem ser apontadas explicam-se pelos contextos culturais bastante diferentes em que viveram e produziram (Estados Unidos e o primado de uma sociedade pragmática; Suíça, uma sociedade liberal na plena aceção do termo; e Rússia, uma sociedade com um projeto social novo e com todos os percalços históricos conhecidos).

Discutir técnicas de ensino remete à reflexão sobre a apropriação, por parte dos estudantes, dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas encontrados na prática social. A técnica é sempre *meio para*, nunca fim. A técnica deve ajudar a abrir perspectivas para que o estudante possa expor verdadeiras questões, permitindo-lhe progredir e avançar sozinho. O diálogo abre o campo da verdade porque põe em circulação uma pluralidade de pontos de vista.

Nos tempos atuais, dado o desenvolvimento de todo tipo de recursos, o trabalho do professor *não diminuiu, mas modificou-se*. O professor é ainda mais importante do que antes porque a orientação para a incorporação de conhecimentos e consequente constituição de processos mentais no estudante exige mais atualmente, dependendo de um trabalho de competência docente muito grande. É de Francastel a frase síntese dessa ideia: “A conduta do espírito exige sempre o vaivém do todo à parte e da parte ao todo” (1967, p.32). Em tudo isso é preciso que cada um de nós seja capaz de trabalhar sem perder a ética e o desejo de melhorias de caráter geral para todos.

Parte substancial de minha trajetória de educadora está marcada pela paixão com o trabalho de sala de aula. Conheço universidades no Brasil e no exterior, tendo

tido o privilégio de pertencer a um grupo da PUC-Campinas que ministrou um programa de mestrado em educação no sul do Chile, numa cidade circundada por lindas montanhas, a cidade de Villarrica, numa sede universitária ligada à PUC da capital do país, Santiago.

Quando cursava o doutorado, conheci Ilma Veiga, também doutoranda, que estava organizando um livro de didática com vários autores, todos pouco conhecidos à época. Ali escrevi o meu capítulo. A editora Papyrus se interessou muito pela publicação, pois sentia que havia muita demanda pelo assunto. O livro foi publicado com o título *Repensando a Didática* e tornou-se um sucesso editorial que persiste até hoje, às vezes com duas edições no mesmo ano tendo mais de trinta edições. Ilma Veiga foi convidada pela editora para organizar coleções na área da educação, tornando todo o grupo conhecido nacional e internacionalmente.

Minha trajetória de décadas na área tem como espinha dorsal a busca de docência de qualidade. Fica fortalecido o convite que sempre faço em minhas aulas para públicos dos mais variados rincões, lembrando Steinbeck: pessoas que querem dedicar-se à docência devem procurar ser professores marcantes na vida de seus alunos, catalisando o desejo ardente de conhecer, fazendo com que os horizontes se abram, o medo vá embora e a verdade se torne preciosa.

Lembro do apelo do jurista Fábio Konder Comparato para que se inicie desde logo, e se consolide, um vasto programa de educação ética em todos os níveis (...) a fim de que sejamos ao final capazes de rejeitar o egoísmo, que tomou conta do nosso povo, e que constitui a alma do capitalismo, como assinalou o Papa Francisco. Esse generalizado costume de busca do interesse próprio, em detrimento do bem comum do povo, nos foi insuflado desde o início da colonização.

Assim, encerro com Comparato: O Amor desempenha um papel crucial: “cabe a ele atuar como fator permanente de aperfeiçoamento das leis, dos princípios, dos valores universais. Como fator de permanente aperfeiçoamento da justiça”.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Lições da aula*. São Paulo, SP: Editora Ática, 1994.

BRUNER, Jerome. *Cultura da educação*. Lisboa: Edições 70, 2000.

CASTANHO, Maria Eugênia. *Universidade à noite: fim ou começo de jornada?* Campinas, SP: Papyrus, 1989.

FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

NOGUEIRA, Lacerda. *A mais antiga Escola Normal do Brasil (1835-1935)*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphics do “Diario Official” do Estado do Rio de Janeiro – Nictheroy, 1938.

MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2007.

PIAGET, Jean. *Piaget por Piaget*. Texto relativo a filme gravado pelo autor, 1977 (divulgação restrita).

SAVIANI, Dermeval. Entrevista à ANPEd (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação), 2014. Disponível em: www.anped.org.br/news/entrevista-com-dermeval-saviani-pne. Acesso em 07 de abril de 2014.

SEIXAS, A.M. Políticas educativas para o ensino superior: a globalização neoliberal e a emergência de novas formas de regulação estatal. In: STOER, S.R. et al. (org). *A transnacionalização da educação: da crise da educação à educação da crise*. Porto: Afrontamento, 2001.

SNYDERS, Georges. *Para onde vão as pedagogias não-directivas?* Lisboa: Moraes editores, 1974.

VIGOTSKI, Lev S. *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Editorial Crítica, 1979.

MARIA EUGÊNIA CASTANHO

Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho nasceu em Itajubá, MG e vive em Campinas desde os 4 meses de idade. É Cidadã Campineira. Estudou no antigo Grupo Escolar Corrêa de Mello, no Ginásio Campineiro, na “Escola Normal” Carlos Gomes, na PUC-Campinas (Pedagogia), na UNICAMP mestrado e doutorado em Educação, na área de Metodologia e Prática de Ensino. É professora aposentada (PUC-Campinas). Ministra cursos e palestras na área de atuação. Autora de vasta bibliografia.

ENTRE SONHOS E DECISÕES: RUMO AO FUTURO



Bárbara Giudice Negrão

Tive a oportunidade de assistir na Academia Campinense de Letras à palestra do acadêmico Ítalo Hamilton Barioni sobre o futuro do Correio Popular e a intenção de motivar o jovem na leitura do jornal. Tenho 19 anos, sou universitária de Psicologia da PUC-Campinas e me senti motivada a escrever para a revista Phoenix Campinense.

Esta reflexão remonta à fase ambígua da juventude. Mais especificamente sobre o futuro e nos passos a seguir. Quando devemos definir que curso de graduação escolher e o porquê da opção? Não é à toa que os adultos questionam, de uma forma ou de outra, como é ser jovem na atualidade. Principalmente pelos ideais de liberdade, autodescoberta e ideia de que tudo é possível. Não estou dizendo que ser jovem é fácil, mas ser jovem é desejável tanto por crianças, adultos e até mesmo por jovens. Mas por que querer ser jovem e por que há jovens invejando jovens?

Primeiramente, o que chamo de inveja, equivale à perspectiva privilegiada de criar dentro de si mesmo um outro “eu” capaz de, em determinados contextos, por exemplo, ser autêntico para escolher em qual curso deverá inscrever-se no exame seletivo para construir a sua profissionalização.

Mas o que leva a isso é completamente subjetivo e depende de muitos fatores, podendo partir de razões comuns dentro de cada ambiente. Há aspectos em que há insegurança moderada ou agravada dentro de si mesmo, ou seja, jovens autoconfiantes para definirem suas opções sem se prenderem a condicionamentos e interferências indevidas, mas também outros indecisos sem saber que caminho seguir.

Ainda podemos nos questionar se nesta vida vivemos nossas possibilidades ao máximo, por nós mesmos ou por outras razões? Muitas pessoas respondem que sim

e outras que não. Enfileiram-se angústias de jovens por estarem cursando medicina, direito, engenharia... porque os pais definiram que deveriam seguir as profissões familiares, como se a realização no estudo e no futuro fosse hereditária e viesse no DNA e não na liberdade de escolha de acordo com as aptidões e sonhos pessoais.

É de certo e poético que a cada manhã somos renovados. Na prática não é bem assim, e essa é só uma das coisas que tornam a realidade desafiadora. Daí as ideias de liberdade não passam de filosofia. E soam falas dos familiares a reprimirem que o curso escolhido pelo jovem não trará nenhuma realização pessoal ou financeira, pois não há mercado e o arrependimento e a frustração virão com o tempo.

Serão verdadeiras as considerações dos mais velhos a destruir sonhos? Bem, se você acha que sim não é o primeiro e nem será o último a descobrir a diferença entre a realidade e o sonho. A felicidade e a liberdade são dilemas em várias áreas, então desconfie se alguém diz que se tornou feliz, rapidamente, na prática profissional. Em um mundo ideal todos são felizes, mas em todas as profissões haverá desafios a serem superados.

Outra hipótese é que muita gente inveja a juventude pelo prospecto de felicidade que ela tem, tanto por autonomia e por escolha profissional própria e relações sociais e esses fatores estão interligados e ligados a momentos de felicidade, por isso se debate aqui a inveja que está presente no cotidiano do jovem.

E, não poucas vezes, ocorre que os próprios jovens se invejam durante e após a escolha de um curso acadêmico ou profissionalizante, pois há aqueles já com metas decididas desde cedo e sempre, mas a esmagadora maioria de jovens não sabe o que fará da vida. Digo-lhes que nem os esclarecidos sabem, pois a vida não se resume ao profissional, vai além, a incluir lazer, convívios, *hobbies*, contato com a natureza, dedicação a pessoas vulneráveis, tempo para si mesmo...

Logo faz total sentido não saber o que responder sobre o que fazer da vida, pois a vida se faz todos os dias, sendo uma certeza que viver é um desafio pois ninguém sabe exatamente o que quer com tantas possibilidades a gerar insegurança na escolha da Universidade. Eu mesma tive muitas dúvidas, querendo fazer Artes Visuais e tantas outras coisas, até que, mergulhando dentro de mim mesma, descobri que queria ser psicóloga. Então creio que a escolha de um curso não pode ser por convenção social, nem por condição coercitiva, mas por convicção e afinidade pessoal, ou seja, é isso que eu quero para a minha vida e para o meu trabalho. Escolhi conscientemente pela Psicologia, ouvindo somente a mim e a mais ninguém.

Não diminuo de nenhuma forma a importância da escolha profissional, até porque a felicidade deriva dela, porém não considero correto o que se propaga para

os jovens, transformando-os em universitários por pressão que os torna infelizes e a graduação representa um fardo a pesar nas costas e na mente.

Afinidade pessoal ao preconizar ao jovem a fazer o que gosta, a motivar a autonomia e realização, pode transformá-lo num profissional meramente produtivo e calculista. Outro ponto a ser colocado é a importância de se praticar a liberdade da alma, sonhar e fantasiar de vez em quando. Realidade e sonho não são opostos. Sonhar acordado, acreditar no seu potencial de realizar uma meta, acreditar em si mesmo é o primeiro e mais difícil e árduo passo. Não é à toa que é o primeiro. Mas também é preciso alimentar a alma com prazeres emocionais, culturais e físicos, divagar e equacionar o tempo. Enfim, importante é realizarmos tudo o que almejamos. E o impossível pode até ser o possível.

Com esta linha de pensamento traçada pelo meu olhar, espero que o leitor continue na sua autenticidade e subjetividade. Mas também tenha em mente que por este assunto ter sido abordado de um ponto de vista, nada está determinado, fechado, nenhum assunto morre, diferente de nós que um dia vamos atingir a finitude. Por isso os escritores são tão amados e para efeito dessa frase, eu também amo escrever e poetar.

ACORDE PARA BRILHAR

Da minha janela eu vejo
O que não me vê
Da minha janela escuto o que
De leve me sente
Da minha janela eu vejo vidas
Eu vejo detalhes, pontos e
Muitos carros
Vejo desenhos geométricos
Tentativas e falhas
E muitos acertos se fizeram
Mas não foram feitos
Verei algo ser certo?
Se é que é possível
Sabemos o quê?
Enquanto tudo é azul
Enquanto o infindável
Findável não finda

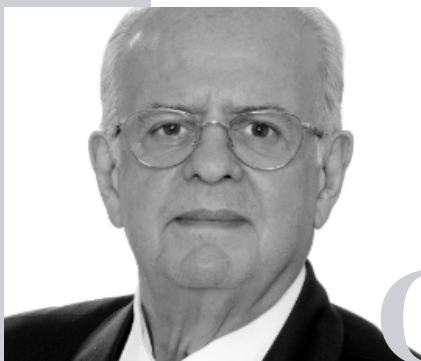
Farei o questionamento
Nada finda
Nem meu questionamento
Ora
Amanhã levantarei de novo
Cadê meu questionamento?
Enquanto eu via essa vista
E quando eu vejo.... Se foi
Se não ficamos então
Pra onde vão
Minhas visões?

BÁRBARA GIUDICE NEGRÃO

Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade de Campinas. Poeta e amante da leitura. Amiga da Academia Campinense de Letras pelo Capítulo V do Estatuto da ACL.

E-mail: babignegrao@gmail.com

“HUMANIDADE E TECNOLOGIA: A BUSCA DO EQUILÍBRIO”



Carlos Cruz e Davi Lamas

A edição de segunda-feira do jornal O Estado de São Paulo, o Estadão, trouxe uma matéria/entrevista com Peter Diamandis, fundador e Presidente da X Prize Foundation e cofundador e Presidente da Singularity University, onde afirma que “teremos um mundo quase irreconhecível até 2038, em relação aos avanços da Inteligência Artificial (I.A.).

Interessado em abordar tema tão avançado, presente e desafiador, confesso meu despreparo, mas pelo desejo e desafio, busquei amparo nos conhecimentos do Administrador e profundo conhecedor do assunto, Davi Lamas, com quem assino em parceria o presente Artigo de Opinião, baseado mais em seus conhecimentos que na minha irrequieta vontade de explorar o futuro.

Carregar na memória dezenas de números de telefones, no passado, era habilidade tão natural como amarrar os sapatos. Não havia agenda eletrônica nem a possibilidade de, com um simples toque, conectarmos com o médico da família; a farmácia do bairro; o táxi de confiança. Existiam sim, pequenos cadernos, onde anotávamos cuidadosamente cada nome, cada endereço que pudessem ser úteis. Era um tempo em que a memória funcionava como um músculo constantemente exercitado.

Decorávamos poemas inteiros; sabíamos de cor as letras das músicas que tocavam no rádio, e guardávamos de cabeça os caminhos para lugares que visitávamos com frequência. Havia algo de poético nessa necessidade de reter informações, de fazer da nossa própria mente um arquivo vivo e pulsante de conhecimentos e conexões.

Ir a um lugar desconhecido exigia preparação comparável a um ritual. Consultávamos mapas de papel; perguntávamos a conhecidos sobre o melhor

caminho; anotávamos referências como: “depois do semáforo vire à direita na rua da padaria de muro azul”.

Havia uma satisfação em chegar ao destino seguindo apenas essas instruções mentais, como se tivéssemos conquistado um pequeno território desconhecido através de nosso esforço intelectual próprio.

Porém, o tempo, sempre o tempo, trouxe transformações que poderiam parecer obra de ficção científica. Gradualmente os telefones ganharam memória; depois telas, depois se tornaram pequenos computadores que carregamos no bolso. Os mapas de papel deram lugar a sistemas de navegação que não apenas nos mostram os caminhos, mas nos falam e nos alertam sobre o trânsito; nos sugerem rotas alternativas em tempo real.

A agenda de papel foi substituída por calendários digitais que sincronizam automaticamente com nossos compromissos, nos lembram de aniversários e nos avisam sobre reuniões importantes.

Essas transformações não aconteceram da noite para o dia; foi um processo gradual, quase imperceptível, onde as novidades se incorporaram naturalmente no nosso cotidiano. Passo a passo, fomos delegando à tecnologia tarefas que antes exigiam nossa atenção, nossa memória, nosso raciocínio.

Hoje, vivemos o nascimento de uma nova era: a da Inteligência Artificial (I.A.), que exige uma profunda reflexão: se a evolução tecnológica das últimas décadas nos poupou de exercitarmos nossa memória, o que podemos esperar de máquinas capazes de “pensar”, criar, e resolver problemas complexos por nós?

Sim, existe um risco real de nos tornarmos uma sociedade mentalmente preguiçosa, acomodada na zona de conforto que a tecnologia nos oferece.

Quando uma Inteligência Artificial pode escrever nossos textos, resolver nossos problemas matemáticos, criar nossas apresentações e até mesmo tomar algumas decisões por nós, corremos o risco de atrofiar aquilo que nos torna humanos: nossa capacidade de pensar, de questionar, de criar soluções originais. Não se trata de nostalgia ou resistência ao progresso, mas de uma preocupação legítima com o que estamos perdendo no caminho.

A mente humana precisa ser exercitada para se manter ágil. Quando

delegamos funções cognitivas às máquinas, corremos o risco de perder a confiança em nossa própria capacidade de pensar e resolver os problemas. É como se estivéssemos terceirizando nossa inteligência, nossa criatividade, nossa capacidade de inovação.

Há, em nossa essência, algo que não devemos, jamais, permitir que se perca: nossa vontade inata de aprender, de descobrir, de criar algo. Essa curiosidade que nos move, desde a infância, de compreender o mundo, essa satisfação única sentida ao dominarmos um novo conhecimento ou criamos algo com nossas próprias mãos e nossa própria mente.

Uma criança ao decifrar as primeiras palavras e ao aprender a ler; quando um jovem resolve seu primeiro problema complexo de matemática; quando um adulto domina uma nova habilidade ou aprende um conceito; nesses momentos assistimos a mais pura manifestação da beleza da natureza humana.

Elaborar ideias originais, conectar conceitos aparentemente desconexos, imaginar soluções ainda inexistentes são características nossas, do ser humano. Quando criamos, quando inventamos, quando inovamos, estamos exercitando aquilo que nos torna mais humanos. Não se trata apenas de produzir algo novo, mas de expressar nossa individualidade, nossa visão de mundo, nossa forma particular de interpretar a realidade.

É aqui que reside a verdadeira questão sobre a Inteligência Artificial, a I.A. Ela não chega para nos substituir ou para criar uma geração dependente e intelectualmente passiva. Pelo contrário, a I.A. tem o potencial de nos libertar das tarefas mais básicas e repetitivas, permitindo que dediquemos nossa energia mental e criativa a desafios mais elevados, a problemas mais complexos, a criações mais sofisticadas.

Logo, a chave está em encontrar o equilíbrio. Devemos abraçar a tecnologia como uma ferramenta poderosa, mas nunca como um substituto para nosso pensamento. Devemos usar a Inteligência Artificial para ampliar nossa capacidade, não para substituí-la.

Devemos permitir que ela nos ajude a ser mais eficientes nas tarefas básicas, para que possamos ser mais criativos e inovadores nas tarefas que realmente importam.

O futuro que construímos hoje, determinará se a Inteligência Artificial, I.A., será uma bênção, que levará humanidade a novos patamares de realização, ou uma muleta que nos tornará mais fracos e dependentes.

A escolha é nossa, e ela começa com uma decisão simples: nunca parar de aprender, nunca parar de criar, nunca parar de questionar.

Afinal, é isso que nos torna humanos e que nenhuma máquina jamais poderá tirar de nós.

CARLOS CRUZ

Advogado, ex-vereador, presidente da Câmara Municipal e Vice-Prefeito de Campinas, e membro titular da Academia Campinense de Letras, Cadeira 15. Editor da Coluna “XEQUE-MATE” e articulista, no jornal “Correio Popular”.

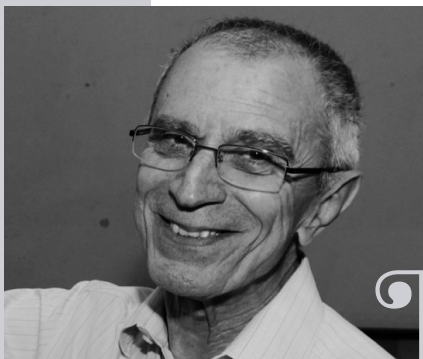
E-mail carloscruz@apaulista.org.br

DAVI LAMAS

Administrador de Empresas e especialista em I.A., Inteligência Artificial.

MARVEJOLS

(E SUAS CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS)



Luiz Carlos Ribeiro Borges

I.

Marvejols é o nome de uma pequena cidade situada no sul da França.

Para o âmbito literário ela interessa por marcar o local de origem do poeta **BERNARTZ SICART DE MARVEJOLS**, integrante da última geração (meados do século treze) dos trovadores do Sul e Sudoeste francês, que se inscreveram de maneira definitiva e lapidar na evolução da arte poética.

O trovadorismo, como se sabe, teve sua história iniciada no final do século onze, através da obra de **Guilherme de Poitiers**, duque da Aquitânia, que contrariando a adoção do latim como idioma oficial, passou a compor versos na língua falada nos territórios abrangidos por seu ducado, em particular aquela praticada na região do Limousin (“lengua lemosina”).

Essa nova forma de escrever versos, com sua temática preponderantemente voltada à natureza, à passagem do tempo, à mulher amada, ao amor em suma, sempre em termos elevados, constituindo-se no estilo que se denominou “**fin’amor**” (ou seja, o amor cortês), já no curso do século seguinte rapidamente se espalhou pelos territórios integrantes daquela região. Para seus habitantes, e para seus poetas, lembre-se, os franceses eram os “outros”, ou seja, os “franceses”, usuários de uma língua distinta, com hábitos sociais diferentes e obedientes a um Rei – e a partir de certo momento, inimigos mortais.

Daquelas mesmas terras do Limousin foram originários, no século doze, três trovadores que seguramente representam o que de melhor a nova escola poética produziu: **Bernartz de Ventadorn** (o poeta lírico por excelência), **Arnaut Daniel** (poeta “de vanguarda”, adepto do **trobar clus**, ou seja, algo como uma poesia mais “hermética”) e **Bertran de Born**, este último autor de uma obra multifacetada, divergente do culto da mulher em seu feitio exclusivamente ideal; voltada para temas bélicos, exortando os barões da Aquitânia a se revoltarem contra as investidas do rei da Inglaterra e seu filho Ricardo Coração de Leão; e, já em suas últimas canções, escrevendo um belíssimo ato de contrição, de arrependimento por uma vida supostamente desregrada.

Não por acaso, **Dante Alighieri**, admirador declarado da poesia dos trovadores, colocou justamente esses três em seus itinerários pelo Além, os dois primeiros no Purgatório; o último, no Inferno (injustamente, certo; Dante, porém, adotou igual severidade até mesmo em relação seu antigo mestre, Bruneto Latini...). A notória predileção do florentino recaía sobre Daniel, que considerava “il miglior fabbro del parlar materno” e, na “Commedia”, permitiu que o próprio trovador “falasse”, em seu idioma natal: “Ieu sui Arnaut, que plor e vai cantan...”.

(Minha admiração pela arte dos trovadores foi a motivação para ter escrito o romance intitulado “**Crônica de Bernartz & Bertran**”, Ed. Pontes, 2020, tendo como cenário a abadia cisterciense a que se recolheram Bertran de Born e Bernartz de Ventadorn, depois que se retiraram da vida secular).

II.

Já no século treze ganhou nova feição a poesia dos trovadores, que já então tinha por palco os territórios mais meridionais da França atual, em especial a **Provença**: daí ter-se originado a expressão “poesia provençal”. E essa mudança de tom e de temática deveu-se a um acontecimento histórico de enorme relevância, a “**Cruzada contra os Albigeneses**”.

No curso dos séculos precedentes expandira-se por esses territórios a heresia denominada dos “cátaros”. A qual, em seus conceitos e pregações, divergia de dogmas diversos da Igreja de Roma; o dualismo entre o Bem (Deus) e o Mal (Satã), como entidades distintas, a ênfase dada a Jesus Cristo como portador de uma nova Mensagem e da Salvação, para tanto tendo vindo ao mundo, e não para sofrer e morrer na cruz...

Essa divergência não se prendia unicamente ao âmbito propriamente teológico e doutrinário, mas também se manifestando em práticas exteriores, tais como a faculdade de as mulheres pregarem, o desprendimento das coisas materiais e a opção por uma vida simples e despojada, inclusive quanto aos locais de suas reuniões, por essa forma contestando-se a suntuosidade que imperava nas igrejas católicas e nos hábitos de determinadas ordens religiosas.

A heresia ganhara até mesmo o apoio da nobreza da região, de maneira dissimulada ou declarada, como foram os casos de **Raimundo VII** (Toulouse) e **Roger Trancavel** (Albi, Béziers e Carcassone), o que viria a tornar extremamente dificultosa e sem resultados permanentes as missões enviadas pela Igreja de Roma; o próprio **São Bernardo (Bernardo de Clairvaux)**, nome destacado da ordem cisterciense, não alcançou êxito em suas intervenções; ditavam-se algumas excomunhões, obtinham-se algumas abjurações, mas após a retirada dos emissários, tudo retornava ao que era antes.

Não tardou para que os conflitos aflorassem em mortes: e o estopim para a luta armada teria sido o assassinato de um legado papal; estopim, ou pretexto, visto que havia muitos outros interesses em jogo, não só de natureza religiosa, mas também financeira e de dominação territorial.

Roma passou a pregar abertamente a uso da força militar contra os cátaros, o que não constituiu novidade, pois nos anos precedentes diversos concílios e bulas já vinham condenando as heresias e pregando o uso da violência para a sua repressão, inclusive com a eliminação física dos hereges.

A aliança, desde 1209, entre o Papado (**Inocêncio III**) e a Monarquia francesa (sucessivamente, **Felipe Augusto**, **Luiz VII** e **Luiz VIII** – este através de sua mãe e regente, **Blanche de Castella** – exatamente aquela “roine Blanche comme un lis qui chantois à voix de seraine” / rainha branca como um lírio que cantava com voz de sereia, celebrada pelo poeta **François Villon**, como uma das mais belas damas de outrora, em “Ballade des Dames du Temps Jadis”), resultou na formação de uma força repressora no que viria a ser conhecida como “Cruzada contra os Albigenses” (albigense, porque a cidade de Albi era um dos principais núcleos dos cátaros).

Nessa “guerra santa” afluíram o interesse da Igreja Católica na preservação de sua unidade; o projeto da monarquia francesa em incorporar a região ao Reino de França; a ambição dos comandantes da expedição em se apoderarem de prósperas cidades e castelos, entre os quais **Simon de Monfort**, que logo se notabilizou por

seus métodos violentos e sanguinários; e o próprio anseio, por parte de soldados e mercenários, pelos saques e pilhagens.

Um a um, foram caindo os castelos e cidadelas dos hereges: Béziers, Minerve, Lavaur, Carcassone, em investidas extremamente cruéis que deixaram atrás de si uma infinidade de fogueiras onde eram mortos os prisioneiros, que não abjurassem. Toulouse resistiu bravamente ao assédio, no curso do qual o próprio Monfort foi vitimado, atingido por uma pedra arremessada das muralhas, ao que consta por uma mulher. Raimundo VII teve de capitular e, através do Tratado de Paris (1229), a região de Toulouse / Languedoc passou ao domínio francês. Ainda assim, a guerra prosseguiu; havia muitas resistências a serem debeladas e submetidas. A fortaleza de **Monsegur** foi um dos últimos baluartes a tombar, já em 1244, após prolongado assédio, ao qual se seguiram as costumeiras cenas de amputações dos sobreviventes e de sua execução coletiva em fogueiras.

A Cruzada contra os Albigenses representou, em suma, um verdadeiro genocídio.

III.

Aos últimos trovadores só restou lamentar a extinção de uma civilização, tida como a mais avançada da Europa cristã àquele tempo, com a queda sucessiva das cidades, a perseguição a seus habitantes e a destruição de sua cultura refinada, assim como criticar acerbamente a Igreja de Roma e os franceses. Deixou-se então de lado a temática amorosa e as composições desse período assumiram a forma de verdadeiras “canções de protesto”, elas próprias vindo a sofrer repressão.

Assim, **Peire Cardenal** verberava: “... pelo roubo e pela perfídia, pela hipocrisia e pelos sermões e pela força, com a ajuda de Deus ou com a ajuda do diabo, eles chegaram onde quiseram”; e Guilhem de Figuiera, homem do povo, de Toulouse, asperamente admoestava: “Roma engainaritz / qu’etz de totz mals guitz / e sima e razitz” (Roma enganadora que é de todos os males chefe, cimo e raiz).

É nesse contexto que se insere Bernartz Sicart de Marvejols (curiosamente, em seu nome ressoa o de **Sicard Cellier**, um dos mais notórios líderes da heresia). São escassos seus dados biográficos; dele restou a isolada canção, intitulada “Ab greu cossire”, escrita muito provavelmente em 1230.

O poema, habitualmente lembrado por seu estribilho, deplorando a devastação dos territórios da Provença (quem vos viu e quem vos vê!),

“Ai Tolosa e Proensa

E la terra d'Argensa,
Bezers e Carcassey,
Que vos vi e quo-us vey!”

distribui invectivas contra os franceses, a cavalaria inimiga e as ordens religiosas, e assim se reveste de uma notável contundência e, mais, em seu caráter de libelo contra a intolerância de todos os tempos, de uma surpreendente atualidade, a justificar plenamente a sua memória (a quem interessar, acha-se acessível na internet a discografia em torno da música do período, inclusive a canção em pauta; quanto a mim, tenho comigo e volto sempre a ouvi-lo um magnífico LP de 1976: “L’Agonie du Languedoc”).

O poema é longo; a título de mera ilustração reproduz-se apenas a primeira estrofe (advertindo-se que “sirventés” era uma forma de canção com motivos críticos ou satíricos):

“Ab greu cossire
Fau sirventés cozen.
Dieus! Qui pot dire
Ni saber lo turmen?
Qu’ieu, quan m’albire,
Sui em gran passamen.
Non puesc escrire
L’ira ni’l marrimen
Que’l sègle torbat vei
E corromp on la lei
E sagramen e fei
Qu’usquecs pensa que vensa
Son par ab malvolensa,
E d’aucir lor e sei
Ses razons e ses dreï”.

(que tem sido assim traduzida: Cheio de angústia cruel, faço um sirventês. Deus! Quem poderia dizer ou saber de meu tormento? Que eu, quando penso, fico em grandes cuidados. Não posso escrever a ira nem o abatimento de ver o século (tempo) turbado

e corrompida a lei, os juramentos e a fé; que cada um pense em vencer seu semelhante pela malevolência, a destruir ao outro e a si mesmo, sem razão e sem direito).

É este, portanto, o seu grande legado. Como se pode verificar, especialmente dos versos finais da estrofe transcrita, permanece soando no ar o solitário grito de revolta de Marvejols, clamando contra a corrupção dos princípios humanitários, contra a malevolência e contra a destruição do semelhante, a significar, em última análise, a própria autodestruição.

LUIZ CARLOS RIBEIRO BORGES

Nascido em Guaraci, graduou-se em Direito na PUC- Campinas. Na década de 1960, participou da fundação do Cine Clube Universitário de Campinas. Foi Juiz Titular da 4ª. Vara Cível da Justiça Estadual de Campinas-SP. Na Comarca de São Paulo, assumiu uma Vara da Infância e Juventude e, posteriormente, Juiz do 1º Tribunal de Alçada Civil de São Paulo, onde se aposentou. Foi Vice-Presidente e curador da biblioteca CCLA - Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas. Autor dos livros: *O Cinema à Margem*, 1984; *Gilvaz*, 1997; *Café do Povo*, 2002; *Assembleia de Micróbios & Eurico o mordomo*, 2016, *Crônica de Bernartz & Bertran*, 2021, entre outros. Membro emérito da Cadeira 24 da Academia Campinense de Letras.

E-mail: crborges.luiz@gmail.com

“PRO BRASILIA FIANT EXIMIA”



Germano Denisale Ferreira Junior

O Estado de São Paulo foi a última unidade da Federação a adotar um Brasão de Armas, criado durante o que reputo ter sido a maior epopeia em prol de ideais democráticos que nossa Pátria já presenciou; a Revolução Constitucionalista deflagrada em 9 de julho de 1932, no qual a “Terra Bandeirante”, contando com pouca ajuda dos demais entes federativos, e aqui destaco o Estado do Mato Grosso, levantou-se em armas contra a ditadura de Vargas exigindo a reconstitucionalização do nosso país.

Uma das primeiras aparições do Brasão Paulista foi num folheto publicado em plena Revolução, intitulado - O Brazão de Armas do Estado de São Paulo – Edição da Comissão de Donativos da Associação Commercial de São Paulo, destinado a ser vendido em benefício do Movimento Constitucionalista, impresso pela São Paulo Editora Limitada em 1932 – documento este de minha coleção particular, assim vem narrada a história deste emblemático ícone de nossa terra:

“A comissão nomeada pela Associação Commercial de São Paulo para dirigir a Campanha Ouro para a Victoria adoptou o lemma que foi proposto pelos Srs. Dr. José Maria Withaker e pelo Monsenhor Gastão Liberal Pinto: Pro São Paulo fiant eximia” – Por São Paulo façam-se grandes cousas¹”

Este lema reproduz, com modificações que o Engenheiro André Rebouças gravou, em 1893, no Reservatório da Repartição de Águas de São Paulo, então localizado na rua 13 de maio, no tradicional bairro paulistano da Boa Vista. Tal gravação era a seguinte: **“Pro São Paulo fiat eximium”**.

1

O Brazão de Armas do Estado de São Paulo – Edição da Comissão de Donativos da Associação Commercial de São Paulo. São Paulo. São Paulo Editora Ltda. 1932.

Sua magnífica concepção coube a um dos maiores, senão o maior heraldista que esta pais já possuiu, José Wasth Rodrigues e pelo Príncipe dos Poetas Guilherme de Almeida a quem coube a ideia da “espada” que, além de evocar o padroeiro da capital, aludia ao então movimento revolucionário constitucionalista capitaneado pelo Estado de São Paulo.



Os ramos de carvalho e louro simbolizam o valor cívico e militar do povo paulista.

O escudo português tem na cor vermelha a altivez, a audácia e a glória dos filhos da Terra Bandeirante, a prata reflete a lealdade e a nobreza. As iniciais “SP” remetem ao próprio nome da unidade federativa e a estrela de prata, encimando o escudo, indica que São Paulo é uma unidade da Federação; na época da concepção do brasão, uma das vinte unidades federativas do então denominado “Estados Unidos do Brasil”

Ainda durante a Revolução Constitucionalista de 1932, o Brasão foi oficializado pelo Decreto nº 5.656, assinado pelo Governador Dr. Manoel Pedro de Toledo. O Brasão Paulista, assim como outros símbolos das unidades federativas, teve sua proibição instituída tal qual como símbolo estadual com o advento do Estado Novo em 1937 (novo golpe de Getúlio Vargas), sendo que a reconquista de sua condição simbólica original só se deu com a redemocratização do país, por força da Constituição de 1946, que por sua vez propiciou a edição do decreto-lei estadual n. 16.349, de 27 de novembro de 1946.

A divisa – “ Pro Brasilia Fiant Eximia” – Pelo Brasil façam-se grandes coisas – afirma o profundo sentimento de brasilidade que, nestes tempos conturbados, ainda remanesce em nosso povo, mormente o povo paulista, filhos da gloriosa “ Terra Bandeirante”, impulsionadores da “ Locomotiva do Brasil”. Lembra o esforço de que sempre se mostraram capazes os filhos deste Estado, quando a Nação, como em 1932, exigiu deles o máximo de sacrifícios.

Hoje e sempre, paulistas e brasileiros apenas anseiam pela probidade dos Poderes constitucionalmente instituídos e que se cumpra aquele que talvez seja o maior mote de nossa Nação: “**PRO BRASILIA FIANT EXIMIA**”.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Clóvis - *Brazões e Bandeiras do Brasil*. São Paulo Editora LTDA-SP. 1933.

O Braço de Armas do Estado de São Paulo – Edição da Comissão de Donativos da Associação Commercial de São Paulo. São Paulo Editora LTDA-SP 1932.

GERMANO DENISALE FERREIRA JUNIOR

Advogado, autor de vários ensaios sobre a Revolução de 32 e membro titular da Academia Campinense de Letras.

E-mail: germanodenisale@yahoo.com.br

O ESTRESSE POSITIVO



Tabajara Dias de Andrade

“Para um grande sonho tornar-se verdadeiro a primeira condição é ter uma grande capacidade de sonhar; a segunda é a perseverança – a fé no sonho.”

Hans Selye

Manhã de verão. Ano, 28.000 a.C., Troglô¹ dorme com sua família numa caverna caprichosamente escolhida.

Ouve-se um barulho lá fora. Troglô acorda assustado.

Sabe que tanto a sua vida quanto a de seus familiares podem estar em perigo. Pode não ser nada. Pode ser apenas um amigo que veio visitá-los. Pode também ser um “amigo” que veio para roubar-lhe a formosa mulher. Pode, ainda, ser um urso em busca de alimento: eles.

Corajosamente, pega um bordão – única arma que possui – e se dirige para fora da casa.

Os minutos que se seguem são desesperadores. O urso, que tentava invadir sua casa, é bem maior do que ele. Tem braços fortes, presas formidáveis e grandes garras. Ele, só a sua primitiva arma, sua determinação e sua inteligência.

É uma luta desigual.

¹ Referência a um homem primitivo hipotético, que teria vivido em cavernas há aproximadamente 30.000 anos, época da realização das famosas pinturas rupestres localizadas em Grotte Chauvet, na França (32.000 anos), ou da criação da estatueta “Vênus de Willendorf” (24.000-22.000a.C.).

Após alguns minutos, Troglô está ferido, cansado, extenuado. O urso, morto.

A família festeja. A esposa o abraça com cuidado, devido aos ferimentos, e lhe diz o quanto o ama e como está feliz em tê-lo como parceiro. Os filhos, orgulhosos, ajudam a mãe a levá-lo para dentro do lar e passam a cuidar dele com amor e respeito.

Troglô está ferido, cansado, feliz!

Teatro Lucinda, Rio de Janeiro, plateia repleta. O tão esperado debate entre José do Patrocínio e Silva Jardim tem início.

Ambos haviam construído uma grande amizade enquanto lutavam contra a escravidão. Encontravam-se, agora, em posições antagônicas quanto à causa republicana.

Após um maravilhoso discurso de Silva Jardim, José do Patrocínio, inseguro, talvez querendo minimizar o confronto, inicia seu discurso de forma titubeante e fraca, conseguindo rapidamente o desprezo e as vaias da plateia.

Para piorar ainda mais o cenário, alguém grita do fundo da sala: “Cale a boca, negro!”.

Sem identificar de onde vinham essas palavras ofensivas, José do Patrocínio teve uma reação das mais espetaculares: ficou petrificado, mãos enrijecidas e olhos esbugalhados.

Todo o seu potencial de grande orador veio à tona. Restabelecido, suas palavras passaram a surgir como lavas de um vulcão. Seu vigor e entusiasmo logo fizeram com que recuperasse o apoio do público para aquele que foi um dos seus mais belos pronunciamentos.

Nos dizeres de Coelho Neto, que relatou esta história ao recepcionar Mario de Alencar na Academia Brasileira de Letras², foram palavras que “*funcionaram como um chicote, cutucando o seu coração, movimentando o seu espírito e balançando a sua alma*”; devolvendo-lhe o entusiasmo, a energia e a emoção necessários para o seu bom desempenho.

Após o ocorrido, José do Patrocínio quis saber quem teria proferido aquelas palavras tão agressivas. Só então soube que havia sido Paula Ney, seu amigo e grande jornalista, conhecido como “o esbanjador de talentos”.

Paula Ney lhe havia dado o estímulo necessário para que todo o seu potencial se manifestasse.

2 Mario de Alencar assumia naquele evento a cadeira de número vinte e um, anteriormente ocupada por José do Patrocínio.

Julho de 1996, o professor Hélio Teixeira, a sua esposa, Maria Odete, e os filhos, Alexandre e Otávio, passam férias em Miami, nos EUA. A família brasileira faz um passeio ciclístico pelo pântano do Parque Nacional de Everglades. Alexandre, na época com sete anos de idade, cai da bicicleta e escorrega para dentro do pântano, sendo rapidamente atacado por um *alligator*, espécie de crocodilo que vive em regiões temperadas do sul dos EUA.

Imediatamente, Hélio e Odete atiram-se na água para enfrentar o réptil. Alexandre chega a ficar com mais da metade do corpo dentro da boca do animal.

Enquanto Hélio se agarra ao animal, Odete se ocupa de retirar o filho de dentro de sua boca.

Alexandre tem duas costelas fraturadas e, ainda, hemorragia no pulmão direito. Todos sobrevivem!

*“O que não pode matar-me, torna-me mais forte.”
Friedrich Nietzsche³*

O que estas histórias têm em comum? O que nos estimulam a pensar?

Tanto Troglô quanto Hélio, Odete e Patrocínio estavam sob o efeito de estresse. Não do estresse destrutivo, aquele que nos paralisa, provoca-nos doenças e nos tira o prazer da vida, mas de um estresse altamente eficiente em fazer com que as pessoas se superem.

De tão útil, muitas vezes procuramos este tipo de estresse, voluntariamente.

Uma história, ao mesmo tempo curiosa e ilustrativa deste fato, me foi contada pelo meu amigo Gedeão, que representou o Brasil várias vezes em campeonatos internacionais de basquete. O time brasileiro, então campeão mundial na categoria sênior, tinha um jovem e competente técnico, admirador confesso dos feitos históricos de seus atletas. Pois não é que, um dia, os jogadores todos se reuniram para solicitar-lhe que assumisse um papel mais agressivo e os tratasse de maneira mais enérgica?

Precisavam de que alguém os cobrasse, de que os estressasse, não de alguém que os admirasse!

Este é o “estresse positivo”, que tem acompanhado o Homem ao longo de toda a sua história, motivando-o a superar obstáculos, instigando-o a novas conquistas e impulsionando-o nos processos criativos.

3 Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão.

Excessivo, vazio⁴ ou mal gerenciado, o estresse pode, entretanto, ser causador de doenças e sofrimento, constituindo-se em um grave fator de agressão à soberania, à qualidade de vida e ao desempenho do indivíduo. Quando insidioso, acaba, como um vilão, roubando-nos a energia e a felicidade, promovendo o desânimo, a irritação e o cansaço, comprometendo nossa saúde e alegria de viver.

Mas, como transitar entre estes dois extremos em busca do melhor gerenciamento do estresse? Como aproveitar a energia construtiva do estresse? Como torná-lo uma fonte diária de motivação?

Primeiro, é necessário que compreendamos que o estresse, de fato, é um conjunto complexo e abrangente de fenômenos que prepara, diante das dificuldades, nossa mente e nosso corpo, para enfrentá-las.

Também é necessário que amemos os desafios e cultivemos o estresse de forma sistemática, organizada e saudável, ao invés de procurarmos inibi-lo de maneira inespecífica.

O objetivo não será vencer o estresse, mas sim vencer **com** o estresse – o estresse positivo, saudável e motivador.

Se pudéssemos transformar o conceito de estresse positivo em uma fórmula matemática diríamos que ele é uma função diretamente proporcional às formas saudáveis de se viver, à criatividade, à capacidade de amar e ao compromisso com a construção de uma vida melhor para si e para toda a humanidade; e inversamente proporcional ao estresse inútil, vazio e desnecessário, ao desperdício de energia, ao rancor, à inveja, e a todos os sentimentos agressivos e destrutivos que queiram invadir nosso ser.

Quanto ao estresse, esteja sempre atento! Não permita que sua má administração limite sua competência ou prejudique sua Qualidade de Vida. Procure identificá-lo, minimizar as suas consequências destrutivas e otimizar os seus aspectos positivos, em busca de um desenvolvimento contínuo e harmônico.

Não veja o estresse como um inimigo ameaçador, mas sim como uma fonte adicional de energia criativa, a ser convenientemente gerenciada e utilizada em busca da excelência pessoal e da plenitude de vida. Não se contente em superar os desafios.

Ame-os! Eles são alavancas para o nosso progresso e para o nosso contínuo desenvolvimento em busca da excelência.

4 Estresse vazio: situação na qual a quantidade total de estresse envolvido supera a sua importância relativa.

Mais do que um ponto final, cabem aqui reticências. Assim como nós, que a cada dia estamos reiniciando nossas vidas num contínuo processo construtivo, este é, de fato, um momento de início, ou de re-início, se preferir.

Quando falamos em Alta Performance e em Estresse Positivo, logo pensamos em competição. Aqui não será diferente. Trata-se da mais importante competição que teremos em toda a nossa vida: uma competição acirrada, contínua, sem tréguas, sem linha de chegada, na busca do melhor de nós mesmos.

Ser um excelente cidadão, um profissional diferenciado, um cônjuge exemplar, um amigo especial; enfim, superar-se a cada dia.

Descobrir a que veio.

Fazer diferença.

“É necessário que esperemos o anoitecer para podermos avaliar o quanto o dia foi maravilhoso.” Sófocles.

TABAJARA DIAS DE ANDRADE

Médico psiquiatra (UNICAMP), escritor, palestrante. Em sua vasta experiência profissional tem se dedicado a desenvolvimento de pesquisas e projetos de promoção da Alta Performance Pessoal e Grupal, tanto em instituições públicas, quanto privadas, no Brasil e no exterior. Membro do Conselho de Amigo da Academia Campinense de Letras, nos termos do Capítulo V do seu Estatuto Social. Autor do livro – O Estresse Positivo, Uma nova abordagem para um velho problema, Serie Alta Performance. Edit. CLADE. 2010

E-mail: tabajara.clade@gmail.com

O MAIOR GOLPE DO AMOR APLICADO EM CAMPINAS



Carlos Alberto Marchi de Queiroz

O **Correio Popular** de 10 de junho, em sua página policial, trouxe a notícia de que uma senhora idosa, após um namoro virtual e, depois, pessoalmente, com um homem maduro, que, num prazo de três meses, fez com que ela lhe repassasse mais de R\$ 3 milhões de reais, além de dois automóveis financiados em seu nome, deu-se conta de que, após consultar suas duas advogadas, havia caído no “Golpe do Amor.”

Aproveitando-se do fato de que o estelionatário que havia lhe aplicado o golpe, pedindo-lhe mais R\$ 10 mil reais para quitar supostas dívidas, comunicou o fato à Polícia Civil, com o auxílio de duas advogadas.

Marcado o encontro para a entrega do dinheiro, o golpista foi preso em flagrante pelo crime de estelionato. Levado ao cárcere, foi colocado à disposição da Justiça. Certamente que o pilantra será condenado, mas a recuperação dos mais de R\$ 3 milhões de reais pode ser uma difícil missão para suas valorosas advogadas, que, por sinal, recuperarão os dois automóveis financiados pela vítima e que estariam na posse do estelionatário.

O crime de estelionato, previsto pelo artigo 171 do Código Penal brasileiro, tem esse nome tirado da palavra latina “stellio, stellionis”, que significa camaleão. Mas porque esse crime tem raízes na palavra latina “stellio”, que significa camaleão?

Acontece que o camaleão tem uma característica própria, o mimetismo, de sorte que pode se tornar, por exemplo, cinza quando pousado sobre uma rocha, ou verde, quando estacionado sobre uma folha verde de bananeira, ou sobre um gramado. Desta forma, caça insetos para se alimentar, tornando-se invisível para suas vítimas, predadas.

No Brasil, o estelionatário é considerado o intelectual do crime. Ele é considerado, pela Polícia como pertencente à “turma da leve”, por sua inteligência, em contraposição da “turma da pesada”, formada pelos ladrões roubadores ou pelos latrocidias.

E foi com muita inteligência que o estelionatário, que era de fora de Campinas, envolveu a idosa campineira e que não serve de inspiração para outros casos. E não é de hoje que mulheres são envolvidas pelos estelionatários do amor, normalmente, eles nunca são apenados.

Tirso de Molina, na Espanha, no século XVI, criou a figura de Dom Juan Tenorio. Depois dele vieram Cervantes, Byron, Shelley e José Saramago, que criaram personagens semelhantes ao galanteador criado por Tirso de Molina. Reza a lenda que Don Juan Tenorio era muito bom com as palavras que, certa feita, em um cemitério, sendo muito esperto com as palavras, fez a estátua de seu pai, que ele assassinara, estendeu-lhe a mão para um cumprimento.

Mas, antes de falar sobre o maior golpe do amor aplicado em Campinas, preciso compartilhar com os leitores e leitoras, com um caso que a mim foi relatado por uma jornalista aposentada da Câmara Municipal de Campinas, divorciada.

Certa feita ela me disse que havia sofrido o golpe do amor. Disse-me que conheceu um rapaz bonito, que a convidou, depois de algum tempo, para jantar com ele em um caríssimo restaurante do Cambuí. Na hora de pagar a conta, o rapaz disse que se esquecera do cartão em casa e que ela usasse o dela e que no dia seguinte ele a ressarciria. Despediram-se e o jovem nunca mais apareceu. Ela foi mais uma vítima do golpe do amor.

Mas, vamos agora, ao maior golpe do amor aplicado em Campinas. Aconteceu na década de 60 do século passado, quando a cidade tinha, ainda, 500 mil habitantes. A elite campineira se reunia nos clubes Fonte São Paulo, Concordia, Regatas, Tennis, Clube, e o Clube da Hípica. A elite negra se reunia no Clube 9 de Julho, na Vila Industrial. Havia outro restaurante famoso, o Armorial, do casal francês Angelo Lepreri e sua esposa Solange, a primeira mulher a usar biquini em Campinas. Havia, também, o Bar da Linguíça, que funcionava 24 horas, na Avenida João Jorge, perto do quartel da PM, reunindo malandros e mulheres da noite.

Foi nessa época que apareceu um motociclista com sua Kawasaki e seu casaco de couro, e que agradou os olhos de uma socialite jovem, pertencente ao quadro associativo de um clube da elite campineira. Ela se apaixonou e conseguiu com seu pai que o jovem obtivesse uma carteira de visitante. Namoraram e, rapidamente, ficaram noivos. Ele disse ao pai da jovem que havia comprado uma mansão na Nova Campinas. Mostrou uma foto da escritura, pois ainda não havia xerox no Brasil. Então, propôs ao

pai que ele mobiliasse a casa pois ele entraria com a mansão recém comprada. Com sua Kawasaki 500, passou a frequentar os points mais caros da cidade, com a noiva, que fazia inveja para as meninas casadoiras.

A noivinha abastada, encantada, visitava, diariamente, a mansão mobiliada com muito bom gosto, sempre ao lado do noivo galanteador. A sociedade esperava, com ansiedade, a festa do casamento, Milhares de convites foram distribuídos pois o pai da noiva era muito abastado.

Faltava uma semana para as bodas. Na segunda feira, a jovem foi fazer a faxina e os ajustes na casa, logo cedo. Encontrou a casa vazia. Ficou desesperada. Na rua, logo divisou um vigia de outra casa chique. Perguntou a ele se havia visto alguma coisa estranha naquele lugar. O vigia, então, disse que durante a madrugada um caminhão de uma transportadora havia encostado ali e levado todos as coisas que havia na casa para local incerto e não sabido.

CARLOS ALBERTO MARCHI DE QUEIROZ

Escritor, professor, autor de vários livros didáticos e literários, inclusive “Quem Matou a Mãe de Carlos Gomes?” Graduado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1968) e mestrado em Direito Penal pela Universidade de São Paulo(1986). Atuou como Delegado de Polícia e como Professor Titular do Centro Universitário Padre Anchieta. Temas de sua preferência: prisão, liberdade, fuga, penitenciária, ressocialização. Titular da Cadeira 22 da Academia Campinense de Letras.

E-mail: charles.quebec@hotmail.com

QUEM ME DERA



A Antonio Contente

Ah, pudesse eu ter de volta, uma, apenas uma que fosse, daquelas tardes. Em que o céu, mais do que o invólucro azul desta terra nem sempre da mesma cor, envolvia o sagrado instante do aguardar. Tardes e esperas tantas vezes se confundem, no correr da realidade e no envolvimento do que elas abrigam de sonhos. E é tão bom, nelas, sentir o escorrer dos momentos, como carícia ao respirar da pele na sagração do deslizar do amor. Que logo atravessará a porta pedindo o cerrar da janela para a contenção de todos os suspiros. E para impedir que se dissolvam antes de serem incorporados pela luz, pelas sombras, pelo tom de apaziguamento do instante. Pois os momentos que cobrem os atos de ternura é que criam a gênese das eternidades.

Ah, pudesse eu ter de volta uma daquelas tardes lavadas e purificadas por apaziguante chuva. Plena do aroma dos galhos e das folhas úmidas a escorrer para a tepidez dos lençóis; mas, sobretudo, a se entranhar nos poros dos braços e do colo da mulher amada. Para, enfim, entrar no meu corpo através da dádiva dos cabelos; a me cobrir o rosto para o lento respirar do perfume elaborado na alquimia das plantas e das flores.

Ah, pudesse eu ter de volta uma daquelas tardes em que, após o amor nunca saciado, mas em repouso, pudesse escutar a inscrição de cada nota do ressonar da moça na partitura afeita às Sonatas; mas recebendo, ali, as notas musicais da lenta dádiva do chopiniano Noturno do seu sono e do seu sonho.

Ah, pudesse eu ter de volta uma daquelas tardes em que, no caminhar até a chegada do crepúsculo, pudéssemos, debruçados na janela, esperar o lento chegar da noite. E ali, de olhos fixos no céu, esperar o brilho do primeiro astro, para a ele fazer os tradicionais pedidos. E depois, com a escuridão já densa, poder abrir nossas mãos em concha ao apenas aparente vazio do espaço; e, com elas, colher inumeráveis

punhados de poeira de estrelas. Para, dispersados sobre a cama, marcar de brilho os instantes do ato de amor seguinte. Que assim melhor levaria ao murmurante canto longínquo do galo da madrugada. A anunciar que a aurora chegava para nos preparar aos novos encantos que estariam à nossa espera depois que o sol dobrasse a primeira parte do dia.

Ah, pudesse eu ter de volta uma daquelas tardes para o navegar no mar imenso de tudo que sempre foste. Anunciação de ondas apaziguadas, cristas alvas a coroar cada uma delas; como se pedacinhos de nuvens fossem a cair do céu para prolongar teus inumeráveis instantes de beleza. Distâncias de horizontes abertos, acenos de praias e montanhas, caminhos entre dunas sobre as quais, em tantas tardes, segui teus passos; pois sempre te soube guiada pela estrela errante que nunca deixou de orientar os rumos do pastor teu guia; que mostra o roteiro das brisas e canções com seu cajado feito com retalhos do suspirar das luzes das manhãs.

Ah, pudesse eu ter de volta uma daquelas tardes para te olhar, simplesmente. Para acompanhar teus rumores pela casa, teus gestos no jardim a mexer nos canteiros, teu debulhar de entregas aos passarinhos que vinham pousar sobre o muro a fim de iluminar seus olhos alados com os brilhos dos teus; tão terrenos, mas com tanto alcance de infinito.

Ah, pudesse eu ter de volta uma daquelas tardes em que o catar frutinhas à sombra das amoreiras era muito mais o aprendizado do caminhar sobre as relvas. A descoberta de mundos desconhecidos entre os troncos das árvores da praça, marcados por caminhos só nossos; até chegar a um por nós implantado jardim, cuja realidade tinha cor, aroma, cores das belezas do impossível.

Finalmente, como queria ter de volta uma daquelas tardes em que ficou como espécie de oração a crença na letra de uma antiga canção em que o apaixonado só aprendeu que a semana tem mais de sete dias pelo prolongamento dos encantos da amada; cuja presença não podia ser trocada por nada, dado que foi por tê-la conhecido que ele passou a existir.

E, por fim, redescobrir que as nossas tardes, qualquer que fosse o tempo e qualquer que fosse o mês, eram sempre seguidas por noites nas quais nunca deixava de se esparramar sobre nós um grande, suave, prateado, mágico, santo, sagrado e indescritível luar. Plenilúnio, palavra linda de versos com métricas e rimas d'outrora; que, infelizmente, quase ninguém escreve mais...

ANTONIO CONTENTE

Jornalista graduado na Faculdade Cásper Líbero, cronista, escritor, membro honorário da Academia Campinense de Letras. Autor de várias obras publicadas, entre elas, *O Lobisomem Cantador*, *Um Doido no Quarteirão*. Natural de Belém do Pará, vive em Campinas, SP, e colabora com o jornal **Correio Popular**, entre outros veículos.

E-mail antoniocontente@gmail.com

O PRÍNCIPE PEQUENO



S Sérgio Galvão Caponi

Certa feita, li um livro de Dostoievsky intitulado “O Sonho de um Homem Ridículo”.

Não que leia muitos livros a cada ano. Na verdade, estou rondando a fatídica média brasileira de 2,43 livros anuais: uma vergonha para um escritor!

Meu álibi, porém, se é que haja álibi para isso, é que nunca dispus do tempo que gostaria para ler e escrever tudo o que desejo.

Quando, porém, decidi-me por esse texto, tanto para embasá-lo, como para contornar essa alegada escassez de tempo, de escrita e de leitura, busquei imaginar um projeto ligeiro, fácil de construir, e que se encaixasse em minha inconfessável indisposição. Pensei em algo ingênuo, quase infantil, que lembrasse a falsa superficialidade do Pequeno Príncipe de Saint Exupéry.

Porém, ao avesso daquele propósito, e com o fito de não reproduzi-lo literalmente, imaginei que não contivesse, como efetivamente não contém o Pequeno Príncipe, detalhes capazes de maquiar a seriedade irrecorrível, (e por que não, inútil), da nossa condição existencial adulta.

Ao que me parece, é exatamente essa menor objetividade formal e existencial, essa fragilidade da consciência reflexiva, que faz da infância a melhor alternativa para a compreensão e exposição das transcendências e incoerências em nossas maturidades. Contraposta à imaginação infantil e à ausência de responsabilidades sociais complexas, nossa maturidade se apequena e nossa temporalidade se dissolve. Esse menor vínculo com a realidade objetiva é que torna o mundo infantil o melhor dos mundos para um escritor.

Por isso, mesmo que, por mera questão prática, minha escolha do tema de referência recaiu, como não poderia deixar de recair, sobre “O Pequeno Príncipe”.

Escolha, é bem verdade, firmada não só na sua indiscutível importância para a literatura mundial, mas, e sobretudo, na admiração e afinidade que me inspiram sua leveza de estilo e sua irretorquível riqueza de conteúdo.

O Pequeno Príncipe é, sem dúvida, um livro inigualável.

Também eu, muita vez, me sinto um piloto solitário das ideias e dos sonhos e, por isso mesmo, também eu, muita vez, costume cair com eles nos desertos da nossa nostálgica materialidade humana.

No momento, devido a uma tempestade de eventos, estou caído ao sul da ilha de Santa Catarina numa improvisada pista de pouso existencial plena de paisagens paradisíacas, de dúvidas abissais e de vínculos subjacentes com o famoso avião que por aqui andou pousando regularmente há coisa de um século: Antoine-Marie-Roger de Saint-Exupéry.

Também ele, imagino, deva ter sentido algo semelhante sempre que o trem de pouso de seu Breguet 14 tocasse a pista que hoje marca indelevelmente o bairro do Campeche, onde atualmente, em sua homenagem, estende-se a Avenida Pequeno Príncipe como principal artéria do bairro.

Ao fim dela, próximo ao mar, como um testemunho edificado em pedra e cal, ergue-se, ainda, o galpão de apoio logístico da antiga Aeropostale, um edifício rústico dos anos trinta em que se abrigavam regularmente um rádio telegrafista de longa distância, um mecânico de plantão e, quase sempre, os pilotos que, cansados de muitas horas de voo solitário, se revezavam nos trechos de sobrevoo ao longo da costa brasileira.

Apesar das incipiências dos aviões da época, o perigoso voo visual noturno tornara-se tenebrosa e regular premência como contraponto indispensável do correio aéreo ao concorrente correio naval cujos navios, mesmo que extremamente mais lentos, não precisavam evitar a escuridão para navegar.

No Campeche onde se reabasteciam os biplanos, havia o “Seu” Deca, companheiro caçara de pescaria do Antoine.

O mesmo “Seu” Deca que lhe acendia as fogueiras na cabeceira da pista sempre que o ronco do motor se aproximasse.

Por incapaz de pronunciar corretamente o nome do francês, “Seu” Deca o abasileirava para Zé Peri, apelido com o qual Antoine por lá se tornou conhecido até os dias de hoje.

Importa assinalar que o terreno comprado pela Aeropostale, (futura Air France), originalmente, pertencia a diversas famílias caixaras. Todas, porém, sem casamento civil, pelo que a empresa teve de contratar juiz de paz que os casasse de uma só vez objetivando legitimar as escrituras e construir a pista de pouso, o hangar e o galpão de que se serviria por alguns anos, até que o forte vento no local demonstrasse a infelicidade da escolha.

Foi assim que um dos pilotos franceses e sua esposa se tornaram padrinhos de três dezenas de casais, o que fortaleceu consideravelmente a camaradagem entre esses compadres transatlânticos.

Também se há de registrar que o morro atrás do aeródromo, hoje chamado de Morro do Lampião, ganhou esse nome estranho por ser ali que o Sr. Olinio Machado, o verdadeiro acendedor de lampiões transfigurado em personagem do Pequeno Príncipe, seguindo o regulamento da Aeropostale, sinalizava metodicamente a posição do Campeche aos aviadores que, na escuridão total, se aproximassem do aeródromo.

Noites desafiadoras aquelas!

Do pouco que sei de aeronavegação e do muito que suponho dos pesadelos, estimo que fosse isso o mais próximo da expectativa de desastre e de pesadelo que então se pudesse vivenciar.

Supor o desespero dos pilotos buscando pouso em meio às trevas e a angústia daqueles pobres caixaras que, no horário previsto, passassem a auscultar o horizonte em busca de algum sinal de vida não é difícil de imaginar.

A par desse exercício de imaginação, outro se me junta: a imagem da extensa faixa de areia da praia do Campeche, (Campo de Pesca em francês), que muito há de ter lembrado a Antoine o Saara Ocidental que sobrevoara por anos na rota Toulouse - Dakar, antes, mesmo, de iniciar-se nas sul-americanas. Não sei, porém, dizer se foi Antoine ou outro piloto que, a partir de 1930, passou a fazer as impossíveis travessias transatlânticas com o rústico hidroavião monomotor Late 28, de Dakar a Natal.

Considerando as condições da época, uma loucura semanal, eu diria: sobreviver por tanto tempo a elas constituía-se, se há de convir, verdadeiro rosário de milagres.

Também das viagens solitárias sobre o deserto no trecho Toulouse-Dakar, (enfocadas no livro Voo Noturno de 1931), restaram alguns traumas físicos e psicológicos que Antoine nunca escondeu e de que nunca se livrou. Particularmente os advindos do desastre de 1936 em sua tentativa frustrada de bater o recorde de tempo entre Paris e Saigon quando caiu no Saara e teve de peregrinar por quatro dias sem água e alimento até que um grupo de beduínos o resgatasse.

A ideia do aparecimento espontâneo de um príncipezinho caído do céu não é, pois, ocasional, mas literalmente acidental, já que provavelmente advinda desse terrível acidente e, muito mais provavelmente, de alguma insolação ou alucinação dele derivada.

O que me ocorre é que sua alma imaginativa de poeta aproveitasse a solidão desses voos noturnos para viajar, também ela, nos devaneios em que se gestaram não só o famoso príncipezinho, como também o restante de sua literatura.

O Pequeno Príncipe foi editado em Inglês e Francês em 1943 na cidade de Nova York quando de seu exílio forçado imposto pela ocupação alemã.

Imediatamente, o livro tornou-se o Best-seller que hoje soma 140 milhões de exemplares impressos e traduções para 600 idiomas.

Mas foi como piloto já veterano com graves sequelas físicas e mentais que, pilotando um P38 Lightning na Segunda Guerra Mundial, Exupéry escreveu a mais dramática página de sua história de aviador e escritor, quando, num voo de reconhecimento saído da Córsega, desapareceu próximo à sua cidade natal, Lyon, após ser abatido por um ME 109 alemão.

Apenas em 2002, os destroços do P38 foram encontrados submersos num ponto fora do plano de voo. Segundo declarações do piloto alemão Horst Hipper que o abateu, Antoine voava baixo e irregular, provavelmente com algum problema físico, mental ou mecânico. O que mais se suspeita é que, por deprimido como andava, resolvera-se por um nostálgico e perigoso sobrevoo a baixa altitude, (suicídio!), sobre Lyon, sua cidade natal, fato que facilitou, em muito, o ataque do alemão.

A mim que adivinho o espírito dos poetas, diria que, abandonando-se ao destino, chorasse copiosamente na cabine diante da catastrófica realidade daquela carnificina e da baixeza moral e espiritual da espécie humana.

Um piloto experimentado como ele não voaria tão baixo naquelas condições!

Como sugeri acima, a Humanidade adulta não combina com os poetas e nem com as crianças e Saint-Exupéry foi, a rigor, a eterna criança e o eterno poeta que soube expressar isso como ninguém mais!

De minha parte, também eu, poeta que sou, no anverso daquela realidade brutal e me defrontando corriqueiramente com a mesma estupidez e as mesmas asneiras, gosto de imaginar seu avião cansado de voar repousando para sempre na praia do Campeche, tal como um pássaro migratório que retomasse fôlego antes de seguir em sua migração.

Foi pensando no príncipezinho de Exupéry que me veio à mente outro príncipe muito menos amigável e simpático, o mesmo que anda por detrás das guerras e da maioria das malvadezas humanas: o “Príncipe” de Maquiavel.

Esse sim, um avesso do Pequeno Príncipe.

Um príncipe pequeno moralmente, verdadeiro espectro fantasmagórico de que não me agrado sequer em lembrar, mas que serve como luva não só como antagonista ao príncipezinho de Antoine, mas, e principalmente, como modelo de tudo que de falta de seriedade haja sobre a face da Terra.

O maquiavelismo, com sua estúpida regra de que os fins justifiquem os meios, a meu ver constitui-se a materialização concreta e coloquial da falta de caráter, de empatia e, principalmente, de sensibilidade e poesia dos seres humanos desafortunadamente ditos normais.

Não sou político e, portanto, para mim, não há sentido algum nesse falso Príncipe!

Maquiavel, de meu ponto de vista, bem que nos poderia deixar em paz sem mais insistir em pairar sobre nossas vidas como inventor glamoroso da maquiagem moral.

Mas isso é um assunto que deixo para o livro que pretendo escrever algum dia em que me reste tempo e vontade para tanto.

Por enquanto, meu príncipe maquiavélico há de esperar.

O que dele sei é que, ao contrário do príncipezinho de Antoine que cresce a cada página do livro, o meu há de se apequenar em tosas elas!

Esse devaneio, porém não passa, confesso, de mero gancho da obra de Saint Exupéry de que me imaginei servir para criar um simimlar Príncipe às avessas. Um príncipe maquiavélico que, ao contrário do de Antoine, desenhe um chapéu tornado em fera e que termine engolindo o mundo como uma jiboia engole um chapéu. (A metáfora me parece perfeita!).

Mais um adulto ridículo, eu diria, que nem Exupéry nem Dostoievsky e, talvez, nem o próprio Maquiavel poderiam prever.

Vou pensar no caso...

POEMA URGENTE

Sérgio Caponi

É preciso abrir todas as vidraças.
É preciso tomar o sol de todas as praças.
É preciso sorver o vinho de todas as taças.

Depressa, por favor...
É preciso navegar por todos os mares.
É preciso flutuar em todos os ares.
É preciso andar por todos os lugares.

Depressa, por favor...

Que a vida escapa por todo os dedos
E o tempo esvai-se em todos os enredos
E minh'alma povoa-se de todo os medos

Depressa, por favor...

Por favor, depressa!

SÉRGIO CAPONI

Engenheiro, acadêmico, escritor, poeta e palestrante. Autor de vários livros. Membro titular da Academia Campinense de Letras – Cadeira 26 e presidente da Academia Campineira de Letras e Artes.
E-mail: sgcaponi@gmail.com

A CHAMA DO DIREITO E O IDEAL DE JUSTIÇA



José Carlos Ortiz

A chama do direito é uma expressão metafórica que se refere à essência, à força, ou ao princípio fundamental do sistema jurídico.

Embora sem um significado técnico específico, pode ser entendida como a força que impulsiona o direito, a justiça e a busca pela equidade e a ordem na sociedade, buscando, enfim, uma sociedade mais justa e equitativa.

Considerando-se que o direito é o conjunto das normas gerais e positivas que regulam a vida social, conclui-se que o seu fim é precisamente determinar as regras que permitam aos homens a vida em sociedade.

E, com esse escopo, o direito domina e absorve a vida da humanidade, buscando um equilíbrio, como mostra a imagem simbólica da balança.

O direito atua em nossa vida desde o nascimento até a morte, e, em algumas situações, até mesmo antes do nascimento e após a morte.

A propósito, ressalte-se que a lei protege o nascituro, que é o ser já concebido, mas que ainda não nasceu, desde a sua concepção, resguardando os seus direitos, que serão adquiridos ao nascer com vida.

E mesmo após a morte, como também salientado, o direito atuará em relação ao falecido, garantindo o acolhimento da sua vontade, como no caso de testamento.

Situações mezinhas do dia a dia que o leigo, muitas vezes, não imagina dependentes de regras jurídicas, são reguladas pelo direito.

Como não vivemos isolados, mas em sociedade, convivemos com outras pessoas, e por isso são necessárias regras de conduta, que moderem a atuação individual no relacionamento com os outros indivíduos.

O direito, então, promove a adequação do ser humano à vida social.

Em discurso proferido na década de 70, na condição de representante do Ministério Público, durante a solenidade de inauguração do novo fórum da comarca onde atuava, afirmei, metaforicamente, que se inaugurava mais um templo da justiça, e que, então, uma oração deveria ser elevada a Themis, sua deusa, a qual, de olhos vendados, estende suas mãos, sem olhar a quem, na ânsia incontida de servir igualmente a todos.

E prossegui na mensagem com uma indagação, seguida da resposta:

É alcançado, porém, esse objetivo?

Infelizmente, nem sempre.

E continuei afirmando que talvez tivesse chegado o momento de desvendar os seus olhos, para que os menos favorecidos fossem vistos na sua realidade, e para que fosse, efetivamente, dado a cada um o que é seu, realizando-se, em toda sua plenitude, o ideal verdadeiro de justiça.

Naquela oportunidade a reflexão prosseguiu, com a afirmação de que as mutações sociais do nosso tempo influíram no espírito dos homens, os quais, na busca apressada de novos valores, esqueceram-se dos mais sagrados princípios éticos, norteadores da convivência social, para mergulhar em individualismos egoísticos, com a satisfação dos interesses pessoais sobrepondo-se aos interesses da coletividade.

Foi salientado que o momento era de reformas, que se processavam em todos os ramos de atividade da comunidade social, e que deveriam alargar também o âmbito da justiça, pois a busca do seu ideal é uma constante na história. Para ela se voltam os homens de hoje, continuando a revelar a preocupação no sentido de que todos sejam tratados justamente, em suas relações recíprocas e nas relações com a sociedade à qual pertencem.

Salientei que revivia, então, atual como nunca, a lição do filósofo grego Aristóteles, para quem a injustiça aparece quando os iguais são tratados desigualmente e, também, quando os desiguais são tratados igualmente.

Sendo um momento de oração, como afirmado no início daquela mensagem, disse então que deveria, naquele instante, ser dirigida ao Senhor das Alturas, para que iluminasse o coração dos homens na sua busca pelo ideal de justiça, e para que as reformas, necessárias, se fizessem, mas voltadas sempre para o bem comum, iluminando o caminho a seguir e afastando a indecisão, a fim de que as idéias novas fossem um complemento dos ensinamentos do filósofo grego, pois somente assim atingir-se-ia o ideal de justiça – a justiça social – único caminho para se conseguir

a tão almejada, porém, cada vez mais difícil de ser alcançada, paz na terra entre os homens de boa vontade.

Passados quase cinquenta anos, porém, e infelizmente, o panorama continua o mesmo.

É triste, e é uma pena constatar que o ser humano, por grande parte de sua espécie, parece não querer evoluir, mantendo-se ferrenhamente apegado ao seu individualismo egoístico.

É o momento, então, de se assoprar a chama do direito, cada vez com mais força, para que se mantenha viva e iluminando o ideal de justiça, e para que não se apague, pois, no dia em que isto acontecer, a humanidade mergulhará na escuridão.

JOSÉ CARLOS ORTIZ

Promotor de Justiça aposentado. Membro do Conselho de Amigos da Academia Campinense de Letras, nos termos do Capítulo V do seu Estatuto Social. Autor do livro *Direito Civil Resumido Parte Geral*, publicado pela Lacier Editora, e da monografia *Competência Criminal da Justiça do Trabalho*, apresentada para obtenção do grau de especialista em Direito do Trabalho perante o Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unisal, Campinas, publicada na edição n. 37 da Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª. Região. Autor de diversos artigos publicados esporadicamente pelo jornal *Correio Popular de Campinas*, e dos textos *Fragmentos de Uma Trajetória*, e *A Família no Direito (Uma Síntese)*, publicados, respectivamente, nas edições números 1 e 2 (Nova Fase) da Revista *Phoenix Campinense*, da Academia Campinense de Letras. Membro do Conselho de Amigos da Academia Campinense de Letras.

E-mail: prof.ortiz@hotmail.com

NOSSA LÍNGUA EM TRÊS TEMPOS



Janete Vicari Barbosa

Mesmo sem eventual reflexão e pesquisa, todos nós, usuários nativos de uma língua, constatamos que a língua muda. Muda constantemente, nos dizemos, na comunicação oral cotidiana, e naturalmente não nos ocupamos muito desse fato, provavelmente porque em muito pouco poderíamos influenciá-lo - isso se o mapeássemos, o que estaria sujeito sabe Deus a quantas dúvidas e questionamentos - porque só depois que o uso se estabiliza é que o fato aconteceu e aí, então, não é mais novidade para ninguém.

Com a língua escrita, o critério é diverso. A estabilidade da língua é maior, decerto porque tudo o que é escrito é mais pensado, mais cuidado e está efetivamente sujeito a “contenções externas”, digamos, às regras gramaticais e aos usos dos bons escritores, professores, jornalistas, etc. Conscientes ou não de suas peculiaridades, estamos todos imersos na nossa língua, e talvez um pouco mais precisamente, na língua do tempo em que vivemos. Seja a falada, seja a escrita. Mas, é interessante observar que a língua escrita também muda.

Talvez possamos, num exercício deliberado, surpreender pequenas diferenças, talvez nuances, apreciando algumas frases de três traduções de um mesmo livro, em tempos diversos. As Cartas do Meu Moinho, de Alphonse Daudet, escrito na segunda metade do século passado, continua a ser traduzido e publicado em muitos países, até na antes longínqua China. Na França, comparece para leituras de escolares até os dias atuais. E no Brasil, são três as traduções disponíveis.

Nos dois quadros abaixo, à esquerda, temos uma frase do conto *La chèvre de M. Seguin*. Contextualizando que esse conto integra o volume *Lettres de mon moulin*, de Alphonse Daudet, obra que mistura o real e o imaginário, reportando-se à região do

interior do sul da França, no Séc. XIX, observemos algumas diferenças nas escolhas tradutórias, evidenciadas nos quadros abaixo.

Na coluna da direita encontram-se três traduções para a frase à esquerda.

<p><i>Le brave M. Seguin, qui ne comprenait rien au caractère de ses bêtes, était consterné. Il disait:</i></p> <p>(A. Daudet, p.28, 1997)</p>	<p>O bom tio Seguin não compreendia a índole das suas cabras, vivia desolado e queixando-se: (Augusto de Sousa, p. 22, 1966)</p> <p>O bom Seu Pedro, incapaz de entender coisa alguma do temperamento de seus bichos, ficava ressentido, dizendo: (Paulo Mendes Campos, p. 17, 1997)</p> <p>O bravo senhor Seguin, que não entendia nada da personalidade de seus animais, consternado, dizia: (Adriane Sander e Paola Felts Amaro, p. 24, 2013)</p>
--	--

O tradutor Augusto de Sousa (1966) traduziu **M. Seguin** como **tio Seguin**, um tratamento que não raro ocorre no Brasil para pessoas mais velhas, quando há certo grau de proximidade, como no interior. O que também é associado a um tempo pregresso, não ao tempo das cidades grandes.

Paulo Mendes Campos (1997), numa tradução dirigida a jovens e crianças, preferiu o “**Seu Pedro**”. “Seu” é mais informal que “senhor”, ainda muito usado pelo interior do Brasil e até cidades maiores. Em ambientes mais formalizados como Bancos, cartórios, hospitais, será mais usual, nos dias atuais, o “Senhor”. A substituição do nome *Seguin* por Pedro, um prenome, foge do estranhamento, mantém a proximidade, a naturalidade de um nome usado no Brasil. Além de Pedro evocar a estabilidade, a continuidade, a base que resiste e permanece lá.

As tradutoras Adriane Sander e Paola Felts Amaro (2013), por sua vez, mantiveram o “**senhor Seguin**”, assumindo a tradução mais literal, que soa mais formal e urbana.

Já o substantivo **caractère** foi traduzido como “**índole**” (1966), “**temperamento**” (1997) e “**personalidade**” (2013).

Aventurando-se um pouco nos significados que podem nos ocorrer durante a leitura, eu colocaria “**índole**” (1966) como uma palavra *quase em desuso* nos dias que correm, pois tende a conflitar com a caracterização atual do ser humano como alguém em processo, alguém que possivelmente se constrói a partir das experiências e de

como lida com elas. Em oposição, **índole** traz uma conotação de elemento psíquico constitutivo inerente, possivelmente imutável, de nascença.

“**Temperamento**” (1997) já se configura para nós como um componente inerente a alguém, porém sem um enquadramento tão rígido. Seria algo como uma tendência espontânea para um certo modo psíquico de ser, que vai se configurando para si e para os outros, a partir do convívio. Parece-me ver esse conceito *um pouco menos frequente do que já foi* nas descrições que procuram caracterizar alguém nos dias que correm, talvez pelo seu grau de subjetividade.

E a “**personalidade**” (2013), embora tenha tido por algum tempo a conotação de “caráter forte”, com características de assertividade, coragem, brilho social, integridade, etc., mais recentemente evoca claramente um determinado conceito da área da Psicologia. Mas, apesar do viés técnico, parece-me que seja *mais usual nos dias que correm*, provavelmente por parecer mais abrangente e objetivo do que temperamento, o qual teria um viés mais subjetivo.

Talvez para leitores menos experientes como eu mesma já fui - o que pode significar mais jovens - o livro traduzido que têm em mãos possa representar ser “a” tradução fiel e única do texto em língua estrangeira. Porém, como os breves excertos das três traduções apresentados acima nos mostram, outras possibilidades podem coexistir. O mesmo ocorre no quadro abaixo.

<p><i>Elle pensa au loup; de tout le Jour la folle n’y avait pas pensé....</i></p>	<p>Ocorreu-lhe que podiam ser os lobos; durante todo o dia, a leviana nem sequer pensava neles. (Augusto de Sousa, p. 30, 1966)</p> <p>Ela se lembrou do lobo. A maluquinha se esquecera disso durante o dia todo. (Paulo Mendes Campos, p. 21, 1997)</p> <p>Pensou no lobo. Durante todo dia a doida não havia pensado nele. (Adriane Sander e Paola Felts Amaro, p. 30, 2013)</p>
---	--

Buscando possíveis relações entre as escolhas tradutórias para *la folle* e a época e o contexto em que viviam os tradutores na ocasião das traduções, ousamos considerar o que segue.

A palavra **leviana** (1966), em nossos dias, está praticamente em desuso, à exceção de contextos religiosos. Na época da primeira tradução, no entanto, era mais corrente

nos romances, e pode ter soado oportuna para caracterizar a conduta da cabrinha: precipitada, imprudente, irrefletida.

Por sua vez, **maluquinha** (1997) tem um viés bem mais simpático, e até carinhoso, em relação à personagem central da história, que no final de contas terá escolhido a liberdade como valor maior que a vida. Ou, quem sabe, o tradutor tenha ecoado o personagem de Ziraldo, O Menino Maluquinho, publicado em 1980, origem de série de História em Quadrinhos que depois foi sucesso editorial nas décadas seguintes. Paulo Mendes Campos, vale lembrar, faleceu em 1991, teria tido tempo portanto...

Doida (2013), a escolha tradutória mais dura, soa quase uma reprimenda, ou talvez uma sutil antecipação para o leitor da trágica consequência das ações da cabrinha, que se deixou levar por sua personalidade curiosa e aventureira, acabando por perder a própria vida.

E assim viajamos um pouco no tempo, na semântica, nas diversidades expressivas sutis de diferentes tempos não tão distantes, em certa medida tentando interpretar, imaginar, como os leitores contemporâneos de cada uma das três edições possam ter se relacionado com a história através dessas palavras.

Não temos como saber ao certo, mas esse exercício nos aproxima um pouco do mundo reconstruído por cada tradutor.

REFERÊNCIAS

DAUDET, Alphonse. **Lettres de mon moulin**. France. Éditions Gallimard. 1997. 224 p. (Coleção Folio Plus). Com 119 notas de esclarecimento e um dossiê sobre o autor, a época, a literatura francesa, e incluindo questões e sugestões de pesquisa, de autoria de Jean-François Dubois e Françoise Moreau.

_____. **Cartas do meu moinho**. Editora Saraiva. São Paulo. 1966. 150 p. (Coleção Saraiva, v. 212). São Paulo. 1966. Tradução de Augusto de Sousa.

_____. **Cartas do meu moinho**. Editora Scipione. 2ª. Edição, 1997. São Paulo. 94 p. (Série Reencontro). Traduzido e adaptado de *Lettres de mon moulin*, de Alphonse Daudet, Éditions du Panthéon, Paris, 1949. Tradução de Paulo Mendes Campos.

_____. **Cartas do meu moinho** – Contos Escolhidos. Editora Artes e Ofício. Porto Alegre. 2017. 88 p. Tradução, apresentação, análise e cronologia Adriane Sander e Paola Feltes Amaro. Ilustrações Jandaíra Vendramini e Juliana Dischke.

JANETE VICARI BARBOSA

Aluna do Curso de Letras – Tradução - UFRGS. Médica Fisiatra; Orientadora Educacional. Nasci numa pequena cidade de colonização italiana, na serra gaúcha, onde não havia livraria. Mas, passavam vendedores de livros. Depois que aprendi a ler, sentada na porta da frente da casa da Vovó – que era parteira treinada pelo único médico da cidade - lia em voz alta para as crianças da vizinhança os poemas e as histórias da coleção *O Mundo da Criança*, da tia Dinorah, que era professora. Em casa, tínhamos o *Tesouro da Juventude*. As tias liam romances. Decerto pelos cursos que segui mais tarde (tornei-me Pedagoga e Médica Fisiatra), trabalhei com adolescentes, depois com grupo de pesquisadores em ensino médico, atuando na própria Faculdade de Medicina onde estudei. Sou filha da UFRGS em todos os sentidos, e muito grata. E ainda estou sob suas asas, no curso de Letras. Membro do Conselho de Amigos da Academia Campinense de Letras.

E-mail: Jaja.rede@gmail.com